

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS**

FRANCISCA ALVES DA SILVA MIRANDA

**A REALIZAÇÃO DOS FONEMAS /l/ E /n/, DIANTE DE [i, j], E DE /ʎ/ E /ɲ/, ENTRE
VOGAIS, NA FALA DOS MORADORES DE ANAMÃ E BERURI (AM): UM
ESTUDO VARIACIONISTA**

**MANAUS
2021**

FRANCISCA ALVES DA SILVA MIRANDA

**A REALIZAÇÃO DOS FONEMAS /l/ E /n/, DIANTE DE [i, j], E DE /ʌ/ E /ɲ/, ENTRE
VOGAIS, NA FALA DOS MORADORES DE ANAMÃ E BERURI (AM): UM
ESTUDO VARIACIONISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso.

**MANAUS
2021**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M672r Miranda, Francisca Alves da Silva
A realização dos fonemas /l/ e /n/, diante de [i, j], e de /ʎ/ e /ɲ/,
entre vogais, na fala dos moradores de Anamá e Beruri (AM): um
estudo variacionista / Francisca Alves da Silva Miranda. 2021
149 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Sociolinguística. 2. Dialetologia. 3. Palatalização. 4.
Vocalização. 5. Apagamento. I. Cruz-Cardoso, Maria Luiza
de Carvalho. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

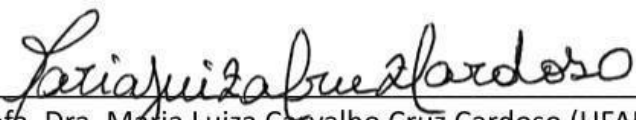
FRANCISCA ALVES DA SILVA MIRANDA

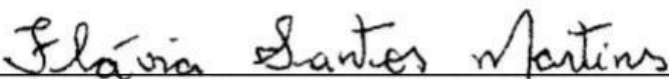
**A REALIZAÇÃO DOS FONEMAS /l/ E /n/, DIANTE DE [i, j], E DE /ʎ/ E /ɲ/, ENTRE
VOGAIS, NA FALA DOS MORADORES DE ANAMÃ E BERURI (AM): UM
ESTUDO VARIACIONISTA**

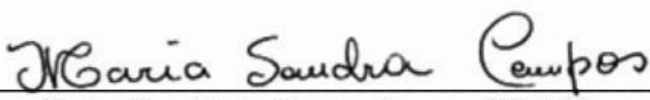
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Estudos da Linguagem.

Aprovada em 01 de dezembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA:


Profa. Dra. Maria Luiza Carvalho Cruz Cardoso (UFAM)


Profa. Dra. Flávia Santos Martins (UFAM)


Profa. Dra. Maria Sandra Campos (UFAM)

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor da minha vida, pelo imensurável amor que tem por mim, permitindo, assim, que eu chegasse ao fim dessa jornada com êxito.

À minha pequena e grande família pelo apoio incondicional e abnegação da minha presença em muitos momentos.

À Maria Luiza de Carvalho Cruz-Cardoso, minha orientadora, por aceitar me orientar e contribuir com minha formação acadêmica.

Aos membros da banca examinadora, por aceitar e se dispor em ler este trabalho e pelas contribuições de melhoria nele.

Aos professores do PPGL, de modo especial, à professora Dra. Flávia Santos Martins, por compartilhar seus conhecimentos, contribuindo de modo especial para uma visão social da língua.

À Universidade Federal do Amazonas e ao PPGL por proporcionar a mim uma oportunidade de formação.

Aos informantes que se dispuseram em participar desta pesquisa, sem os quais, ela não teria sido realizada.

Ao Marlúcio Sampaio, Coordenador Regional de Educação, e à Nonata Viana de Souza que me acompanharam nas entrevistas, na localidade de Anamã (AM).

Ao Francisco Soares de Souza que me acompanhou nas entrevistas na localidade de Beruri (AM).

Aos colegas de curso que fiz nessa trajetória acadêmica no Mestrado em Letras, que torceram e colaboraram com meu aprendizado.

À Ana Miles com quem compartilhava minhas angústias e também momentos de alegria. Obrigada pela cumplicidade de todos esses anos.

Ao João Bosco e à Kátia pelo companheirismo e momentos de descontrações, tornando a vida mais leve.

À minha amiga Lauriane que muito contribuiu com meu aprendizado. Foi amiga, foi irmã, foi um ser de luz nos meus momentos escuros.

Por fim, não menos importante, agradeço à minha amiga Geise que acompanhou todos os momentos desde o início do Mestrado. Obrigada por seu companheirismo, cumplicidade, ajuda, orientação, dicas, apoio e auxílio em todo o percurso até a finalização deste trabalho. Sua amizade tornou o processo mais leve e agradável.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo investigar a realização dos fonemas /l/ e /n/, diante de [i, j], e /ʎ/ e /ɲ/, entre vogais, na fala do português falado nas cidades de Anamá e Beruri, no Amazonas. Esta pesquisa tem como arcabouço teórico-metodológico a Sociolinguística Variacionista e a Geolinguística (especialmente, quanto ao instrumento de coleta de dados). Para análise da realização dos fonemas, foram controladas variáveis independentes linguísticas (contexto antecedente, contexto seguinte, tonicidade, número de sílabas, posição na palavra, classe morfológica e grau da palavra) e variáveis independentes extralinguísticas (faixa etária, sexo e localidade). Os dados foram coletados por meio da aplicação de um questionário fonético-fonológico contendo 204 vocábulos divididos entre os fonemas estudados /l/, /n/, /ʎ/ e /ɲ/. Foram entrevistados 12 informantes, não escolarizados ou até a 4ª série do Ensino Fundamental I, sendo 6 em cada localidade, divididos em três faixas etárias (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante), sendo um homem e uma mulher para cada faixa. Os dados foram transcritos foneticamente, codificados, e submetidos a rodadas estatísticas pelo programa *GoldVarb X*. Para /l/ no contexto de [i, j], foram registradas 642 ocorrências, sendo 599 da variante palatal [ʎ], correspondendo a 93,3% dos dados, e 43 ocorrências da variante alveolar [l], que corresponde a 6,7%. Para /n/, foram registradas 144 realizações no contexto de [i, j], distribuídas entre a variante nasal palatal [ɲ], com 118 ocorrências correspondendo a 81,9% dos dados, e a variante vocalizada [j], com 26 ocorrências equivalendo a 18,1%. Para /ʎ/, foram contabilizados 737 dados, sendo 339 ocorrências da variante lateral palatal [ʎ], o que corresponde a 46,0% dos dados, e 398 ocorrências da variante palatalizada [ɲ], o que corresponde a 54,0%. Para /ɲ/, foram 793 ocorrências, sendo 452 dados com apagamento [Ø], o que corresponde a 57,0% dos dados, 318 dados com vocalização [j], o que corresponde a 40,1%, e 23 com a nasal palatal [ɲ], o que corresponde a 2,9%. Os resultados gerais indicaram alta frequência de palatalização, vocalização e apagamento nas comunidades de fala investigadas.

Palavras-chave: Sociolinguística; Dialetologia; palatalização; vocalização; apagamento.

ABSTRACT

This work aimed to investigate the realization of the phonemes /l/ and /n/, in front of /i/, and /ɛ/ and /ɐ/, between vowels, in the speech of Portuguese spoken in the cities of Anamá and Beruri, in Amazonas. This research has as theoretical-methodological framework the Variationist Sociolinguistics and Geolinguistics. For analysis of phoneme realization, linguistic independent variables (prior context, following context, stress, number of syllables, word position, morphological class and word degree) and extralinguistic independent variables (age group, sex and location) were controlled. The data were collected through the application of a phonetic-phonological questionnaire containing 204 words divided among the studied phonemes /l/, /n/, /ɛ/ and /ɐ/. Twelve non-schooled informants or up to the 4th grade of Elementary School I were interviewed, 6 in each location, divided into three age groups (18 to 35 years old, 36 to 55 years old and 56 years old onwards), one male and one woman for each age group. Data were phonetically transcribed, coded, and subjected to statistical rounds using the *GoldVarb X* program. For /l/ in the context of /i/, 642 occurrences were recorded, 599 of the palatal variant [ʎ], corresponding to 93.3% of the data, and 43 occurrences of the alveolar variant [l], which corresponds to 6.7%. For /n/, 144 occurrences were recorded in the context of /i/, distributed between the palatal nasal variant [ɲ], with 118 occurrences corresponding to 81.9% of the data, and the vocalized variant [j], with 26 occurrences corresponding to at 18.1%. For /ɛ/, 737 data were counted, with 339 occurrences of the palatal lateral variant [ʎ], which corresponds to 46.0% of the data, and 398 occurrences of the palatalized variant [j], which corresponds to 54.0%. For /ɐ/, there were 793 occurrences, 452 data with deletion [Ø], 318 data with vocalization [j], and 23 with the palatal nasal [ɲ]. The general results indicated a high frequency of palatalization, vocalization and deletion in the investigated speech communities.

Keywords: Sociolinguistics; Dialectology; palatalization; vocalization; deletion.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização do Município de Anamá (AM)	20
Figura 2 - Mapa de localização do Município de Beruri (AM).....	23
Figura 3 - Alfabeto Fonético Internacional	46

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Realização geral do fonema /l/ diante de [i, j] na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	85
Gráfico 2 - Frequência da variante [Λ], segundo a <i>faixa etária</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas.....	90
Gráfico 3 - Realização geral do fonema /n/ diante de [i, j] na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	94
Gráfico 4 - Realização geral do fonema /ʎ/ na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	101
Gráfico 5 - Realização geral do fonema /ɲ/ na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	111
Gráfico 6 - Frequência da variante [j], segundo a <i>faixa etária</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas.....	119
Gráfico 7 - Frequência da variante [Ø], segundo a <i>faixa etária</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas.....	122

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Alguns Atlas linguísticos regionais no Brasil	39
Quadro 2 - Alguns trabalhos dialetológicos realizados no Amazonas	41
Quadro 3 - Atlas linguísticos regionais no Amazonas	42
Quadro 4 - Estratificação social dos informantes.....	63
Quadro 5 - Variáveis controladas, em relação ao fonema /l/ diante de [i, j]	80
Quadro 6 - Variáveis controladas, em relação ao fonema /n/ diante de [i, j]	81
Quadro 7 - Variáveis controladas, em relação ao fonema /ʎ/.....	82
Quadro 8 - Variáveis controladas, em relação ao fonema /ɲ/.....	83
Quadro 9 - Realização da variante [l] e da variante [ʎ] em Oliveira <i>et al.</i> (2009) e Evangelista (2018).....	85
Quadro 10 - Cruzamento dos grupos de fatores <i>faixa etária</i> e <i>sexo</i> em relação à fala dos moradores de Anamã e Beruri	124
Quadro 11 - Cruzamento dos grupos de fatores <i>faixa etária</i> e <i>localidade</i> em relação à fala dos moradores de Anamã e Beruri	125
Quadro 12 - Cruzamento dos grupos de fatores <i>sexo</i> e <i>localidade</i> em relação à fala dos moradores de Anamã e Beruri	126

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Grupos de fatores que realizaram a variante [ʎ] de forma categórica.....	86
Tabela 2 - Frequência e probabilidade da variante [ʎ], conforme a <i>tonicidade</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	87
Tabela 3 - Frequência e probabilidade da variante [ʎ], conforme o <i>contexto antecedente</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas.....	88
Tabela 4 - Frequência e probabilidade da variante [ʎ], conforme a <i>faixa etária</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	90
Tabela 5 - Frequência da variante [ʎ], conforme a <i>posição na palavra</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	91
Tabela 6 - Frequência da variante [ʎ], conforme o <i>número de sílabas</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	92
Tabela 7 - Frequência da variante [ʎ], conforme o <i>grau da palavra</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas.....	92
Tabela 8 - Frequência da variante [ʎ], conforme a <i>localidade</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas.....	93
Tabela 9 - Frequência e probabilidade da variante [ɲ], conforme o <i>contexto seguinte</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas.....	95
Tabela 10 - Frequência e probabilidade da variante [ɲ], conforme o <i>contexto antecedente</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas.....	96
Tabela 11 - Frequência e probabilidade da variante [ɲ], conforme a <i>tonicidade</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	97
Tabela 12 - Frequência e probabilidade da variante [ɲ], conforme o <i>grau da palavra</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas.....	97
Tabela 13 - Frequência da variante [ɲ], conforme o <i>número de sílabas</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	98
Tabela 14 - Frequência da variante [ɲ], conforme a <i>localidade</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas.....	99
Tabela 15 - Frequência da variante [ɲ], conforme o <i>sexo</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	99
Tabela 16 - Frequência da variante [ɲ], conforme a <i>faixa etária</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas.....	100

Tabela 17 - Frequência da variante [ɲ], conforme a <i>posição na palavra</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	100
Tabela 18 - Frequência e probabilidade da variante [ɮ], conforme o <i>contexto antecedente</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas.....	103
Tabela 19 - Frequência e probabilidade da variante [ɮ], conforme a <i>tonicidade</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	104
Tabela 20 - Frequência e probabilidade da variante [ɮ], conforme o <i>contexto seguinte</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas.....	105
Tabela 21 - Frequência e probabilidade da variante [ɮ], conforme o <i>número de sílabas</i> , na fala de moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	106
Tabela 22 - Frequência e probabilidade da variante [ɮ], conforme a <i>posição na palavra</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas.....	107
Tabela 23 - Frequência e probabilidade da variante [ɮ], conforme a <i>localidade</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	108
Tabela 24 - Frequência da variante [ɮ], conforme a <i>faixa etária</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas.....	109
Tabela 25 - Frequência da variante [ɮ], conforme a <i>classe morfológica</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	109
Tabela 26 - Frequência da variante [ɮ], conforme o <i>sexo</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	110
Tabela 27 - Frequência e probabilidade da variante [ʃ], conforme a <i>posição na palavra</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas.....	114
Tabela 28 - Frequência e probabilidade da variante [Ø], conforme o <i>número de sílabas</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas.....	115
Tabela 29 - Frequência e probabilidade da variante [Ø], conforme a <i>classe morfológica</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas.....	116
Tabela 30 - Frequência e probabilidade da variante [ʃ], conforme a <i>localidade</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	117
Tabela 31 - Frequência e probabilidade da variante [ʃ], conforme a <i>faixa etária</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	118
Tabela 32 - Frequência e probabilidade da variante [ʃ], conforme o <i>sexo</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	119

Tabela 33 - Frequência e probabilidade da variante [Ø], conforme o <i>sexo</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	120
Tabela 34 - Frequência e probabilidade da variante [Ø], conforme a <i>faixa etária</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	121
Tabela 35 - Frequência e probabilidade da variante [Ø], conforme a <i>localidade</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	123
Tabela 36 - Frequência da variante [j], conforme o <i>contexto seguinte</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	127
Tabela 37 - Frequência da variante [j], conforme a <i>tonicidade</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas.....	128
Tabela 38 - Frequência da variante [j], conforme a <i>classe morfológica</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	128
Tabela 39 - Frequência da variante [j], conforme o <i>número de sílabas</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	129
Tabela 40 - Frequência da variante [Ø], conforme a <i>posição na palavra</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	129
Tabela 41 - Frequência da variante [Ø], conforme a <i>tonicidade</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas.....	130
Tabela 42 - Frequência da variante [Ø], conforme o <i>contexto seguinte</i> , na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas	130

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1 - AS CIDADES INVESTIGADAS: UM POUCO DE HISTÓRIA	20
1.1 Perfil sócio-histórico da cidade de Anamá (AM).....	20
1.2 Perfil sócio-histórico da cidade de Beruri (AM)	22
CAPÍTULO 2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	26
2.1 A Sociolinguística: panorama histórico	26
2.1.1 A heterogeneidade ordenada	29
2.1.2 Variação, variável e variantes: alguns conceitos.....	32
2.2 A Dialetoлогия	35
2.2.1 A origem da Dialetoлогия	35
2.2.2 Fases da Dialetoлогия no Brasil	37
2.2.3 A Dialetoлогия no Amazonas	41
2.3 Objeto de estudo: /l/ e /n/ diante de [i, j] e /ʎ/ e /ɲ/ entre vogais.....	42
2.3.1 A história das palatais.....	42
2.3.2 A descrição fonética de /l/ e /n/ diante de [i, j] e de /ʎ/ e /ɲ/ entre vogais	46
2.3.3 A realização de /l/ e /n/ diante de [i, j] e de /ʎ/ e /ɲ/ entre vogais, no Brasil.....	47
2.3.4 A realização de /l/ e /n/ diante de [i, j] e de /ʎ/ e /ɲ/ entre vogais, no Amazonas	53
CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	60
3.1 A metodologia da pesquisa sociolinguística e dialetológica	60
3.1.1 O contexto da pesquisa e o perfil do informante.....	61
3.1.2 Instrumentos de geração dos dados	63
3.1.3 Aplicações do questionário fonético-fonológico: a geração de dados	64
3.1.4 Procedimentos de análise dos dados: tratamento quantitativo	66
3.2 Envelope de variação.....	67
3.2.1 As variáveis dependentes	67
3.2.2 As variáveis independentes controladas.....	70
CAPÍTULO 4 - DESCRIÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	84
4.1 A realização de /l/ diante de [i, j]	84
4.1.1 Variáveis independentes relevantes.....	86
4.1.1.1 Variáveis linguísticas	87
4.1.1.2 Variável extralinguística.....	89
4.1.2 Variáveis independentes não relevantes.....	91

4.2	A realização de /n/ diante de [i, j]	93
4.2.1	Variáveis independentes relevantes.....	95
4.2.1.1	Variáveis linguísticas	95
4.2.2	Variáveis independentes não relevantes.....	98
4.3	A realização de /ʎ/.....	101
4.3.1	Variáveis independentes relevantes.....	102
4.3.1.1	Variáveis linguísticas	102
4.3.1.2	Variável extralinguística.....	107
4.3.2	Variáveis independentes não relevantes.....	109
4.4	A realização de /ɲ/.....	111
4.4.1	Variáveis independentes relevantes.....	113
4.4.1.1	Variáveis linguísticas	114
4.4.1.2	Variáveis extralinguísticas	117
4.4.2	Variáveis independentes não relevantes.....	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS		131
REFERÊNCIAS		135
APÊNDICE A - TCLE		138
APÊNDICE B - FICHA DA LOCALIDADE		139
APÊNDICE C - FICHA DO INFORMANTE		140
APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO		141

INTRODUÇÃO

Os estudos sociolinguísticos e dialetológicos começam a abrir caminhos a partir de 1950. Mas é na década de 1960, com William Labov, que os estudos sociolinguísticos, especificamente, tomam novos rumos, sobretudo no que concerne à metodologia para investigar e recolher dados da fala no contexto social, ou seja, o uso real dos falantes em determinada comunidade linguística. O conceito de heterogeneidade ordenada implementado por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e corroborado por Labov (2008 [1972]) mostra que tanto os condicionadores linguísticos quanto os extralinguísticos podem influenciar a variação e/ou mudança nas línguas.

Sabe-se que a língua muda de acordo com os seus falantes no tempo e no espaço, apresentando-se de forma heterogênea e ordenada. Considerada no contexto social e linguístico, ela varia, convive e/ou muda (CARDOSO, 2010; COELHO *et al.*, 2015; LABOV, 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]).

Nesse sentido, a Sociolinguística e a Dialetologia apresentam metodologias para o estudo da língua em seu uso social, espacial e linguístico para dar conta de explicar a variação, a convivência e a mudança nas línguas (CARDOSO, 2010; COELHO *et al.*, 2015).

No Brasil, encontramos vários pesquisadores cujos trabalhos têm um caráter Dialetológico, como os dos brasileiros: Borges de Barros, que publica um estudo no livro de Adrien Balbi, em 1826; Amadeu Amaral, com a publicação do livro *O dialeto caipira*, em 1920; Antenor Nascentes, com a publicação de *O linguajar carioca*, em 1922; Serafim da Silva Neto, com a publicação da *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, editado em 1950 que reúne estudos anteriores publicados em 1946.

A partir de então, uma nova fase de estudos dialetológicos no Brasil começa a surgir com o filólogo Celso Cunha, que realiza inúmeros trabalhos, dentre eles a *Língua portuguesa e realidade brasileira*. Entretanto, é como dialetólogo que Celso Cunha, junto a Serafim da Silva Neto, que apresentam, em 1957, a proposta do *Atlas Linguístico-Etnográfico do Brasil*, ao 3º Colóquio Internacional Luso-Brasileiros que acontece em Lisboa.

A partir da implantação do *Atlas Linguístico do Brasil*, a Dialetologia adota novos princípios metodológicos incorporados da Sociolinguística para estudar a variação linguística.

Na Região Norte, no Estado do Amazonas, especificamente, o grande avanço nos estudos linguísticos dialetológicos, com base na dialetologia pluridimensional se deu com a elaboração do *Atlas Linguístico do Amazonas* (CRUZ, 2004). Há que se registrar, também, que as pesquisas dialetológicas, com base monodimensional, tiveram início no Amazonas

com Corrêa (1980), com o desenvolvimento de sua dissertação de mestrado intitulada: *Falar do caboco – aspectos fonéticos-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves*.

No português do Brasil, podemos encontrar vários casos de variação linguística no nível fonético-fonológico, como a realização dos fonemas /l/ e /n/ diante de [i] e dos fonemas /ʎ/ e /ɲ/ que ocorrem entre vogais¹.

Autores como Silva (2014) e Cagliari (2007) têm observado as variações linguísticas no uso desses fonemas, tais como: a nasal palatal [ɲ] [a'ɾɲa], a variante palatalizada [ɲ̃] [a'ɾɲ̃a] e a variante vocalizada nasalizada [ỹ]² [a'ɾɲ̃a] e, também, o apagamento [Ø] como em [bo'kĩa]. A lateral palatal apresenta variação tais como: lateral palatal [ʎ] [o'reʎa], a palatalização [j] [o'rej̃a] e a vocalização [y] [o'reya].

Já as alveolares /l/ e /n/ podem ser realizadas de forma não palatalizada, quando estão diante de [a, ɛ, e, ɔ, o, u]. Nestes casos, temos uma lateral alveolar [l] e uma nasal alveolar [n]. Exemplos: ['lata], ['ləkɪ], ['leh], ['lota], ['lobu]; ['nata], ['negu], ['netu], ['novu]. Mas isso não acontece quando as alveolares estão no contexto de [i, j], pois no português do Brasil os fonemas /l/ e /n/ sofrem variação, a exemplo de 'litro', que pode se realizar como ['litru] ~ ['ʎitru], e 'maninha', que pode ser realizada como [mã'nĩɲa] ~ [mã'ɲĩɲa] (CAMARA JÚNIOR, 1997; SILVA, 2014). Também, podemos observar que em vocábulo postônico como ['eʎi], podemos ter a realização de [i] para o fonema /e/.

Ainda, no Brasil, podemos citar outras pesquisas que abordam a realização da lateral alveolar, nasal alveolar, nasal palatal e lateral palatal, como os trabalhos de Brandão (2007), Soares (2008), Oliveira *et al.* (2009), Freire (2011), Santos e Chaves (2012) e Pedrosa (2016). No Amazonas, além dos trabalhos dialetológicos de Corrêa (1980) e de Cruz (2004), encontramos, também, a pesquisa de Torres (2009), Brito (2009), Justiniano (2012), Evangelista (2018) e Maia (2018).

O Amazonas ainda apresenta poucos estudos de análise da variação linguística do português amazonense no que concerne à realização dos fonemas /l/ e /n/ diante de [i, j] e dos fonemas /ʎ/ e /ɲ/ entre vogais. No entanto, é uma região fértil para exploração nessa área, tendo em vista sua peculiaridade regional, rica em diversas formas de falar.

Considerando as alveolares e as palatais, na busca de compreender a realização desses fonemas na fala do português de Anamã e Beruri (AM), realizamos este estudo sob a

¹ Os fonemas /ɲ/ e /ʎ/ só ocorrem em posição inicial em palavras de origens não latina, integradas no léxico português, ou seja, por empréstimos de outras línguas (MATTOS E SILVA, 2015).

² Silva (2014, p. 61) afirma que o segmento vocálico nasalizado [ỹ] para o dígrafo 'nh' corresponde, foneticamente, a um segmento vocálico [i] nasalizado, como a vogal de "sim". Contudo, em termos distribucionais tal vogal ocupa a posição de uma consoante na estrutura silábica, e por isso representa tal segmento por [ỹ].

perspectiva da Sociolinguística Variacionista e da Dialetologia com a fala de seis informantes de cada localidade.

Anamã é um pequeno município que está localizado à margem direita do paraná do Anam, afluente do rio Solimões. O surgimento desse município está atrelado  história do município de Manacapuru, que foi fundado em 1776, no local da aldeia dos índios muras, após a pacificação desse povo, e que se mudaram para a foz do Rio Manacapuru e, posteriormente, para a vila de Anam, que em 1938  elevada  categoria de Distrito e em 1981  categoria de município. A principal economia desta localidade está voltada para a agricultura, pecuária, avicultura, hortifruticultura e piscicultura.

Beruri, assim como Anam, é um pequeno município do Amazonas localizado à margem direita do rio Purus, fundado na aldeia dos ndios Muras Barus, terra farta, que despertou o interesse de outros povos que vieram de Portugal, Itália, Colômbia e Peru, assim como dos estados do Ceará, Maranhão e Pernambuco. Sua população é formada, principalmente, da mistura de brancos com ndios (BELTRÃO, 2010).

Atualmente, os dois municípios são localidades que se desenvolvem paulatinamente em vários setores, porém, não encontramos nenhum trabalho que explore a variação linguística na fala dos moradores dessa região.

Com a finalidade de descrever a realização das referidas alveolares e laterais na fala dos moradores dessas duas localidades, o objetivo geral desta pesquisa foi:

- Investigar a realização dos fonemas /l/ e /n/ diante de [i, j] e de /k/ e /p/ entre vogais, no português falado nas cidades de Anam e Beruri, no Amazonas.

Para isso, traçamos os seguintes objetivos específicos:

- Descrever qual é a variante mais produtiva dos fonemas alveolares /l/ e /n/ no contexto [i, j] e das palatais /k/ e /p/ entre vogais, na fala do português de Anam e Beruri (AM);
- Identificar os condicionadores linguísticos e extralinguísticos que podem influenciar a realização das variáveis dependentes investigadas;
- Comparar o comportamento da regra variável nos dados da fala dos moradores de Anam e Beruri (AM) com dados de outras pesquisas;

Para nortear a pesquisa, houve a necessidade de levantar alguns questionamentos, a saber:

No contexto de [i, j], os fonemas alveolares /l/ e /n/ são palatalizados na fala dos moradores de Anam e Beruri? Qual variante caracteriza a fala dessas localidades?

Pesquisas como a de Evangelista (2018), que estudou a comunidade de fala manauara, aponta que as alveolares, nesse contexto, tanto no início como no meio e no fim dos vocábulos têm uma tendência maior para a palatalização do que a permanência alveolar. Embora em vocábulos no diminutivo os informantes apresentem um número expressivo de não palatalização. Nos estudos de Oliveira *et al.* (2009), realizado com dados em sete cidades paraenses, os pesquisadores apontam que /l/ diante de [i] realiza-se, em sua maioria, de forma palatalizada. Ainda, tratando da pesquisa de Evangelista (2018), no que se refere à alveolar /n/ diante de [i] em final de vocábulos, a pesquisadora apresenta que existe uma tendência maior para a realização de [ɲ].

Quais os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos influenciam a variação das variáveis /l/ e /n/ diante de [i, j] na fala dos moradores de Anamã e Beruri?

Considerando a pesquisa de Oliveira *et al.* (2009), acreditamos que os grupos de fatores linguísticos têm uma tendência maior para favorecer a realização palatalizada, e, por isso, serão os primeiros selecionados como relevantes pelo programa estatístico, sobretudo os contextos que antecedem e seguem /l/ e /n/, enquanto que os grupos de fatores extralinguísticos podem não se mostrar tão relevantes.

Como são realizados os fonemas /ʎ/ e /ɲ/ no português de Anamã e Beruri?

Consideramos os resultados encontrados por Brandão (2007) em treze comunidades do Estado do Rio de Janeiro, a variante lateral [ʎ] tem maior tendência e concorre com [l^j], a segunda mais produtiva, sendo que os grupos de fatores estruturais contribuem para isso, não obstante, os grupos de fatores extralinguísticos também. Assim, ela estabelece dois padrões para sua pesquisa, um socialmente não marcado e outro socialmente marcado. Freire (2011) também fez um estudo sob a variação da lateral palatal no dialeto paraibano a partir da teoria da variação, verificando um *corpus* sincrônico (XVIII) e outro *corpus* diacrônico. Nesse estudo, encontrou as variantes [ʎ]~[l] e [ʎ]~[j] e, ainda, o fenômeno do apagamento [Ø] na língua portuguesa. Freire (2011) diz que seus dados são comparáveis com os de Brandão (2007). Já Soares (2008) apresenta os grupos de fatores extralinguísticos como os mais significativos para a variação da lateral palatal /ʎ/ e da nasal palatal /ɲ/ encontradas na sua pesquisa no Estado do Pará. Na pesquisa de Pedrosa (2016), que verifica o *status* da nasal palatal em João Pessoa, os condicionadores linguísticos foram selecionados como os mais relevantes para o processo de variação. Torres (2009) pesquisa também a realização da lateral palatal /ʎ/ e /ɲ/, nos municípios de Silves e Itapiranga (AM), apresentando em seus resultados os condicionadores estruturais e sociais que influenciam a variação. Cruz (2004) apresenta, no *Atlas Linguístico do Amazonas* (ALAM), variantes dessas variáveis, em que a variante [l^j]

para a realização de /k/ aparece como a mais produtiva e para a nasal palatal /ɲ/, o apagamento como o mais produtivo. Maia (2018), em sua tese intitulada *Atlas Linguístico do Sul Amazonense – ALSAM*, analisa a realização de /l/ em contexto precedente [i, j], de /k/, de /n/ precedente ao segmento vocálico alto [i, j] e de /ɲ/. A realização da lateral alveolar /l/ nos municípios de Boca do Acre, Lábrea, Tapauá e Humaitá é caracterizada pelo uso da lateral alveolar [l], já em Manicoré e Borba é caracterizada pelo uso da lateral palatal [ɭ]. A variável lateral palatal /k/ é caracterizada de forma quase categórica pela variante palatal com raros casos de iotização e apagamento. A nasal alveolar /n/ precedente à [i, j] é caracterizado de forma quase categórica pela variante palatalizada [ɲ]. A variável nasal palatal /ɲ/ é caracterizada pela semivogal nasalizada [j̃]. Pelo fato dos municípios desta pesquisa estarem localizados na microrregião do Rio Negro-Solimões, onde Cruz (2004) fez sua pesquisa, acreditamos que a variante palatalizada [ɲ] para a realização de /k/ pode caracterizar as duas localidades, assim como o apagamento para a realização de /ɲ/.

Quais grupos de fatores linguísticos e/ou extralinguísticos influenciam a variação de /k/ e /ɲ/ na fala dos moradores de Anamã e Beruri (AM)?

Conforme estudos realizados, e por se tratar de uma variável dependente no nível fonético-fonológico, acreditamos que os grupos de fatores linguísticos serão mais significativos do que os extralinguísticos para o fenômeno da variação de /k/ e /ɲ/.

Além dessas hipóteses gerais, também levantamos outras hipóteses específicas para cada grupo de fatores controlados nesta pesquisa, tanto linguísticos quanto extralinguísticos, que podem ser encontradas no Capítulo 3.

Acerca da estrutura e organização deste trabalho, no Capítulo 1, apresentamos o perfil sócio-histórico dos municípios em estudo, Anamã e Beruri (AM). No Capítulo 2, trazemos a fundamentação teórico-metodológica e discorremos, primeiro, sobre o panorama histórico da Sociolinguística, a heterogeneidade ordenada e os conceitos de variação, variável e variantes. Em seguida, falamos da Dialetoлогия desde a sua origem, suas fases no Brasil e no Amazonas. Posteriormente, apresentamos algumas considerações sobre nosso objeto de estudo: os fonemas /l/ e /n/ no contexto de [i, j] e os fonemas /k/ e /ɲ/ entre vogais. No Capítulo 3, discorremos sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa sociolinguística e dialetológica, o contexto e o perfil dos informantes, a geração e tratamento de dados, o suporte quantitativo e o envelope de variação. No Capítulo 4, apresentamos a análise e a discussão dos resultados da pesquisa. E, por fim, apresentamos as considerações finais para responder as questões que nortearam o trabalho de acordo com os resultados encontrados nesta pesquisa.

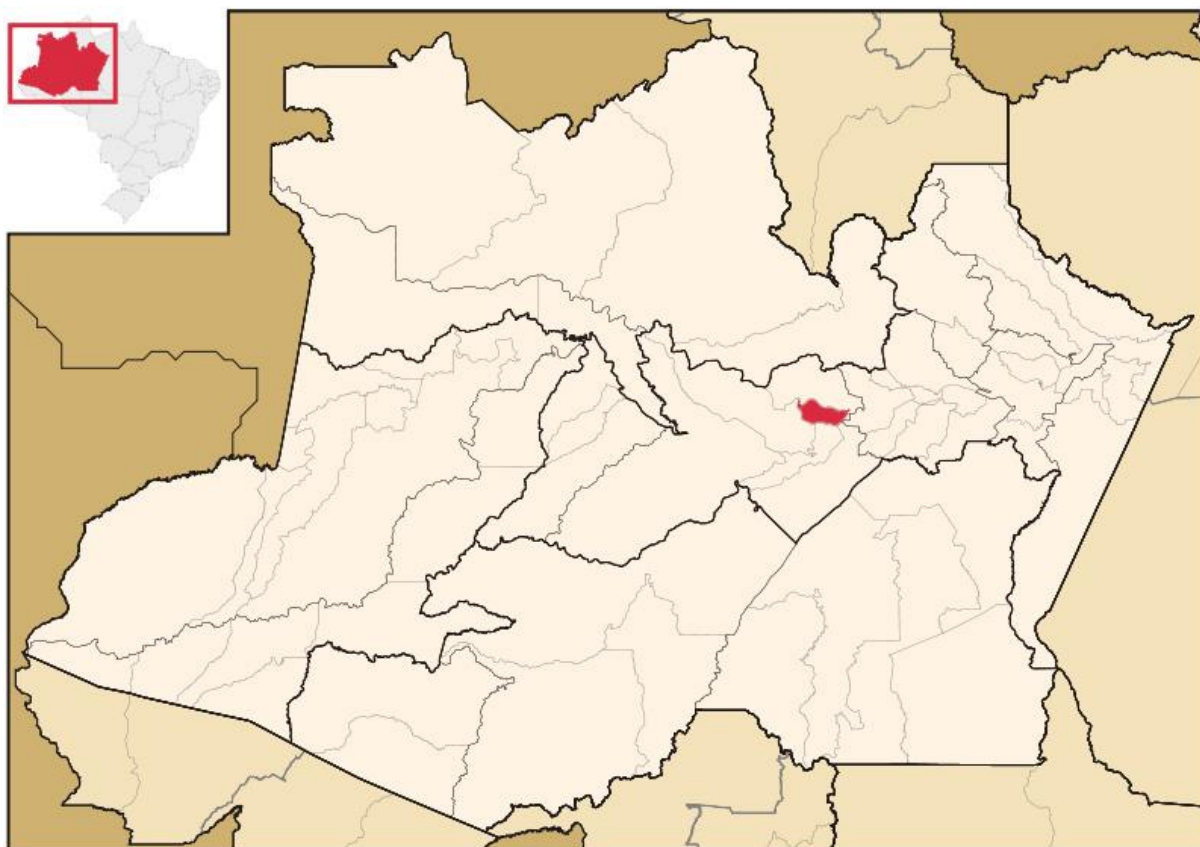
CAPÍTULO 1 - AS CIDADES INVESTIGADAS: UM POUCO DE HISTÓRIA

Neste capítulo, apresentamos o perfil sócio-histórico dos municípios de Anamã e Beruri que fazem parte do Estado do Amazonas. Essas localidades estão situadas na microrregião do Rio Negro Solimões. Estes municípios foram escolhidos para fazer parte desta pesquisa a fim de verificar e descrever as variedades linguísticas da referida região. As informações deste capítulo têm como referência Beltrão (2010) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

1.1 Perfil sócio-histórico da cidade de Anamã (AM)

Segundo Beltrão (2010), o município que hoje é conhecido como Anamã foi fundado em uma comunidade onde residiam os índios muras que vieram da antiga aldeia, onde está localizada a cidade de Manacapuru, após o apaziguamento desse povo.

Figura 1 - Mapa de localização do Município de Anamã (AM)



Fonte: Wikipédia (2020)

Segundo o historiador, Anamã é um pequeno município do estado do Amazonas, que foi desmembrado dos municípios de Anori, Codajás e Manacapuru. Para ele, os aspectos

históricos do município começam a partir de 1938 (com um decreto Estadual que o torna um Distrito), e prende-se à história do município de Manacapuru. Em 1956 este torna-se Distrito pertencente a Anori, que foi elevado à categoria de município. Em 1981, o Distrito de Anamã é desmembrado de Anori, tornando-se um novo município. Assim o autor se expressa sobre isso:

As origens do município se prendem à história de Anori, Codajás e Manacapuru. Depois de concedida em 1775 a pacificação dos índios muras, é fundada em 15.02.1786, no local das aldeias desses silvícolas, a atual cidade de Manacapuru. Posteriormente, os muras se deslocam para uma feitoria de pesca próximo à foz do rio Manacapuru e cujas atividades tinham em vista abastecimento da guarnição militar de Barcelos. Em 27.09.1785, o comandante dessa guarnição determina que os indígenas mudassem para outro ponto, de preferência para o local denominado Anamã. Com o Decreto Lei Estadual nº 176, de 01.12.1938, a Vila de Anamã foi elevada à categoria de Distrito. Em 29.12.1956, pela Lei Estadual nº 117, é criado o município de Anori, tendo como seus distritos Anamã. Em 10.12.1981, pela Emenda Constitucional nº 12, o Distrito de Anamã é desmembrado de Anori e, com outros territórios desmembrados de Codajás e Manacapuru, passa a constituir o novo município de Anamã. Com as eleições municipais de 15.11.1982, a partir de 1º de janeiro de 1983, o Município de Anamã foi definitivamente instalado com a posse do Prefeito, Vice-prefeito e Vereadores, que formaram os dois poderes, assim compostos: Poder executivo – Prefeito e Vice-Prefeito; Poder Legislativo – Vereador (BELTÃO, 2010, p. 227).

Além disso, Beltrão (2010) descreve que o município de Anamã está localizado à margem direita do Paraná do Anamã, afluente do rio Solimões, situado na mesorregião nº 03 (Centro Amazonense). Segundo a Constituição Estadual de 05.10.1989, faz parte da mesorregião Rio Negro-Solimões, localizada à Oeste de Manaus. Sua área territorial é de 2.755 km². Distante de Manaus, capital do Estado, 179 km em linha reta. Sua população geral, de acordo com o IBGE (2000), era de 6.571 habitantes, sendo 3.505 homens e 3.063 mulheres, distribuídos da seguinte forma: zona urbana 2.063 e zona rural 4.505.

Atualmente, como demonstra a estimativa do Censo IBGE (2017a), o município de Anamã tem uma população aproximadamente de 13.956 habitantes (população geral).

Quanto aos aspectos econômicos, o historiador Beltrão apresenta no setor primário a agricultura, pecuária, avicultura, hortifruticultura e piscicultura. No setor secundário, pequenas indústrias que eram prejudicadas devido ao racionamento de energia à época de sua fundação. No terciário, o comércio e serviços.

Já em relação à infraestrutura social, o referido historiador menciona saúde, educação, segurança, bem-estar, habitação, religião e folclore. Os serviços oferecidos pela saúde eram básicos, e a prefeitura, além da Secretaria de Saúde do Estado, também dava suporte. Os casos mais graves de algum tipo de doenças eram encaminhados para Manacapuru ou Manaus. Quanto à educação, as escolas na zona urbana eram mantidas pela Secretaria de Estado de

Educação e Cultura e Desporto (SEDUC). Já na zona rural, a prefeitura era quem mantinha a educação. Na segurança, a população conta com a Polícia Militar, que além das suas funções, desempenha outras, como: do menor infrator e da delegacia das mulheres. Na parte de esporte e lazer, as atividades mais praticadas são o futebol, voleibol e *handbol*, além da realização de passeios, piquenique, pescaria, geralmente na época do verão. Para o bem-estar da comunidade, a prefeitura desenvolve trabalhos sociais com crianças, pessoas carentes e idosos, mas não atende toda a necessidade da comunidade. Já a religião tem destaque, uma vez que a população é muito religiosa, com predominância do catolicismo. O município tem como padroeiro São Francisco cuja festividade acontece na primeira quinzena de outubro. O folclore também tem destaque nesta comunidade, principalmente, na época junina. Como se observa, o município contava com uma infraestrutura mínima.

1.2 Perfil sócio-histórico da cidade de Beruri (AM)

De Aldeia dos índios Muras Barus ao município de Beruri, como hoje é conhecida a primeira cidade do Rio Purus. Da Aldeia indígena até se tornar município, esta localidade passa por diversas transformações, inclusive, luta por posses de terra, por se encontrar nela grandes riquezas como os castanhais, motivo pelo qual foi despertada a ambição de muitas pessoas, mas a pesca era variada e, também, muito praticada.

O município de Beruri foi desmembrado dos municípios de Borba e Manacapuru e passa a constituir o Distrito de Beruri. Segundo Beltrão (2010), o município tinha seus limites assim definidos: Manaquiri ao sudoeste, Borba ao sudeste, Manicoré ao sudoeste, Tapauá, Anori, Anamã e Manacapuru ao sudeste. Já, ao fazer uma busca na Wikipédia (2020)³, encontramos os municípios limítrofes assim descritos: Anamã, Anori, Caapiranga e Tapauá.

De acordo com Beltrão (2010), Beruri é uma pequena cidade do Estado do Amazonas situada à margem direita do rio Purus, afluente do rio Solimões. Localizada em área de terra firme, a 18 metros de altitude acima do nível do rio. Distante de Manaus, Capital do Estado, 129 km em linha reta e 172 km por via fluvial. Beruri está na mesorregião nº 03. Também pertencente à microrregião do Rio Negro-Solimões, de acordo com a Constituição Estadual de 1989. Em consonância com o Censo do IBGE (2000), a população é formada por 11.033 habitantes, sendo 5.823 homens e 5.210 mulheres. A população geral está distribuída entre a zona urbana com 4.961 habitantes e zona rural com 6.072 habitantes (BELTRÃO, 2010).

³ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Beruri>

Figura 2 - Mapa de localização do Município de Beruri (AM)



Fonte: Wikipédia (2020)

Faz-se, aqui, uma abordagem sobre as diversas vezes em que Beruri foi emancipado, as razões pelas quais deixou de sê-lo e sua elevação definitiva em 1981.

A história de Beruri se prende à de Manacapuru, cujas origens remontam ao ano de 1786, quando foi fundada a atual cidade deste nome a uma preexistente aldeia de índios muras. Em 1894, dá-se o desmembramento de Manaus, passando Manacapuru a município autônomo. Em 1939, Manacapuru perde parte de seu território para Manaus, ficando integrado por três distritos: Manacapuru, Caapiranga e Beruri. Em 10 de dezembro de 1981, pela Emenda Constitucional nº 12, o Distrito de Beruri acrescido de território adjacente, até então pertencente a Borba, passa a constituir o novo município (BELTRÃO, 2010, p. 242-243).

A história administrativa desta localidade remonta ao ano de 1938 quando, através do Decreto-Lei nº 176 de 01 de dezembro de 1938, por ato do Interventor Federal, foi instituída a divisão territorial do Estado do Amazonas. Naquela lei, Beruri figurava como Zona Distrital de Manacapuru. Em 1956, é estabelecida nova divisão territorial, administrativa e judiciária do Estado do Amazonas, pela lei nº 117 de 29.12.1956, porém, Beruri ainda permanece como

Distrito de Manacapuru, tendo como subdistritos as localidades do Paricatuba, Arumã, Macaco, Ajaratuba e Aiapuá. Em 1961, o distrito de Beruri é emancipado pela lei nº 001, de 12.04.1961 e passa a constituir município autônomo. Em seguida, é criada nova lei de nº 041, de 23.07.1964 que determinava: “Ficam extintos todos os municípios que nunca tiveram prefeitos eleitos, sendo suas áreas reincorporadas as dos municípios dos quais foram desmembradas”. No Governo de Danilo Areosa, através da lei nº 1.012, de 31.12.1970, Beruri perde a autonomia e volta novamente à condição de Distrito de Manacapuru. Já, em 1981, pela Emenda Constitucional nº 12 de 10.12.1981, Beruri foi emancipado, tornando-se município autônomo. Assim, em 1º de janeiro de 1982, toma posse o primeiro prefeito, vice-prefeito e vereadores para assumir o comando político de Beruri (BELTRÃO, 2010, p. 243).

A formação étnica da população de Beruri dá-se principalmente por meio da mistura de brancos com índios Muras Barus. A localidade era habitada por essa etnia. A formação da população de Beruri começa com pessoas que vieram de Faro, Óbidos e Cametá, em 1853. Mais tarde, vieram migrantes de Portugal, Itália, Colômbia, Peru e, também, do Ceará, Maranhão e Pernambuco. Assim, vai se formando a população do povoado “Baruru” (palavra indígena, que em tupi guarani significa “tracajá maneta”), que posteriormente foi mudado para Beruri.

A economia da localidade baseava-se em produtos básicos para subsistência e a população também praticava a pesca de forma muito variada, que faziam a riqueza da região e fartura de seus rios (BELTRÃO, 2010).

Em 1922, aconteceu um conflito armado pela posse de terras em Beruri, em especial sobre áreas dos castanhais, que é riqueza em potencial no município, que segundo Beltrão (2010, p. 243), “motivo pelo qual eram alvo de pessoas ambiciosas e sem escrúpulos”.

Atualmente, as povoações de Beruri vivem de forma pacífica, mas nem sempre foi assim como mostra a história contada pelo historiador Otto Gilberto de Arruda Beltrão. A localidade, hoje, é conhecida como “terra da castanha”, inclusive, nos dias atuais, é realizado um evento, às vezes em setembro, às vezes em dezembro, chamado “Festa da Castanha”.

Quanto ao aspecto educacional, que têm aspectos históricos, foi o setor que mais se desenvolveu durante o curso da história. Beltrão (2010, p. 244) assim descreve sobre os primeiros professores da localidade dizendo que:

Os primeiros professores nomeados pelo Governo do Estado do Amazonas para lecionarem em Beruri se deu no período de 1918 a 1924, foram pela ordem Demétrio Rodrigues, José Caminhadas, Estevão de Carvajal. Esses professores deram suas aulas debaixo das árvores e em casas assoalhadas com paxiúba e açazeiro. Em 1926, no Governo de Efigênio Sales, em substituição aos que haviam partido, chegou a primeira professora, Maria de Nazaré, em 1928 veio Ester e em

1929 veio Regina Viana, estas professoras trabalharam na Capela e nas casas de Luís Pereira e João Libâneo. Raimundo Agripino e outros pais de família acordaram para fazer uma casa para sediar a escola. Uns deram madeiras, outros palhas, outros envira e cipó de munguba para amarrar as palhas, serravam tábuas, para as paredes e assoalhos. Em 1931 veio a professora Luzia Sarmiento Pessoa (vulgo Lica), juntamente com sua família, juntamente com seu esposo José Pessoa que foi mestre de obras da primeira escola. Dona Lica trabalhou alguns anos.

Segundo o Coordenador Regional de Educação de Beruri, Rubens Miranda, hoje, o município conta com três escolas estaduais na sede, mantidas pela SEDUC/AM, a saber: Escola Estadual Getúlio Vargas, que oferece a modalidade de Ensino Fundamental II e Ensino Médio; Escola Estadual Euclides Correa Vieira, com Ensino Médio de Tempo Integral; e, Escola Estadual Professor Gilberto Mestrinho, funcionando com Ensino Fundamental I, Educação de Jovens e Adultos e Ensino Médio, sendo 100% do corpo docente com formação superior. Já as escolas mantidas pelo município, segundo o Secretário Municipal de Educação, são: Antônio Marques Feitosa, Escola Castelo Branco e José Bernardo de Moraes, nas quais são oferecidas a Educação infantil e Ensino Fundamental I e II. Nas comunidades rurais, o ensino também se expandiu.

Na infraestrutura, o sistema de saúde oferecia consultas de enfermagem, exames dermatológicos, entre outros, mas não tinha médicos, nem outros profissionais da área da saúde, portanto os serviços eram bem básicos (BELTRÃO, 2010). Na atualidade, o município conta com um hospital e postos de saúde com clínico geral, cirurgião, odontólogos, enfermeiras, técnicos em enfermagem, entre outros. Para o bem-estar da população, eram oferecidos serviços da prefeitura municipal com parceria de diversas entidades para assistir aos carentes, idosos, crianças e adolescentes. Na cultura, a população contava com as festividades religiosas católicas.

CAPÍTULO 2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo está subdividido em três subseções organizadas da seguinte forma: primeiramente, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística; em seguida, tratamos sobre a Dialetologia, sua origem, as fases no Brasil e a Dialetologia no Amazonas; por fim, discorremos sobre o objeto de estudo, destacando a história das palatais, a descrição dos fonemas/alofones investigados e apresentamos alguns estudos realizados sobre o fenômeno investigado no Brasil e no Amazonas.

2.1 A Sociolinguística: panorama histórico

Em tempos outrora, a língua era estudada fora do contexto social, era explicada apenas a partir do contexto linguístico, não havia ciência, assim, para demonstrar que os grupos de fatores extralinguísticos pudessem, também, influenciar a variação e, conseqüentemente, a mudança na fala. Mas com o passar do tempo, essa concepção foi mudando. Anos mais tarde, os grupos de fatores extralinguísticos tornaram-se importantes para o estudo da Sociolinguística, que aos poucos ganhou espaço como um modelo teórico-metodológico.

De acordo com Cezario e Votre (2012), é a partir de 1950 que surge o termo Sociolinguística por causa da insatisfação dos modelos que existiam na época que distanciava o objeto da linguística dos usos diversos da língua. No entanto, essa área começa a se desenvolver, a partir de 1960, nos estados Unidos com os estudos de Labov, assim como os de Gumperz e Dell Hymes e também de William Bright.

Calvet (2002 [1993]), no livro intitulado *Sociolinguística – uma introdução crítica*, retoma a linguística estruturalista, inaugurada por Ferdinand de Saussure (1857-1913), que foi considerado o precursor das discussões mais científicas a respeito da linguagem, dando origem à linguística moderna em 1916.

De acordo com Calvet (2002 [1993]), é com Antoine Meillet (1857-1913), linguista francês, que fora tido como discípulo de Saussure, que os conflitos em torno dos estudos linguísticos começam a surgir. Meillet fez oposição à abordagem saussuriana após o lançamento do *Curso de Linguística Geral*, para explicar que a mudança linguística é inseparável da história e da sociedade. Meillet resenha o livro o *Curso de Linguística Geral* e discorda de Saussure ao dizer que “ao separar a variação linguística das condições externas de que ela depende Ferdinand de Saussure a priva da realidade; ele a reduz a uma abstração que é necessariamente inexplicável” (MEILLET, 1965, p. 230 *apud* CALVET, 2002 [1993], p. 14).

Meillet sugere que seja feita uma nova abordagem interna e externa, simultaneamente, dos fatos da língua, assim como uma abordagem sincrônica e diacrônica dos mesmos fatos da língua. Segundo Calvet (2002 [1993], p. 15), “quando Saussure opõe linguística interna e linguística externa, Meillet as associa; quando Saussure distingue abordagem sincrônica de abordagem diacrônica, Meillet busca explicar a estrutura pela história”. Podemos ver de um lado, Saussure explicando a língua como objeto abstrato, e do outro, Meillet buscando explicá-la através do “*fato social e o sistema que tudo contém*” (CALVET, 2002 [1993], p. 15, grifo do autor). Meillet compreendia, assim, que para entender a língua, precisa-se retomar a história (diacronia), para explicá-la a partir dos fatos sociais.

Calvet (2002 [1993]) diz também, que o trabalho de Meillet de início foi “fácil”, no que concerne ao estudo do léxico, mas quando se refere ao estudo da fonologia ou da sintaxe, as coisas complicam um pouco. Portanto, o “empreendimento” de Meillet foi mais teórico, e faz de Meillet um prenunciador do estudo da língua como “um fato social” e um “sistema que tudo contém” que pode ser conferido em suas palavras: “Por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao que pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança linguística” (MEILLET, 1965, p.17 *apud* CALVET, 2002 [1993], p. 16).

Basil Bernstein (1924-2000), especialista inglês em sociologia da educação, foi o primeiro a levar em consideração as produções linguísticas reais e a situação sociológica dos falantes. Bernstein define dois códigos, o *código restrito* e o *código elaborado*, após estudar a produção linguística das crianças nas escolas. Ele defende a ideia de que as crianças do meio desfavorecido usariam apenas o código restrito, enquanto as crianças do meio abastado usariam os dois códigos, tanto o restrito quanto o elaborado. Sua tese é a de que as crianças são marcadas pela família que as cria e, conseqüentemente, o aprendizado e a socialização parte desse meio, que determina o comportamento linguístico dessas crianças (CALVET, 2002 [1993]).

Labov, por sua vez, contesta essa oposição binária proposta por Basil Bernstein. William Labov ao pesquisar a fala dos negros americanos, vai dizer que Bernstein não descrevia códigos e sim estilos. Bernstein responde às críticas, e, aos poucos, sua tese vai desaparecendo. Contudo, seus estudos muito contribuíram para a história da sociolinguística, isto porque “Bernstein foi uma espécie de catalisador, de acelerador na lenta progressão rumo a uma concepção social da língua, e o fato de suas teses terem sido depois rejeitadas em nada diminui o papel que ele desempenhou” (CALVET, 2002 [1993], p. 28).

William Bright (1928-2006), em 1964, organiza uma conferência, em Los Angeles com 25 pesquisadores para tratar sobre a Sociolinguística. Ele é o responsável pela publicação das atas. De início, ele já diz que “uma das maiores tarefas da sociolinguística é mostrar que a variação e ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas” (BRIGHT 1966, p. 11 *apud* CALVET, 2002 [1993], p. 29). Bright elabora uma relação de “dimensões” para demonstrar que nas interseções de uma ou mais podem ser encontrados um objeto de pesquisa para a Sociolinguística, a saber: a identidade social do falante, a identidade social do destinatário, o contexto, a oposição sincronia/diacronia, os usos linguísticos e as crenças a respeito dos usos, a extensão da diversidade e as aplicações da sociolinguística. Este encontro marca o nascimento da Sociolinguística, mas ela aparece, ainda, “[...] como abordagem anexa dos fatos de língua, que vem completar a linguística ou a sociologia e a antropologia. É essa subordinação que vai pouco a pouco desaparecer com Labov” (CALVET, 2002 [1993], p. 30-31).

Para Calvet (2002, p. 33), reforçando o que Labov já afirmava, a “sociolinguística é a linguística”. E acrescenta também “que as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes” (CALVET, 2002 [1993], p. 12).

Retomando Saussure, verificamos que a língua e a fala são tratadas por ele como *langue* e *parole*. Ele reconhece a fala, mas elege a língua como objeto de estudo da linguística. A língua é para Saussure, a parte social da linguagem (existe fora do indivíduo), ou seja, é vista como essencial, produto social, homogêneo e abstrato. O estudo da língua, nessa perspectiva, não explicita seu caráter social e heterogêneo, ao contrário, os usos reais são excluídos.

De acordo com Weedwood (2002, p. 127),

Embora *langue* significa “língua” em geral, como termo técnico saussuriano fica mais bem traduzido por “sistema linguístico”, e designa a totalidade de regularidades e padrões de formação que subjazem aos enunciados de uma língua. O termo *parole*, que pode ser traduzido por “comportamento linguístico”, designa os enunciados reais.

Nesse sentido, a língua é entendida como uma forma abstrata (que independe de como for realizada, ela vai continuar sendo língua) e fala como uma substância que é concreta, que é real e que sofre variação.

Na subseção seguinte, vamos verificar parcialmente como o processo de ruptura com o conceito de língua como sistema homogêneo acontece.

2.1.1 A heterogeneidade ordenada

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 39), doravante WLH, argumentam que Saussure ecoa Hermann Paul (1880), teórico que atingiu o ápice da investigação sobre a linguagem do ponto de vista histórico-comparativo, no século XIX. De acordo com os autores,

Tem se enfatizado muito que, ao distinguir a fala [*parole*] da língua [*langue*], Saussure rompe com o psicologismo característico do pensamento neogramático: ele via a língua como social e a fala como individual. Entretanto, observamos que Saussure nada tem a dizer de concreto sobre a comunidade como a matriz do desempenho da fala individual. Em particular, não há nada em sua teoria que pudesse acomodar uma língua heterogênea salvando ao mesmo tempo como um objeto legítimo da investigação sincrônica (WLH, 2006[1968], p. 56, grifo dos autores).

Como podemos compreender na citação acima, os autores fazem menção à evidência de que Saussure enxerga a heterogeneidade, mas essa heterogeneidade dentro do uso linguístico não está sujeita à descrição sistemática e sim como um tipo tolerável impreciso de desempenho que enfatizam nesta passagem, dita por Saussure: “[...] todos reproduzirão – não exatamente, decerto, mas aproximadamente – os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos” (WLH, 2006 [1968], p. 56).

Parece não haver progresso em Saussure quanto ao uso social da língua como fenômeno heterogêneo, pois sua condição para com o fenômeno linguístico era a homogeneidade.

Um outro conceito discutido por Saussure é a dicotomia sincronia x diacronia. De acordo com ele (*apud* WLH, 2006 [1968], p. 55),

A sincronia só conhece uma perspectiva, a dos sujeitos falantes, e todo o seu método consiste em recolher o testemunho deles; para saber em que medida uma coisa é realidade, será necessário e suficiente investigar em que medida ela existe na consciência dos falantes.

Já “a diacronia supõe, ao contrário, um fato dinâmico, pelo qual um efeito é produzido, uma coisa executada” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 135).

WLH (2006 [1968], p. 55) afirmam que para Saussure, a diacronia e a sincronia nada tem a ver uma com a outra, enquanto o sincrônico é a perspectiva de estudo dos elementos simultâneos da língua, o diacrônico seria a distribuição de um elemento por outro no tempo. Assim, “a Linguística diacrônica estudará, ao contrário, as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva, e que se substituem uns aos outros sem formar sistema entre si” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 142). O princípio de

homogeneidade para Saussure, na perspectiva sincrônica, não é tudo que é simultâneo e sim os fatos que pertencem à mesma língua.

A postura adotada por Saussure na Linguística moderna foi a sincrônica, que “se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistemas, tais como são percebidos pela consciência coletiva” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 142).

Saussure teve seus adeptos, mas essa postura não foi aceita por todos, de modo geral, que fez com que estudiosos começassem a fazer oposição e aplicar a diacronia aos estudos da língua, como podemos observar na obra *Sociolinguística: uma introdução crítica*, de Calvet (2002 [1993]), apresentada na seção anterior.

WLH (2006 [1968]) propõem uma ruptura com a identificação da estruturalidade e a homogeneidade proposta por Saussure. Em seu lugar, sugerem a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada dentro da língua, apresentando a estrutura linguística com dados respaldados empiricamente, como descrito a seguir:

Sugerimos que a solução para essa questão fundamental repousa na decisão de romper com a identificação da estruturalidade com a homogeneidade. No lugar dela, propusemos que uma explicação razoável da mudança dependerá da possibilidade de descrever a diferenciação ordenada dentro da língua (WLH, 2006 [1968], p. 88).

Para demonstrar que a língua não é homogênea, WLH (2006 [1968]) apresentam os estudos de “línguas e dialetos em contato”. Sobre esse tema, tecem comentários sobre o trabalho de Paul que trata do “idioleto individual”, na “mistura de línguas”, que ocorre entre dois falantes e cada um fala seu próprio idioleto. Para WLH (2006 [1968]), esse modelo parece “impraticável” “por não corresponder às observações empíricas”. Já na pesquisa de Bloomfield, os autores afirmam que há um avanço em relação a Paul. No entanto, WLH (2006 [1968]) apontam para o estudo de mudanças linguísticas, “um mecanismo de mudança distintamente diferente que pode ocorrer simultaneamente” com “os estudos de mudança linguística em progresso”, assim, quando ocorre o contato de línguas e dialetos alguns traços vão se alterando, seja fonológico, lexical ou gramatical. Para os achados de Gumperz, que analisou os sistemas de transição, assim como também o problema do encaixamento sobre o bilinguismo em um contexto social, WLH afirmam que Gumperz não analisou o Marati e o kannada descritos nos manuais e sim, “o sistema coexistente que estava em uso dentro de um contexto social específico” (WLH, 2006 [1968], p. 92-96).

Nesse sentido, o modelo linguístico diferenciado em desenvolvimento proposto para o sistema coexistente é “oferecer meios alternativos de dizer a mesma coisa” e está

“conjuntamente disponível a todos os membros da comunidade de fala” (WLH, 2006 [1968], p. 97).

Labov (2008 [1972]), em seu livro *Padrões Sociolinguísticos*, apresenta vários estudos, nos quais podem ser observado que a língua é um objeto heterogêneo e ordenado. Além disso, ele apresenta metodologias para o estudo da língua. Na década de 1960, inicia seus estudos sobre as variedades urbanas que são apresentadas no Capítulo 1 *A motivação social de uma mudança sonora*, fruto de sua dissertação de mestrado, como também, no Capítulo 2 *A estratificação do (r) nas lojas de departamento na cidade de Nova York*, para demonstrar que “as línguas mudam porque variam”, surgindo assim a vertente laboviana.

Na perspectiva da Sociolinguística Variacionista, a língua se apresenta como heterogênea e ordenada, enquanto ela muda, os falantes continuam se comunicando perfeitamente, até que uma determinada variante deixe de existir ou variantes coexistam entre si.

Ao contrário do que Saussure postulava, a língua pode ser estudada a partir de outra perspectiva, do seu uso social (real) em uma comunidade de fala.

Como podemos verificar, no processo evolutivo dos estudos Sociolinguísticos, o caminho que as pesquisas percorreram para chegar à compreensão de que a língua varia, muda ou coexiste não foi tão fácil assim.

Os problemas enfrentados, para definir uma metodologia para estudar a língua em seu uso social, apresentados anteriormente, abriram caminhos para que chegássemos a um modelo teórico-metodológico que estuda a língua, em sua perspectiva social.

Pois, como vimos é com Labov que as pesquisas avançam para explicar a variação e a mudança linguística. Ele é quem prepara o terreno para as pesquisas Sociolinguísticas e nasce a Teoria da Variação e Mudança, que ficou também conhecida como Teoria Laboviana. Calvet (2002 [1993]) já dizia que na prática era preciso esperar por William Labov.

Labov (2008 [1972], p. 237) afirma que “por meio do estudo direto da língua em seu contexto social, o montante de dados disponíveis se expande enormemente e nos oferece formas e meios de decidir qual das várias análises possíveis está correta”.

Assim, podemos contar nos dias atuais com uma metodologia que enxerga o estudo da língua como um fenômeno vivo, que a língua existe enquanto existem os falantes e que ela muda, mas enquanto muda, ela varia, podendo desaparecer ou permanecer estável na comunidade de fala. E para realizarmos um trabalho em Sociolinguística, é necessário compreendermos alguns conceitos, como o de variação, variável e variante.

2.1.2 Variação, variável e variantes: alguns conceitos

Esta seção traz os conceitos de variação, variável e variante de acordo com Labov (2008 [1972]), Coelho *et al.* (2015), Mollica (2010) e Tarallo (2007), dentro do modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista.

Para Labov (2008 [1972], p. 238), “a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigada está certamente bem fundamentada nos fatos”. Nesse sentido, para a Sociolinguística, interessa estudar a comunidade de fala e não o indivíduo, porque é necessário observar o comportamento social da comunidade. Coelho *et al.* (2015, p. 16) afirmam que “variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado”. Para que haja variação é necessário que tenham duas ou mais variantes. E para que duas ou mais formas sejam consideradas variantes, precisa-se, de acordo com Coelho *et al.* (2015), que sejam: a) intercambiáveis no mesmo contexto; e b) mantenham o mesmo significado referencial/representacional. E acrescentam:

A variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre os falantes - o que podemos perceber quando observamos que as pessoas à nossa volta falam de maneira diferente, mas sempre se entendem perfeitamente (COELHO *et al.*, 2015, p. 16).

Para que exista a variação, pensemos na variedade, ou seja, as diversas formas de falar de diversos grupos como: os mais jovens, os mais velhos, os escolarizados e os não escolarizados, os professores, os médicos, os agricultores, os pescadores, entre outros.

Na perspectiva de Labov (2008 [1972], p. 225), “os membros de uma comunidade de fala compartilham, sim, um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontram uma variação altamente estratificada na fala real” e Coelho *et al.* (2015, p. 14) conceituam variedade como: “à fala característica de um determinado grupo”. Portanto, temos alguns critérios que podem ser considerados como variedades: o geográfico, o social, a ocupação/profissão etc.

Outro conceito a ser visto, a partir do modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, é a *variável* “o lugar na gramática em que se localiza a variação” (COELHO *et al.*, 2015, p. 17).

A variação pode ocorrer em diversos níveis de análise linguística (variáveis dependentes): variação lexical; variação fonológica; variação morfofonológica, morfológica e morfossintática; variação sintática e variação discursiva.

Essas variáveis dependentes podem ser condicionadas tanto por variáveis independentes linguísticas (contexto seguinte, ordem dos elementos numa sentença, saliência fônica, etc.) quanto por variáveis independentes extralinguísticas (variação regional ou geográfica; variação social; variação estilística; variação na fala e na escrita).

Várias pesquisas Sociolinguísticas no Português do Brasil têm mostrado, por exemplo, a variação no nível fonético-fonológico. No caso, desta pesquisa, o fenômeno investigado está no nível fonético-fonológico. Para Gomes e Souza (2010, p. 73), “[...] os fonemas podem ter diferentes realizações fonéticas que se alternam no mesmo contexto linguístico”.

Um exemplo de variável que pode ocorrer no Português do Brasil são os casos das alveolares /l/ e /n/ diante de [i, j] como: [lʲ]imão ~ [l]imão; ca[n]inho ~ ca[nʲ]inho. Observamos que, nesse contexto, pode ocorrer a variação. Uma das variantes é chamada de palatalização. Esta, pela evolução histórica das consoantes desde o latim imperial, é influenciada pelo [i]. Outro exemplo de variável fonético-fonológica são as laterais /ʎ/ e /ɲ/ que ocorre entre as vogais, a saber: fo[ʎ]a ~ fo[lʲ]a ~ fo[y]a, e, castã[n]a ~ castã[nʲ]a ~ castã[ɲ]a.

Em relação à variável /n/ diante de [i], encontramos em Teyssier (2014, p. 18-49) que a queda da consoante [n] intervocálica, remonta ao século XI e XXII. Mas, antes disso, ela primeiro nasaliza a vogal anterior, como podemos observar na palavra ‘corona’, ‘corõna’ e ‘coroa’. Por isso, surgem vários encontros vocálicos. Na época dos *Cancioneiros* começa a eliminação desses hiatos e já nos fins do século XV essa eliminação se encontra concluída. No caso das sequências [-ĩ-o] e [-ĩ-a], houve o desenvolvimento de uma consoante, o ‘nh’ entre as duas vogais, como por exemplo ‘vĩo’ > ‘vinu’ > ‘vinho’ e ‘galĩa’ > ‘gallina’ > ‘galinha’. Desse modo, a consoante ‘nh’, surgida de [ĩ] em hiato, separa doravante as duas vogais, suprimindo a sequência instável (SILVA, 2014; TEYSSIER, 2014).

Assim, temos como objeto de pesquisa a variável /l/ e /n/, no contexto de [i, j], e as variáveis /ʎ/ e /ɲ/, entre vogais, que aqui chamamos também de variáveis dependentes, visto que, segundo Mollica (2010, p. 11), “uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes de natureza social ou estrutural)” e acrescenta que as variáveis independentes “podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressões sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência”. De acordo com Coelho *et al.* (2015, p. 20, grifo dos autores), “os condicionadores, em um caso de variação linguística, são os fatores que regulam, que *condicionam* nossa escolha entre uma ou outra variante”.

No que concerne às variantes, elas são “as formas individuais que ‘disputam’ pela expressão da variável” (COELHO *et al.*, 2015, p. 17). Para ocorrer a variação é necessário ter duas ou mais variantes. Segundo Mollica (2010, p. 11), “as variantes podem permanecer estáveis no sistema (as mesmas formas continuam se alternando) durante um período curto de tempo ou até por séculos, ou podem sofrer mudança, quando uma das formas desaparece”.

Conforme Tarallo (2007), as variantes, portanto, podem conviver dentro de uma comunidade de fala sem sofrerem mudança e/ou uma pode deixar de existir e a outra pode passar a ser usada por todos os falantes dessa comunidade, sofrendo, assim, mudança. Mas essa mudança não é brusca e nem ocorre de forma aleatória, ao contrário, ela ocorre de forma ordenada, até que se complete o ciclo.

Outro conceito pertinente aqui é que as variantes podem ser consideradas: padrão, conservadora e de prestígio, assim como também não padrão, inovadora e estigmatizada. Tarallo (2007) afirma que:

Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza de prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade. Por exemplo, no caso da marcação de plural no português do Brasil, a variante [s] é padrão, conservadora e de prestígio; a variante [ø], por outro lado é inovadora, estigmatizada e não padrão (TARALLO, 2007, p. 12).

Por outro lado, Tarallo (2007) argumenta que nem sempre a coincidência entre os três pares será verificada e cita o trabalho desenvolvido por Labov sobre a maneira de pronunciar o fonema /r/ pós-vocálico na cidade de Nova Iorque, em que uma “perspectiva histórica indica que até a Segunda Guerra Mundial era a ausência do /r/ a forma de prestígio em Nova Iorque, e sua pronúncia era estigmatizada socialmente” (TARALLO, 2007, p. 13). Na época da pesquisa de Labov, a presença /r/ aparece assumindo prestígio social.

Ao tratar de variação e mudança, Tarallo (2007, p. 63) afirma que “nem tudo que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica variação”.

Vale salientar, ainda, que na pesquisa Sociolinguística, a língua é estudada em seu contexto social, buscando compreender quais os fatores, internos ou externos, à ela influenciam a variação e/ou a mudança. Conforme já foi discutido, a variação não é aleatória, existem fatores que condicionam a escolha do falante. Portanto, “é o controle rigoroso desses fatores que nos permite avaliar em que tipo de ambiente, tanto linguístico como extralinguístico, uma variante tem maior probabilidade de ser escolhida em detrimento de sua(s) ‘rival(is)’” (COELHO *et al.* 2015, p. 20).

Em síntese, cabe ao sociolinguista identificar e descrever o comportamento das variáveis dentro da comunidade de fala para demonstrar se está ocorrendo um processo de “morte” ou “coexistência” de determinadas formas linguísticas.

A seguir, trataremos da Dialetologia, uma outra área da Linguística que também lida com a variação e a mudança linguística e que fundamenta esta pesquisa.

2.2 A Dialetologia

Nesta seção, abordamos os conceitos e pressupostos teóricos que envolvem uma pesquisa dialetológica e discorremos sobre a Dialetologia no Brasil e no Amazonas.

2.2.1 A origem da Dialetologia

No final do século XIX, surge a Dialetologia, fortalecendo-se no início do século XX. De início, volta-se para análise das diferenças geográficas com uma visão monodimensional. Esse surgimento deve-se a grande preocupação de Jules Gilliéron, que amadurece suas ideias para trabalhar com questões dialetais. Ele começa a recolher os dados em 1897. Desse trabalho, surge a publicação do *Atlas Linguístico da França* (ALF), de Gilliéron e Edmond Edmont (1902-1910).

Segundo Brandão (2005), de início, o método utilizado nas investigações dos estudos da linguagem era o histórico-comparativo, dominado por ideias positivistas, para reconstruir a protolíngua do indo-europeu, fazendo estabelecimento e comparação de famílias e subfamílias de línguas.

A partir daí, surge o interesse pelos estudos de dialetos, as diferentes formas de uso da língua que os falantes de diferentes espaços utilizam. Nesse sentido, é interessante conceituar língua, dialeto e fala. Língua é o sistema linguístico de que se utiliza uma comunidade de falantes e que se caracteriza por ser grandemente diferenciado, por possuir alto grau de nivelação [...] (ALVAR, 1961 *apud* BRANDÃO, 2005, p. 79). Já dialeto “é o sistema divergente de uma língua comum, viva ou desaparecida, normalmente com uma concreta limitação geográfica, mas sem forte diferenciação frente a outros de origem comum” (ALVAR, 1961 *apud* BRANDÃO, 2005, p. 79). E fala “é a realização individual concreta da norma, que contém a própria norma, e, ainda, a originalidade expressiva dos indivíduos falantes” (COSERIU, 1952 *apud* BRANDÃO, 2005, p. 79).

Ainda no cenário do final do século XIX, as ideias dos neogramáticos de que as leis fonéticas obedecem a leis rígidas e de que não admitem exceções propagam-se na Alemanha, na Itália e na França e contribuem para os estudos linguísticos, mas geram polêmicas, suscitando pesquisas que, ao invés de comprovar suas hipóteses, refutam a maior parte.

De acordo com Brandão (2005), os estudos dialetológicos ganham visibilidade na França, passando, em 1881, a fazer parte do currículo *École Pratique des Hautes Études*, de Paris, que impulsiona o interesse pela evolução histórica das formas da língua e, também, a valorização das manifestações populares.

Segundo Cardoso (2010, p. 15), a “dialetologia é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”.

Diante da afirmativa, os estudos dialetológicos, considerando o espaço geográfico, evidenciam a variedade linguística de cada região, ou seja, as marcas linguísticas próprias daquele lugar que o diferencia dos demais. Coelho *et al.* (2015, p. 38, grifo dos autores) expõem que “é a **variação regional**, também conhecida por *variação geográfica*, ou ainda *variação diatópica*, a responsável por podermos identificar, às vezes com bastante precisão, a origem de uma pessoa pelo modo como ela fala”. No que tange aos aspectos culturais e cronológicos, o estudo dialetológico põe em evidência a formação dessa comunidade de fala e a influência de outras línguas no decorrer da história dessa comunidade.

De início, os estudos dialetológicos eram puramente monodimensionais, isto é, ocupavam-se das variações diatópicas (espaciais/regionais). Com o passar do tempo, essa concepção começa a mudar, uma vez que a metodologia utilizada não estava dando conta de descrever todas as variações e mudanças que ocorrem na língua.

De acordo com Brandão (2005, p. 79), “a dialetologia no sentido restrito [...] ocupa-se dos estudos de dialetos e falares, isto é, das variedades de natureza geográfica de uma língua”. Em sentido amplo, a dialetologia é uma disciplina que objetiva estudar os dialetos (variedades de uma língua). Indo mais além, nas palavras de Brandão (2005), a Dialetologia tem duas dimensões:

Sendo assim, pode-se falar em dialetologia horizontal e dialetologia vertical. A Primeira ocupar-se-ia, basicamente, das variações diatópicas ou de natureza espacial. A segunda, das variações diastráticas ou de cunho sociocultural (BRANDÃO, 2005, p. 79).

Como vimos, de início, a Dialetologia preocupava-se apenas em descrever a língua a partir de critério espacial/geográfico. Entretanto, foi-se descobrindo que o estudo feito a partir

dessa perspectiva não respondia a todas as variações e mudanças que ocorriam em determinado espaço. Então, recorreu-se para os estudos sociais para explicar os fatores que influenciam determinadas variedades. Nesses aspectos, Cardoso (2016, p. 14) explica que:

No plano geográfico, a Dialetologia identifica a variedade que uma língua apresenta no plano espacial, mostrando que, diatopicamente, os usos podem representar diferenças regionais que assinalam uma área em relação a outra ou identidade existente entre elas, seja no mesmo domínio geopolítico, seja entre países distintos, [...]. Na perspectiva social, a Dialetologia atesta, numa mesma área, a existência de variantes que não se explicam nem se justificam do ponto de vista geográfico, mas que se associam a fatores sociais. Esse tipo de variação vem construir o conjunto de usos que a dialetologia agrupa com fatos de natureza diageracional, diastrática, diasexual.

Das afirmações feitas por Brandão (2005) e Cardoso (2016), é notória a existência de duas possibilidades nos estudos dialetológicos para examinar as variações linguísticas que são: as diferenças regionais (diatópico) e o social. Estas se relacionam, respectivamente, com a metodologia da Geolinguística (que permite a construção de atlas linguísticos) e da Sociolinguística.

No que diz respeito à cronologia dos dados linguísticos, Cardoso (2016, p. 14-15) elucida que:

a Dialetologia fornece elementos para o confronto entre fatos que, representado, na sua origem, diferentes sincronias, convergem, numa dada região, a um mesmo tempo, mostrando o que se poderia dizer, a atualização do passado num momento específico.

Para exemplificar sobre a cronologia dos dados linguísticos, Cardoso (2016) cita, na Carta 23 do *Atlas prévio dos falares baianos* (APFB), para a denominação de ‘Terra umedecida pela chuva’, as variantes ‘sarolha’ e ‘úmida’. Essas formas aparecem em 30 pontos dos 50 pontos que constituem o estado da Bahia, de uso geral em três localidades. No entanto, essas variantes não se encontram registradas nos dicionários atuais, mas são sinônimos no português arcaico.

A seguir, discorreremos sobre a consolidação dos estudos dialetológicos, especificamente, no Brasil.

2.2.2 Fases da Dialetologia no Brasil

Em 1920, os estudos dialetológicos têm início no Brasil. *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral, é a obra que marca esse período. Em 1826, Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca que, a serviço de Adrien Balbi, anotou algumas peculiaridades do português brasileiro para integrar o *Atlas Ethnographique du Globe* (1924-1925), apresenta a

manifestação que se pode caracterizar, numa visão ampla, de natureza dialetal sobre o português do Brasil (ISQUERDO; ROMANO, 2012).

Mota e Cardoso (2006, p.15-26) abordam de forma histórica os estudos dialetológicos no Brasil, apresentando quatro fases, a saber: a primeira e segunda fase são apresentadas por Nascentes (1952-1953). A primeira remonta a 1826 quando o brasileiro Borges de Barros publica um estudo no livro de Adrien Balbi. Esse período é marcado por obras de caráter lexicográfico, organizado com glossários e dicionários e também um trabalho mais amplo de cunho gramatical denominado *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brasil*, escrito pelo brasileiro José Jorge Paranhos da Silva (1879). A segunda fase inicia-se a partir de 1920 com a publicação do livro *O Dialeto Caipira* de Amadeu Amaral. Em seguida, aparece Antenor Nascentes (1922-1953), que publica *O linguajar carioca em 1922*, que mais tarde, em sua segunda edição, a obra passa a ser chamada apenas de *O linguajar carioca*. Posteriormente, Mário Marroquim (1934) publica seu trabalho intitulado *A língua do nordeste*. Nesse período ainda se desenvolveram estudos que podem ser classificados em quatro grupos diferentes: os léxicos e glossários regionais; obras de caráter geral que analisa a língua portuguesa do Brasil de forma mais ampla e globalizante; estudos de fenômenos específicos que caracterizam uma área geográfica de uma determinada região; e, por fim, trabalhos monográficos de caráter específico sobre a contribuição africana à língua. Já a terceira fase, tomada por Ferreira e Cardoso (1994), tem início em 20 de março de 1952, quando é publicado pelo governo Getúlio Vargas o decreto nº 3.0643, que define as finalidades da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, tendo como principal motivo a elaboração do *Atlas Linguístico do Brasil*. Ainda nessa fase, com Nelson Rossi em coautoria de Dinah Isensee e Carlota Ferreira (1963), é dado o primeiro passo com a publicação do *Atlas prévio dos falares baianos*, com a metodologia da Geolinguística. E, por fim, com o quarto período, Mota e Cardoso (2006 *apud* CARDOSO, 2010, p. 142) propõem uma nova fase a partir da implementação do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), no IV Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística. Dessa forma, a data que marca o novo período é 1996. As autoras argumentam que:

Do ponto de vista metodológico, essa nova fase coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolinguística, a partir da década de 60 do século passado, abandonando-se a visão monodimensional – monoestrática, monogeracional, monogenérica, monofásica, etc. – que predominou na geolinguística hoje rotulada de “tradicional” (MOTA; CARDOSO, 2006, p. 6 *apud* CARDOSO, 2010, p. 142).

Nesse sentido, o Projeto do ALiB, destaca-se com uma nova metodologia para os estudos linguísticos no Brasil, caminhando para a visão pluridimensional da variação linguística. A visão pluridimensional enriqueceu a pesquisa dialetal, trazendo novo enfoque para tratar os fenômenos linguísticos. Segundo Cardoso (2016, p. 13), a Dialetologia “vem a assumir uma perspectiva pluridimensional na abordagem dos fatos, incorporando ao confronto da variação diatópica a correlação entre fatores sociais e os diferentes usos registrados”. De acordo com Isquierdo e Romano (2012, p. 892), “a partir dos anos 60, os estudos geolinguísticos tomaram uma nova orientação, pois passaram a inserir alguns pressupostos metodológicos da Sociolinguística, agregando ao fator diatópico variáveis sociais”, uma vez que

O advento da Sociolinguística a partir da década de 60 do século XXI, sobretudo a vertente liderada por William Labov, de cunho variacionista, pautada no princípio das regras variáveis e com destaque para a dimensão vertical (social) dos estudos linguísticos, lançou questionamentos sobre as diretrizes da Dialetologia, no que tange à prioridade concedida à dimensão horizontal (geográfica) na análise da fala (ISQUERDO; ROMANO, 2012, p. 893).

Acerca da Geolinguística, Dubois *et al.* (2006, p. 307) afirma que “é o estudo das variações na utilização da língua por indivíduos ou grupos sociais de origem geográficas diferentes.” Para os autores, a palavra Geolinguística é uma abreviação de ‘Geografia Linguística’, a metodologia específica da Dialetologia.

Para Cardoso (2010, p. 10), a Geolinguística é conceituada como

Uma área interdisciplinar, na qual diferentes especialistas podem contribuir para identificar e descrever áreas linguísticas e para conhecer as representações que os falantes constroem dos espaços linguísticos nos quais suas falas se dão em dinâmica territorial [...].

No curso da história, podemos encontrar os seguintes atlas regionais publicados, ou em fase de publicação, e seus respectivos autores, conforme Quadro 1.

Quadro 1 - Alguns Atlas linguísticos regionais no Brasil

Atlas	Autor	Publicação
Atlas prévio dos falares baianos (APFB)	Nelson Rossi e coautoras Dinah Insensee e Carlota Ferreira	Entre 1960 e 1963
Atlas linguístico de Sergipe (ALS)	Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Juddith Freitas, Naja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rolleemberg e Nelson Rossi	Em 1987

Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais (EALMG), em quatro volumes	José Ribeiro, Mário Zágari, José Passini e Antônio Gaio	Em 1977 (volume I)
Atlas linguístico da Paraíba, em três volumes	Maria do Socorro Aragão e Cleuza Bezerra de Menezes	Em 1984 (os dois primeiros editados)
Atlas linguístico do Paraná (ALPR), em dois volumes	Vanderaci de Andrade Aguilera	Em 1994
Atlas linguístico-etnográfico da região do sul do Brasil (ALERS)	Walter Koch, Mario Silfredo Klassmann e Cléo Vison Altenhofen	Em 2002
Atlas linguístico sonoro do Pará (ALISPA)	Coordenado pelo Prof. Dr. Abdelhak Razk	Em 2004
Atlas linguístico do Amazonas (Tese de doutorado-Universidade Federal do Rio de Janeiro)	Maria Luiza de Carvalho Cruz	Em 2004
Atlas linguístico de Sergipe – II	Suzana Alice Marcelino Cardoso	Em 2005
Atlas linguístico do litoral potiguar (Tese de doutorado-Universidade Federal do Rio de Janeiro)	Maria das Neves Pereira	Em 2007
Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS)	Organizador Dercir Pedro de Oliveira	Em 2008
Microatlas fonético do Estado do Rio de Janeiro - tese de doutorado - (UFRJ)	Fabiana da Silva Campos Almeida	Em 2008

Fonte: Adaptado de Cardoso (2010)

Desses trabalhos, apenas o Atlas prévio dos falares baianos (APFB), Atlas linguístico de Sergipe (ALS), Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais (EALMG), Atlas linguístico da Paraíba, Atlas linguístico de Sergipe - II e Atlas linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS) foram publicados. Os demais ainda estão em fase de publicação.

O Brasil apresenta muitas dificuldades quanto ao aspecto geográfico, mas isso não inviabiliza a realização de pesquisas dialetais. Observamos que muitos trabalhos já foram e estão sendo realizados, mesmo que de forma gradativa. O desenvolvimento da Dialectologia que adota não só a metodologia da Geolinguística, mas também a da Sociolinguística, tem oportunizado uma visão mais ampla do português falado no Brasil. Nesse sentido, faz-se

mister dizer que é imprescindível o trabalho realizado com os Atlas regionais, dadas as peculiaridades da língua falada no território brasileiro, para, posteriormente, somar-se ao Atlas linguístico do País.

2.2.3 A Dialectologia no Amazonas

Nesta seção, apresentamos os trabalhos dialetológicos desenvolvidos no Estado do Amazonas, especificamente no nível fonético-fonológico.

O primeiro trabalho de pesquisa de caráter dialetológico que temos registrado no Amazonas é a dissertação de mestrado intitulada *Falar do caboco – aspectos fonéticos-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves*, de Hydelvídia Corrêa, a primeira pesquisadora a desenvolver uma pesquisa dentro dos parâmetros dialetológicos, na vertente monodimensional, nos anos de 1980. No entanto, o grande avanço nos estudos linguísticos dialetológicos no Amazonas se deu em 2004, com a elaboração do *Atlas Linguístico do Amazonas* (ALAM) por Maria Luiza de Carvalho Cruz, na vertente pluridimensional. A pesquisa de Cruz (2004) investiga nove municípios do Estado do Amazonas e está dividido em dois volumes. A partir daí, surgem outros trabalhos, dos quais destacamos alguns no Quadro 2.

Quadro 2 - Alguns trabalhos dialetológicos realizados no Amazonas

Título	Autor	Ano	Trabalho	Instituição
A realização das variantes palatais /ʎ/ e /ɲ/ nos municípios de Itapiranga e Silves	Torres	2009	Dissertação	UFAM
Estudo Dialetológico e Sociolinguístico do falar de Itacoatiara: as vogais médias pretônicas	Maia	2009	Monografia	UFAM
A realização fonética do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá	Maia	2012	Dissertação	UFAM
Comportamento da vogal tônica posterior média fechada/o/ e das vogais pré-tônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves, volume I e volume II	Silva	2009	Dissertação	UFAM
Componente Fonético- Fonológico do /S/ pós-vocálico em Manaus	Martins e Margotti	2012	Artigo	UFAM
Tabus linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geolinguísticos	Benke	2012	Dissertação	UFMGs
A ditongação em sílaba fechada por /S/ nas trilhas das capitais brasileiras	Silva	2014	Dissertação	UFB
A realização da fricativa glotal na fala manauara	Rodrigues	2014	Dissertação	UFAM

A palatalização das alveolares e velares, no contexto de /i/ na fala manauara	Evangelista	2018	Dissertação	UEA
---	-------------	------	-------------	-----

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Das pesquisas dialetológicas voltadas para a construção de atlas linguísticos regionais, especificamente no Amazonas, destacam-se os seguintes trabalhos, descritos no Quadro 3.

Quadro 3 - Atlas linguísticos regionais no Amazonas

Atlas	Autor	Ano	Instituição
Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM	Maria Luiza de Carvalho Cruz	2004	UFRJ
Atlas dos Falares do Baixo Amazonas	Roseanny Melo de Brito	2011	UFAM
Atlas linguístico dos falares do Alto Rio Negro – ALFARiN	Jeiviane dos Santos Justiniano	2012	UFAM
Atlas morfossintático da microrregião do Madeira – AMSIMA	Liliane Sampaio Tavares	2017	UFAM
Atlas linguístico do sul amazonense – ALSAM (Volume I, Volume II e Volume III)	Edson Galvão Maia	2018	UFL

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Dos trabalhos citados, seis abordam o estudo das alveolares e das palatais: o de Cruz (2004), de Torres (2009), de Brito (2011), de Justiniano (2012), de Maia (2018) e de Evangelista (2018). Dessa forma, fez-se necessário um estudo sobre as realizações das alveolares /l/ e /n/ diante de [i, j] e das palatais /ʎ/ e /ɲ/ entre vogais, na fala de Anamã e Beruri, no Amazonas, uma vez que estas localidades ainda não possuem pesquisa sobre esses fenômenos.

2.3 Objeto de estudo: /l/ e /n/ diante de [i, j] e /ʎ/ e /ɲ/ entre vogais

Nesta seção, abordamos alguns conceitos importantes para a compreensão das variáveis dependentes investigadas – os fonemas /l/ e /n/ diante de [i, j] e os fonemas /ʎ/ e /ɲ/ entre vogais – como a história das palatais e o lugar e modo de articulações das alveolares palatais.

2.3.1 A história das palatais

Estudiosos como Teyssier (2014) e Mattos e Silva (2015) explicam que o surgimento dos fonemas palatais, no Português do Brasil, deu-se por meio de vários processos ocorridos

ao longo da história como, por exemplo, a passagem do latim imperial ao português, que tem consequências importantes, como o caso da palatalização das posteriores constrictivas surdas e sonoras /f/, /z/, a nasal palatal /ɲ/ e lateral palatal /ʎ/. De acordo com Mattos e Silva (2015, p. 76),

As palatais românicas (não só as portuguesas) resultam de complexas mudanças fonéticas, na maioria dos casos, condicionadas pelo contexto fônico: presença de vogal ou semivogal palatal /i, e/, seguindo consoantes oclusivas. Note-se que se designa pelo termo geral de palatalização fenômenos que tenham como característica fonética a posteriorização em direção ao palato de uma articulação anterior, dental, ou a anteriorização em direção ao palato de uma realização posterior, velar [...].

Teyssier (2014) descreve que no português arcaico, entre o século XI e XII, surgem diversos hiatos e, por conta disso, há queda de diversas consoantes, em particular do -d-, -l-, -n- entre vogais. Segundo o autor, no caso do -n-, ocorre a nasalização da vogal que o precede como é demonstrado nos seguintes exemplos: *corona* - *corõna*, posteriormente *corõa*, e atualmente *coroa*; também *unino* - *uño* – *vinho*; ou ainda de *regina* que depois passa-se a designar *rainha*. Além disso, as consoantes ‘l’ e ‘n’ passaram a ‘lh’ e ‘nh’ palatais ou “molhados”, quando seguidos de um *yod*, originário de *i* e *e* em hiatos, como podemos observar: *filium* > port. *filho*, *seniorem* > port. *senhor*, *teneo* > port. *tenho*.

Para Pereira (1916 *apud* GAMBA, 2015, p. 43), as palatais aparecem apenas em romance, e não existiam no sistema fonológico latino. Assim, os fonemas “molhados”, nascem nas línguas românicas, pois sua procedência e combinação são advindas do processo que acontece quando uma vogal intermediária é suprimida como em *ovic’la* (*ovicula*) > *ovelha*, *reg’lam* (*regula*) > *relha*, *vet’lum* (*vetulum*) > *velho*. O autor afirma, em sua Gramática Histórica, que só havia 19 letras [...], mas apenas 12 fonemas e que as palatais só vieram aparecer em romances, conforme destaca:

Em rigor, o alfabeto latino consignava apenas doze consonâncias ou fonemas consoantes, a despeito das dezenove letras consoantes, que contém. Estes doze fonemas consoantes são: -b, c, d, f, g, l, m, n, p, r, s, t. [...] criou o romance mais dois (*lhe* e *nhe*). Estes fonemas chamados *molhados* nasceram de combinação de fonemas latinos (PEREIRA, 1916, p.70-71 *apud* GAMBA, 2015, p. 43).

Já Mattos e Silva (2015) afirma que a palatalização nasce na época da expansão romana (latim imperial): /l/ e /n/, /g/, /ʎ/, diante das vogais /i/ e /e/. De acordo com a autora, provavelmente não surgiram na mesma época. A mudança fônica de /n/ começa a surgir por volta do século X ou XI e estaria em movimento contínuo no século XII. É uma variante galego-portuguesa. Nesse período, há a queda da consoante intervocálica, que deixa marcas

de nasalização na vogal precedente, expandindo-se para vogal que segue. A consequência disso é o surgimento de hiatos e ditongos orais no português.

No primeiro momento, no português arcaico era comum a grafia duplicada da vogal, marcando a nasalidade pelo til, fenômeno que acontece entre o século XIII a XV. Portanto, nesse período, os hiatos vocálicos foram desfeitos por regras fonéticas diversas, como pode ser observado no exemplo citado por Mattos e Silva (2015):

LATIM		PORT. ARC. (SÉC. XIII-XV)		PORT. (SÉC. XVI)
vinu	→	vĩo	→	vinho
farina	→	faria	→	farinha

Como vimos, o [n] passa para [ɲ] pelo fato do “hiato nasal constituído de vogal nasal anterior palatal, seguido de -o, -a é desfeito pela inserção de uma consoante nasal palatal /ɲ/” (MATTOS E SILVA, 2015, p. 71). Já o surgimento de /ʎ/, segundo os autores, pode ser situado “entre os séculos V e VIII, isto é, entre a queda do Império Romano e o despontar das variantes românicas, o surgimento de sequências /CI/ decorrente da perda da vogal não acentuada” (MATTOS E SILVA, 2015, p. 82). Essas mudanças resultaram na palatal /ʎ/, como em *oculu* > *oc’lu* > *o/ʎ/o* ‘olho’, *apicula* > *apic’la* > *abe/ʎ/a* ‘abelha’, *ovicula* > *ovic’la* > *ove/ʎ/a* ‘ovelha’, *tegula* > *teg’la* > *te/ʎ/a* ‘telha’, *scopulu* > *scop’lu* > *esco/ʎ/o* ‘escolho’.

A palatalização da nasal e da lateral anterior é representada pela autora assim:

Latim:	-ny-	ly	-lly	-kl-	-gl-	- pl-
Português:	-ɲ-					-ʎ-

De acordo com Williams (1891, p. 91 *apud* GAMBA, 2015, p. 44), a lateral palatal surge do “Lat. /ou//+j precedido de vogal > port. h *aliēnum* > alheio; *filīum* > filho; *mulīřrem* > *muliřrem* > mulher; *alīum* > alho; *malleāre* > malhar. [...] Essa modificação ocorreu em palavras eruditas em certos dialetos, e. g., *famīliam* > família > família (alentejano)”. Quanto ao surgimento da nasal palatal /ɲ/, ele se deu da seguinte forma:

Uma consoante nasal palatalizada desenvolveu-se (...) entre i (ou e que em hiato se tornava i) e a ou u tônicos seguintes: *diuināre* > adivinhar (com a protético); *ordīnāre* > ordenar Crest, Glossário); **daemoniatos* > demônios (RL, I, 388) > demonstrados (RL, 388, 345); **ne* (por nec) – *unūm* > *nēhum* > nenhum. Em certos dialetos de Portugal e na Galiza, uma consoante palatalizada desenvolveu-se entre e e ɣ tônico seguinte: *uēneram* (por uenēram) > *vinheira* (Esquisse, § 75r). Talvez isso

se deva à total dissimilação de *ęę* para [je] nas regiões em causa antes do desaparecimento da ressonância nasal. O vocábulo dinheiro teve o mesmo desenvolvimento: *denarĭum* > *dĭnero* > dinheiro, e é, por conseguinte, provavelmente um empréstimo de um dialeto. (WILLIAMS, 1891, p. 83 *apud* GAMBA, 2015, p. 45).

O latim foi evoluindo de tal forma no curso da história que a partir de um determinado momento começou a surgir o português, o italiano, o espanhol, entre outras línguas, mas esse processo não se deu de forma rápida. Levou séculos para isso acontecer e ainda hoje percebemos que a língua muda. Assim, podemos compreender que a língua como um sistema é viva e dinâmica, e os falantes, como usuários desse sistema, a usam para a comunicação com seus pares. É nessa dinamicidade que são criadas novas formas de falar.

Segundo os estudos de Teyssier (2014), é nesse período que surgem a palatalização como inovação fonética e consequências importantíssimas em que o /e/ e /i/ figuram como relevante no processo, pois no latim imperial, o ponto de articulação dessas consoantes ‘c’ e ‘g’ se aproxima do ponto de articulação das vogais ‘i’ e ‘e’ seguinte, ou seja, da zona palatal. Neste sentido, o autor diz ainda que o processo de palatalização é fruto da língua em evolução.

Em várias outras palavras um *i* ou um *e* não tônicos, seguidos de uma vogal, eram pronunciados *yodem* latim imperial; ex: *pretium*, *platea*, *hodie*, *video*, *facio*, *spongia*, *filium*, *seniorem*, *teneo*. Resultaram daí os grupos fonéticos [ty], [dy], [ly] e [ny] que se palatalizaram em [tsy] e [dzy], [lh] e [nh]. (TEYSSIER, 2014, p. 11).

Entendemos que o surgimento das palatais começa exatamente com o latim imperial nos fins do século X com o desaparecimento da líquida /l/ intervocálica, como também da nasal alveolar /n/ intervocálica que, ainda, no século XIII, está em curso, mas que, assim como lateral alveolar /l/, a nasal alveolar /n/ é a última a desaparecer (MATTOS E SILVA, 2015).

Como foi observado nos estudos apresentados, tanto o surgimento das palatais quanto das nasais não se deu no mesmo momento histórico. A palatalização tem início no latim imperial e nas línguas românicas. A queda do ‘n’, ‘l’, ‘d’ e ‘g’ intervocálico é responsável por surgimentos de diversos hiatos, segundo os estudos apresentados por Teyssier (2014) e Mattos e Silva (2015). Como podemos constatar, o fenômeno da palatalização ou também de fonemas “molhados” ocorre por meio de um processo histórico que é consequência de um condicionamento fonético-fonológico. Isso acontece porque a língua é viva e evolui por meio de seus falantes.

2.3.2 A descrição fonética de /l/ e /n/ diante de [i, j] e de /ʎ/ e /ɲ/ entre vogais

Os estudos das variáveis aqui investigadas são apresentados de acordo com a classificação articulatória, tomando como referência Silva (2014) e o Alfabeto Fonético Internacional (em inglês *International Phonetic Alphabet* – IPA), conforme Figura 3, a seguir:

Figura 3 - Alfabeto Fonético Internacional

THE INTERNATIONAL PHONETIC ALPHABET (revised to 2015)

CONSONANTS (PULMONIC) © 2015 IPA

	Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Postalveolar	Retroflex	Palatal	Velar	Uvular	Pharyngeal	Glottal
Plosive	p b			t d		ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ	ɴ		
Trill	ʙ			r					ʀ		
Tap or Flap		ⱱ		ɾ		ɽ					
Fricative	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ
Lateral fricative				ɬ ɮ							
Approximant		ʋ		ɹ		ɻ	j	ɰ			
Lateral approximant				l		ɭ	ʎ	ʟ			

Symbols to the right in a cell are voiced, to the left are voiceless. Shaded areas denote articulations judged impossible.

Fonte: IPA (2015)

De acordo com a Fonética Articulatória, o segmento [l], quanto ao modo de articulação, é uma aproximante lateral, sendo, assim, a obstrução da passagem do ar é parcial (o ar sai pelas laterais da língua); quanto ao lugar de articulação, é alveolar ou palatal: é produzido com a ponta da língua tocando o centro da boca ou alvéolos, como também pode ser produzida nos dentes incisivos superiores. Já [ʎ] é uma lateral vozeada em que a obstrução é parcial (o ar escapa pelas laterais da língua); no que se refere ao lugar de articulação, é palatal: a parte média da língua é o articulador ativo, a parte final (o palato duro) é o articulador passivo. Já o segmento [ɲ], por sua vez, é uma oclusiva nasal vozeada em que a passagem do ar é bloqueada totalmente entre os articuladores; quanto ao lugar de articulação, é palatal: a parte média da língua é o articulador ativo e a parte final (o palato duro) é o articulador passivo; no momento da produção do fonema, o véu palatino encontra-se abaixado e o ar sai dos pulmões e direciona-se para as cavidades orais e nasais. O segmento [n] é uma nasal em que a passagem de ar é bloqueada na cavidade oral e o ar que vem dos pulmões é dirigido às cavidades nasais e orais; quanto ao ponto de articulação, é alveolar ou dental: a ponta da língua é o articulador ativo, os alvéolos ou os dentes incisivos superiores são os articuladores passivos.

Acerca do segmento vocálico que favorece a palatalização, o fone [i] está classificado, de acordo com o Alfabeto Fonético Internacional, como uma vogal alta, anterior e fechada. Para Weiss (1980, p. 49), para realizar o segmento [i], “o maior volume da língua fica em posição alta e anterior na boca. A ressonância maior está na parte posterior da boca e na faringe”. Logo, verifica-se que a vogal tem características articulatórias de *palatal* pelo fato de a língua encostar-se no palato. Como o maior volume da língua fica em posição alta, ela é classificada como uma vogal *alta*, pela posição horizontal da língua; a vogal é classificada como *anterior*, pelo grau de abertura da boca; a vogal é classificada como fechada, pelo grau de arredondamento dos lábios; a vogal é classificada como *não arredondada* (CAGLIARI; CAGLIARI, 2011, grifo dos autores).

Pelas características apresentadas de [i], podemos dizer que ela tem uma força que modifica as alveolares /l/ e /n/ e as palatais /ɲ/ e /ʎ/, fazendo com que o ponto de articulação mude, produzindo um novo som que pode ser chamado de palatalizado.

2.3.3 A realização de /l/ e /n/ diante de [i, j] e de /ʎ/ e /ɲ/ entre vogais, no Brasil

Nesta subseção, apresentamos, de forma sucinta, alguns trabalhos referentes à realização das alveolares e palatais em algumas regiões do Brasil. Essas pesquisas são pertinentes, uma vez que vêm contribuir de forma esclarecedora como esse fenômeno é realizado em diferentes espaços geográficos.

Brandão (2007), em seu trabalho intitulado *Um estudo variacionista sobre a palatal* pela Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ, investigou a variação da lateral palatal na variedade popular de treze comunidades do Estado do Rio de Janeiro, com base em dados selecionados de 78 inquéritos, apoiada nos fundamentos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista. Brandão analisou três variantes da lateral palatal /ʎ/, a saber: [ɲ], [j] e [l]. A pesquisadora controlou grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos. O programa *GoldVarb X* selecionou os seguintes grupos de fatores extralinguísticos: área geográfica e faixa etária; e os grupos de fatores linguísticos: contexto antecedente, contexto subsequente, classe do vocábulo, tonicidade da sílaba em que apresenta o segmento e presença de nasal palatal no vocábulo. Os resultados apontam que a variante [l] é condicionada apenas por grupos de fatores linguísticos, enquanto as variantes [ɲ] e [j] são condicionadas tanto por grupos de fatores linguísticos quanto extralinguísticos. De acordo com os resultados da análise, a autora diz que na fala dessas comunidades coexistem dois padrões de variação, um socialmente não marcado presente na fala de 17% dos informantes da

pesquisa, outro socialmente marcado, que constitui a norma /ʎ/ em 83% dos casos. O estudo sobre a variável /ʎ/ na fala do Norte e do Noroeste fluminenses demonstrou, do ponto de vista estrutural, que [ʎ] está presente na fala de todos os informantes, concorrendo com [lj], a segunda mais produtiva. Diante de [i], a lateral palatal [ʎ] concorre com o cancelamento ou com [l], que é condicionado pela presença da nasal palatal no vocábulo. A variante [j] ocorre preferencialmente depois de vogal aberta. Do ponto de vista extralinguístico, os resultados confirmam a hipótese inicial de que, embora fortemente motivadas por grupos de fatores de natureza estrutural, as variantes [lj] e [j] são também condicionadas por grupos de fatores de natureza diatópica e diastrática e mostram que, no território fluminense, ao contrário do que se verifica em outras áreas do País, parece prevalecer, mesmo em pequenas comunidades rurais ou semiurbanizadas, a variante [ʎ].

Soares (2008), em sua tese intitulada *As palatais lateral e nasal no falar paraense: uma análise variacionista e fonológica*, verificou o comportamento dessas variáveis em seis cidades do Estado do Pará: Altamira, Belém, Bragança, Marabá, Soure e Santarém, sendo cada cidade localizada em uma mesorregião do Estado. Participaram da pesquisa 144 informantes selecionados de acordo com os pressupostos teóricos da Sociolinguística Quantitativa. Na pesquisa, foram controladas variáveis linguísticas e extralinguísticas. Para a análise estatística foi usado o programa VARBRUL (98). A autora identificou as seguintes realizações para a lateral /ʎ/: lateral palatal [ʎ] > [ba'raʎo]; lateral palatalizada [lj] > [mu'lɛ]; lateral alveolar/dental seguida de semivogal [lj]⁴ > [tra'baljo]; lateral alveolar dental [l] [mu'lɛ]; semivogal [j]⁵ > ['pajja]; e, zero fonético [Ø] ['tea]. E, para a nasal palatal /ɲ/, as seguintes realizações: variante palatalizada [ɲ]; a variante palatal [ɲ]; e a despalatalização [j]. Os resultados obtidos sobre a lateral palatal e a nasal palatal mostram que os fenômenos variáveis são condicionados tanto por grupos de fatores linguísticos quanto por grupos de fatores extralinguísticos.

Quanto à realização da lateral palatal, no que se refere aos condicionadores extralinguísticos, a autora conclui que o sexo feminino tem tendência maior para a realização

⁴A semivogal também é denominada de *glide*. De acordo com Dubois *et al.* (2006 [1975], p. 308), o termo *glide*, tomado de empréstimo à fonética inglesa, designa os sons tradicionalmente chamados, com uma grande imprecisão, de semiconsoantes ou semivogais, como o [j] de ['sɛrjo] 'sério' e o [w] de ['agwa] 'água'. Eles constituem uma classe de fonemas como as consoantes e as vogais, caracterizados pelo fato de que não são nem vocálicos nem consonânticos.

⁵De acordo com a literatura, a semivogal pode ser representada tanto pelo segmento [y] quanto pelo [j]. O uso de um ou de outro é escolha do autor. Portanto, neste trabalho, vamos encontrar as duas formas, pela escolha dos autores. No entanto, quando se tratar dos resultados deste trabalho, no que concerne à variável /l/ e /ɲ/, o símbolo usado para indicar a semivogal será [j]. Assim como, quando se tratar da variável /n/ e /ɲ/, que apresentam como variante um segmento vocalizado que ocupa a posição da consoante na estrutura da sílaba, usaremos o símbolo [j].

[lj]; já os informantes do sexo masculino preferem a realização [j]. Quanto à faixa etária, entre os jovens e mais velhos, a variação se apresenta de forma estável. No que se refere à escolaridade, os falantes com menor escolaridade têm tendência maior para a realização de [j], ao passo que os informantes com maior escolaridade dão preferência às realizações [lʲ] e [lj]. Já para a origem geográfica, os falantes de Belém, Bragança, Soure e Santarém usam mais as formas palatal/palatalizada e os falantes de Altamira e Marabá usam mais as formas despalatalizadas. Para os condicionadores linguísticos, o programa selecionou a *tonicidade*, que favoreceu a variante palatalizada [lʲ] no contexto átono pretônico, já as variantes não palatais [lj] e [j], nos contextos tônico e postônico. Quanto à *classe morfológica*, substantivos e adjetivos favorecem [lʲ], verbos e substantivos favorecem [lj], e verbo também favorece [j]. Quanto à extensão do vocábulo, os vocábulos mais extensos favorecem [lʲ] e os dissílabos favorecem [lj]. Acerca do *contexto seguinte vogal/ditongo*, a vogal favorece [lʲ] e [j], já o ditongo favorece [lj]. Em relação à *altura do segmento antecedente*, vogais altas favorecem [lj] e vogais não altas favorecem [lʲ] e [j]. Em relação à *anterioridade da vogal antecedente*, vogais anteriores favorecem [lʲ] e [lj] e vogais posteriores favorecem [j]. Já para a anterioridade da vogal subsequente, vogais anteriores favorecem [lʲ] e [j] e a posterioridade favorece [lj].

Quanto à realização da nasal palatal, no que concerne aos grupos de fatores linguísticos, o grupo de fatores *tonicidade* se mostrou relevante, já que as tônicas favorecem [nʲ], as átonas favorecem [ɲ] e as postônicas favorecem [j]. Para a *classe morfológica*, os nomes e verbos favorecem a realização de [nʲ] e [ɲ] e outras classes (pronomes indefinidos e advérbios) favorecem [j]. Para *extensão do vocábulo*, os dissílabos favorecem [nʲ] e [j] e os vocábulos mais extensos favorecem [ɲ]. Para a *altura do segmento antecedente*, vogais altas favorecem [nʲ] e [j] e vogais não altas favorecem [j]. Para a *altura dos segmentos subsequentes*, as altas favorecem [ɲ] e [j] e as vogais não altas favorecem [nʲ]. Para a *anterioridade da vogal antecedente*, as vogais anteriores favorecem [j] e [ɲ] e as vogais posteriores favorecem [nʲ]. Para a anterioridade da vogal subsequente, as vogais anteriores favorecem [nʲ] e [ɲ] e as vogais posteriores favorecem [j]. Para a *estrutura da palavra*, a raiz e o sufixo derivacional favorecem a realização de [ɲ] e [j], já a raiz favorece [nʲ]. Quanto aos condicionadores extralinguísticos, em relação ao sexo do falante, as mulheres têm uma tendência maior para a realização de [ɲ], enquanto os homens têm preferência por [j]. Em relação à *faixa etária*, a 2ª e a 3ª faixa realizaram mais a variante [nʲ], a 1ª e a 3ª têm preferência por [ɲ] e a 1ª e a 2ª apresentaram uma tendência maior para [j]. A autora atribui que a faixa mais jovem tem preferência por [j] e os mais velhos por [ɲ]. Em relação à

escolaridade, falantes com oito ou mais anos de escolarização realizaram mais a variante [nʲ], enquanto os menos escolarizados dão preferência para [j]. Para origem geográfica, os falantes de Belém, Bragança, Soure e Santarém têm preferência para a realização de [nʲ]; Bragança e Santarém por [ɲ]; e, Marabá e Altamira por [j].

Oliveira *et al.* (2009) apresentam a realização da variável /l/ diante de [i, j] com dados da fala de 32 paraenses retirados do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). A pesquisa segue orientação teórico-metodológica da Geolinguística e da Sociolinguística Variacionista. Os dados foram coletados em sete cidades do Pará, a saber: Belém, Soure, Bragança, Altamira, Almeirim, Jacareacanga e Marabá e apontam para alta frequência de palatalização conforme os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos avaliados. O *contexto seguinte* é o principal condicionador para a palatalização, que está difundida entre os falantes do ensino superior e as mulheres. A variante palatalizada ocorre em todas as cidades pesquisadas, perfazendo 91% de aplicação de palatalização, já a variante alveolar ocorre apenas em cinco localidades: Belém, Almeirim, Altamira, Jacareacanga e Marabá, com 9%. Em Soure e Bragança não houve nenhuma ocorrência da variante lateral alveolar. Marabá foi a localidade que ocorreu mais realizações, sendo 5 ocorrências. Em Belém ocorreu apenas 1 realização.

O *corpus* da pesquisa foi composto pelas palavras *liquidação*, *liquidificador*, *sandália*, *família*, *película*, *aliança* e *limpar*, sendo que as quatro primeiras foram retiradas do QFF-ALiB, e as últimas surgiram durante a interação entre o informante e o inquiridor. Em relação aos condicionadores linguísticos que favoreceram a regra, para o *contexto imediatamente à variável*, houve 91% de palatalização diante da vogal [i] e 100% diante de [j]. Para a *vogal da sílaba precedente*, os contextos [i] e [a] apresentaram 34 e 33 realizações, respectivamente, e houve aplicação categórica, já o contexto [e] houve apenas uma realização na palavra [pe'likula], que corresponde à variante alveolar, não sendo possível, segundo os autores, avaliar esse contexto por conta do baixo número de ocorrências. Em relação à *posição na palavra*, a posição final foi a que mais apresentou palatalização com 100% de frequência, seguida da posição inicial com 82% e da posição medial com 67%. Em relação ao *contexto consonantal seguinte*, [k] foi o que mais apresentou palatalização com 81%, já [s] e [p] apresentaram apenas um dado cada, existindo a necessidade, segundo os autores, de uma análise com maior número de dados para afirmações válidas. No *contexto consonantal antecedente*, o contexto vogal foi o que mais apresentou palatalização com 99%, seguido do contexto silêncio com 81%. Em relação ao *contexto consonantal precedente*, a palatalização foi categórica para todos os contextos, sendo que 33 foram de [m], 32 de [d] e 1 de [p]. Em relação à *dimensão do vocábulo*, os polissílabos corresponderam à 82%, os trissílabos à 100%

e os dissílabos à 100% de palatalização. E em relação à *posição do acento*, a pretônica inicial apresentou 82% de palatalização, a postônica final 100%, a pretônica não inicial apresentou dois casos correspondendo a 100% e a tônica medial com um caso correspondendo a 100% de palatalização.

Os condicionadores não linguísticos apresentaram os seguintes resultados. Para a *faixa etária*, os mais jovens apresentaram 95% de frequência de uso de palatalização e os da segunda faixa etária 87%. Para a *escolaridade*, o fundamental apresentou 100% e o nível superior 94% de palatalização. Para o *sexo*, os homens obtiveram 87% de palatalização e as mulheres 95%. Para a *localidade*, os pesquisadores afirmam que as localidades mais próximas da capital apresentaram os maiores índices de palatalização, sendo Soure e Bragança com 100% e Belém com 97%, enquanto que as cidades mais distantes da capital e mais ao sul apresentaram índices mais baixos, como Almerim 80%, Marabá 81%, Altamira 87% e Jacareacanga 87%. Os autores afirmam que a variação não sofre estigma social e revela-se como uma palatalização no domínio da sílaba, mas que essas são considerações são provisórias e preliminares.

Freire (2011), em sua dissertação de Mestrado que teve como título *Variação da lateral palatal na comunidade de Jacaraú (Paraíba)*, pesquisou a realização variável da lateral palatal /ʎ/ no dialeto paraibano, cujas variantes são: a lateral palatal [ʎ], a alveolar [l], a semivogal [j] e o zero fonético [Ø] a partir de dois *corpora*, o *corpus* sincrônico coletado do dialeto paraibano falado por 36 indivíduos da cidade de Jacaraú (Paraíba) e o *corpus* diacrônico coletado em textos do século XVIII. A pesquisa seguiu os pressupostos teóricos e metodológicos da Teoria da Variação e Mudança proposta por Labov (1966, 1972), a fim de compreender quais grupos de fatores estruturais e sociais atuam sobre o seu uso. Para a análise estatística, foi usado o Programa *GoldVarb X* que selecionou as variáveis independentes: *sexo* (feminino), *idade* (15 a 25 anos), *escolaridade* (1 a 8 anos), *contexto fonológico seguinte* (vogal labial), *contexto fonológico precedente* (vogal coronal) e *número de sílabas do vocábulo* (trissílabos) como as mais relevantes no processo de variação da lateral palatal na fala jacarauense. A pesquisa mostrou também que em relação ao *corpus* diacrônico, atestou-se a existência de um processo de variação dos segmentos [ʎ~ l] e [ʎ~ j] desde o século XVIII na língua portuguesa. Foi observada também, a manutenção do segmento [ʎ] no *corpus* em questão, perfazendo um total de 93% das ocorrências. De acordo com os dados analisados no *corpus* sincrônico, a preferência pela manutenção da variante [ʎ] se dá principalmente na fala dos informantes femininos, fato revelado pelo peso relativo como favorecedor da aplicação da regra variável em análise (0,63), enquanto os homens

desfavoreceram a regra (0,41). Os informantes analfabetos são os que mais realizam as variantes lateral alveolar [l], a semivogal [j] e o apagamento [Ø]. Os informantes mais escolarizados são os que mais produzem a lateral palatal [ʎ]. Os informantes com mais de 50 anos de idade são os que mais realizam as variantes não-padrão [l], [j] e [Ø].

Santos e Chaves (2012) realizaram a pesquisa intitulada *A realização da Lateral Palatal /ʎ/ no Atlas Linguístico do Acre (ALiAC)*. O trabalho teve como objetivo descrever as realizações fonéticas da consoante lateral palatal /ʎ/, que se situa entre os fonemas da língua portuguesa com maior possibilidade de variação, no *corpus* do Atlas Linguístico do Acre – ALiAC, numa tentativa de contribuição para a descrição do consonantismo na língua portuguesa empregada nesse estado. Mais especificamente, pretenderam identificar as variantes existentes no *corpus*, identificar o alcance geográfico (no ALiAC) dessas realizações, detectar a importância dos grupos de fatores sociais: sexo e faixa etária para a ocorrência de cada variante. A pesquisa se insere no campo da Dialetologia e da Sociolinguística. As localidades pesquisadas foram: Regional do Alto Acre (municípios de Brasiléia, Xapuí, Assis Brasil) e Regional do Purus (municípios de Sena Madureira, Manoel Urbano, Santa Rosa do Purus). Participaram da pesquisa 4 informantes por município, sendo 2 homens e 2 mulheres, em duas faixas etárias, de 18 a 30 anos e de 59 a 65 anos, com escolaridade no quinto ano do nível fundamental. No que concerne à análise, utilizaram o método estatístico simples, por causa da baixa produtividade e número reduzido de dados. Os resultados apontam a lateral palatal [ʎ] como predominante na fala de todos os informantes, principalmente dos mais jovens e das mulheres, e, em segundo lugar, encontra-se [y] como variante mais produtiva, seguido de [Ø] e [lʲ]. Predominantemente [ʎ] ocorre depois da vogal média alta anterior [e] e antes da vogal alta posterior [u], enquanto as variantes [y] e [Ø] ocorrem preferencialmente depois da vogal média anterior aberta [ɛ] e antes da vogal baixa [a]. E [lʲ], com apenas uma realização, ocorreu depois da vogal [e] e antes da vogal nasal [ĩ].

Pedrosa (2016) fez um estudo da nasal palatal /ɲ/ e suas realizações do dialeto na comunidade de João Pessoa, utilizando a abordagem teórico-metodológica laboviana. O *corpus* foi retirado do Projeto VALPB com 32 informantes. A autora controlou variáveis linguísticas e extralinguísticas para verificar a influência na variação da nasal palatal. Para a análise estatística, foi utilizado o programa estatístico *GoldVarb X*. As variáveis mais relevantes para o apagamento da nasal palatal foram: tonicidade, contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente, número de sílabas, categoria gramatical e sexo. Os resultados mostram que quando a nasal palatal não é pronunciada pelos falantes, a nasalidade de [ɲ] permanece, ao se espriar para a vogal precedente. Além disso, o contexto precedente é

observado como relevante, mais especificamente, o segmento vocálico [i] que aparece como um forte condicionador de variação, isto porque, quando a nasal palatal é apagada, o [i] mantém o traço distintivo de nasalidade de [ɲ]. A autora registra que o fenômeno constitui uma variação estável, por verificar que o mesmo falante usa tanto a manutenção do fonema quanto o apagamento em momentos distintos. Esta pesquisa apresenta apenas o estudo sobre a variável nasal palatal.

2.3.4 A realização de /l/ e /n/ diante de [i, j] e de /ʎ/ e /ɲ/ entre vogais, no Amazonas

De início, podemos dizer que no Amazonas poucos trabalhos sobre os fenômenos em questão foram realizados. Dos estudos realizados na região, destaca-se o trabalho realizado por Cruz (2004) em sua tese de doutorado intitulada *Atlas linguístico do Amazonas - ALAM*, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em que registra em 107 cartas fonéticas e 150 cartas semântico-lexicais os falares de nove municípios representativos de nove microrregiões do Estado do Amazonas. Realizado na perspectiva da Geografia Linguística pluridimensional, constitui o primeiro Atlas Linguístico a controlar de forma sistemática as variáveis independentes *faixa etária* e *sexo*. As localidades investigadas – Benjamin Constant, Tefé, Lábrea, Eirunepé, Humaitá, Barcelos, Manacapuru, Itacoatiara e Parintins – foram selecionadas com base em critérios de natureza sócio-histórica e político-cultural, levando-se, ainda, em conta as sugestões de Antenor Nascentes (1953), bem como as recomendações do Projeto do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Cada ponto de inquérito contou com seis informantes, distribuídos por sexo e divididos em três faixas etárias – 18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante – em um total de 54 indivíduos com nível de instrução de, até no máximo, a 4ª série do Ensino Fundamental. A pesquisa fundamentou-se na aplicação de dois questionários, um fonético-fonológico e um semântico-lexical, tendo-se realizado, também, elocuições livres com vistas a estudos posteriores. As entrevistas foram realizadas *in loco*. As cartas fonéticas, cujos dados foram transcritos por meio do Alfabeto Fonético Internacional (IPA), permitiram observar fenômenos que dizem respeito às realizações dos fonemas vocálicos e consonantais em diferentes contextos. As cartas semântico-lexicais discorreram sobre aspectos diversificados – meio físico, biótico (fauna, flora) e antrópico (o homem, atividade de produção) –, sendo algumas comuns a outros atlas regionais brasileiros, o que facilita a comparação interdialeto. O ALAM consiste numa significativa contribuição não só para o conhecimento de uma região parcamente explorada do ponto de vista dialetal, mas também para a delimitação das áreas linguísticas brasileiras.

Nesse trabalho, a autora registra nos municípios investigados a realização das variáveis /ʎ/ e /ɲ/. Para a variável /ʎ/, a variante lateral palatal apresentou baixo índice de frequência de uso, apenas 25,3%. Já a variante palatalizada apresentou o total de 73% e é representada em dez cartas fonéticas – 21, 26, 28, 50, 53, 61, 68, 75, 77 e 91, respectivamente – nos seguintes vocábulos: *melhor* (57%), *grelha* (68%), *colheita* (8%), *polvilho* (100%), *assoalho* (93%), *folha* (90%), *piolho* (92%), *orelha* (84%), *joelho* ((90%) e *mulher* (48%). A palavra *grelha* apresentou 7% de apagamento, o vocábulo *mulher* apresentou 6% da variante lateral alveolar e 4% de iotização. Quanto à nasal palatal /ɲ/, Cruz (2004) apresenta sete cartas fonéticas com baixa produtividade de [ɲ], principalmente, pelos vocábulos com o sufixo *inho(a)*. A autora explica que quando ocorre o cancelamento desse segmento, a vogal antecedente assimila o traço nasal e resulta na inserção de um *íode* ou a variante [ɲ̃]. Os vocábulos *espinha* (74%), *conheço* (55%), *pamonha* (80%), *amanhã* (70%), *peixinho* (85%), *bonitinho* (87%) e *canoinha* (82%) são representados nas respectivas cartas 16, 44, 69, 93, 13, 39 e 64.

Verificamos no Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM, especificamente no ponto 7, que se refere ao município de Manacapuru que representa a Microrregião do Rio Negro-Solimões em que se localiza os municípios de Anamã e Beruri, para o estudo da lateral alveolar /l/ diante de [i, j] a carta linguística 92 com o vocábulo *família* [fa'miljɐ] que foi realizado de forma categórica com a variante palatalizada pelos informantes da 1ª, 2ª e 3ª faixa com 6 realizações. Para a variável lateral palatal /ʎ/, a pesquisadora investigou a realização dos vocábulos *melhor*, *grelha*, *colheita*, *polvilho*, *assoalho*, *folha*, *piolho*, *orelha*, *joelho* e *mulher*, que totalizaram 57 dados na localidade de Manacapuru, sendo 14 realizações com a variante lateral palatal [ʎ], 41 realizações com a variante palatalizada [lʲ], 1 realização com a variante lateral alveolar [l] e 1 realização com a variante vocalizada [j]. Para a variável nasal palatal /ɲ/, a pesquisadora investigou os vocábulos *espinha*, *conheço*, *pamonha*, *amanhã*, *peixinho*, *botinho* e *canoinha*, que obteve 31 dados, também em Manacapuru, sendo 19 realizações com a variante apagamento [Ø], 9 realizações com a variante vocalizada [j], 2 realizações com a variante nasal palatal [ɲ] e 1 realização com a variante nasal palatalizada [ɲ̃]. Para a variante nasal alveolar /n/, foi investigada a realização dos vocábulos *Santo Antônio*, *união* e *bonito*, que apresentou 12 realizações com a variante nasal alveolar [n] e 6 realizações com a variante vocalizada [j]. É pertinente frisar que a vocalização ocorreu somente no vocábulo *Santo Antônio*, e a variante nasal alveolar ocorreu nos vocábulos *união* e *bonito*. Em síntese, observamos que a variável lateral alveolar /l/ diante de [i, j] apresenta somente a variante palatalizada [lʲ] em Manacapuru. Para a variável lateral palatal /ʎ/, a

variante palatalizada [lʲ] se apresentou como majoritária. Para a variável nasal palatal /ɲ/, a variante apagamento [Ø] se apresentou como a mais produtiva. E, para a variante /n/, a variante nasal alveolar [n] se apresentou como predominante.

Torres (2009), em sua dissertação intitulada *A realização das variantes palatais /ʎ/ e /ɲ/ nos municípios de Itapiranga e Silves (Parte do Médio Amazonas)*, descreve o comportamento dos fonemas /ʎ/ e /ɲ/ com base na metodologia da Sociolinguística e da Geolinguística. A autora controlou variáveis linguísticas e sociais. O programa computacional utilizado para rodar os dados foi um *software* apresentado pelo ALAM (CRUZ, 2004), que possibilitou a produção de cartas fonéticas. O resultado da pesquisa de Torres (2009) apresenta, de forma geral, a lateral palatal [ʎ] e a nasal palatal [ɲ] como maior predominância na fala dos moradores desses municípios.

Para a variável /ʎ/, nos dois pontos de pesquisa, em contexto medial do vocábulo, como em *afilhado, bilhete, coalhada, malhadeira, palhaço, palheta* e *velhice*, a autora afirma que houve a realização apenas da variante [ʎ] para as três faixas etárias. Nestes contextos não ocorreu a realização de apagamento e nem a iotização. No contexto final de vocábulo, em posição postônica e tônica na sílaba ocorreu pequena variação, quando antecédida da tônica, algumas vezes apresentou a vocalização e outras vezes se apagava, mas a mais produtiva foi a variante palatal. Já em contexto que a lateral palatal é tônica não ocorreu variação. A distribuição da variante [ʎ], de acordo com a faixa etária nas duas localidades, se apresentou assim: em Itapiranga, a 1ª faixa realizou a variante palatal de forma categórica, a 2ª faixa realizou 84,5% da lateral palatal, 2,4% de vocalização e 3,6% de apagamento, e a 3ª faixa realizou 84,5% das ocorrências com a lateral palatal, 2,4% com a vocalização e 1,2% com a variante apagamento; já em Silves, a 1ª faixa apresentou 91,7% de realização da palatal, 1,2% de vocalização e 1,2% de apagamento, a 2ª faixa realizou 88,1% da lateral palatal e 2,4% de vocalização, e a 3ª faixa realizou 84,5% da lateral palatal, 4,8% de vocalização, 2,4% de e 1,2% de realização de lateral palatal com [ɲ] no vocábulo [vʒœɲu] que foi realizado de forma quase imperceptível com a nasal palatal.

A realização à /l/ como [ʎ] em vocábulos como *cebolinha, estrelinha, galinha, galinheiro, panelinha* e *velinha*, no contexto medial, ocupando posição da sílaba tônica, se apresentou de forma predominante nas duas localidades investigadas e nas três faixas etárias. Apenas alguns falantes da 1ª faixa etária de Silves realizaram a variante iotizada em 7,1% dos dados e ocorreu apenas no vocábulo *velinha* [vɛʎɐ]. A lateral alveolar realizada como palatal em contexto inicial diante da vogal anterior [i] no vocábulo *linha* ocorreu em 100% dos dados nos dois pontos pesquisados e nas três faixas etárias. Quanto ao vocábulo *família* em que

ocorre uma semivogal, foneticamente foi realizado como lateral palatal na maioria das faixas etárias, exceto na 2ª faixa etária de Itapiranga, que se realizou como lateral palatalizada [fa'miɫia]. A realização deste vocábulo se apresentou desta maneira: em Itapiranga, a 1ª e 3ª faixa realizaram a lateral palatal de forma categórica e a 2ª faixa realizou 50% de lateral palatal e 50% de lateral palatalizada; já em Silves, houve o apagamento categórico na 1ª faixa, e 100% de realização da lateral palatal na 2ª e 3ª faixa.

Para a variável /ɲ/, houve predominância da variante nasal palatal [ɲ] nas duas localidades investigadas, quanto o contexto final de vocábulo. A realização da variante palatal de acordo com idade dos informantes em Itapiranga e Silves, neste contexto, ficou assim distribuída: em Itapiranga, houve predominância da nasal palatal na 1ª e 3ª faixa etária, com 64,4% e 63,5%, respectivamente, já na 2ª faixa etária, a preferência foi pela despalatalização, como em *vizinho* [vi'zĩʊ] com 36,5% de realização; já em Silves, a 1ª faixa etária realizou a variante nasal palatal e a variante apagamento em 27,9 % dos dados, seguida da variante [ʊ, ʋ] com 26,9%, a 2ª faixa etária realizou a variante nasal palatal em 43,3% dos dados, seguida da variante [ʊ, ʋ] com 29,8% e na 3ª faixa etária a variante nasal palatal foi a mais produtiva com 35,6% seguida da variante apagamento [Ø] com 25,0. Quanto ao contexto medial, a variante nasal palatal [ɲ] se apresentou como preferencial nas três faixas etárias das duas localidades, sendo na 1ª faixa etária 60,0% e 60,0%, na 2ª 20,0% e 60,0% e na 3ª faixa 70,0% e 60,0%, sendo o primeiro resultado correspondente ao município de Itapiranga e o segundo ao município de Silves, com exceção da 2ª faixa etária do município de Itapiranga, em que a vocalização de [ɲ] em [e] correspondeu a 40,0% das ocorrências, como nos vocábulos *galinheiro* [gaɫĩ'ɛɾʊ] e *dinheiro* [dĩ'ɛɾʊ]. No contexto final do vocábulo *caminhão*, os resultados foram praticamente os mesmos nas duas localidades, sendo 100,0% na 3ª faixa etária para a variante [ɲ], e uma oscilação entre [ɲ] e [ẽw̃] na 1ª e 2ª faixa com 50,0%. Quanto ao sexo, para a variável lateral palatal, nas duas comunidades, observou-se a manutenção da lateral palatal pelos dois sexos, sendo que os homens apresentaram 90,5% de frequência de uso em Itapiranga e 91,3% em Silves, e as mulheres 88,1% e 84,1%. Para a variável nasal palatal, em Itapiranga tem destaque as variantes [ɲ] e [ʊ, ʋ]. Os homens tiveram preferência pela variante nasal palatal com 61,5%, já as mulheres alternaram entre [ɲ] ~ [ʊ, ʋ]. Em Silves, as variantes de maior relevância foram [ɲ], [ʊ, ʋ] e o apagamento [Ø]. Os homens fizeram uso das três variantes, já as mulheres oscilaram entre [ɲ] ~ [ʊ, ʋ]. Ressaltamos que as mulheres apresentaram a mesma tendência nas duas localidades, ora realizando a palatalização, ora realizando a vocalização.

Evangelista (2018), em sua dissertação de Mestrado realizada pela Universidade Estadual do Amazonas – UEA intitulada *A palatalização das alveolares e velares no contexto de /i/ na fala manauara*, investigou as realizações fonéticas das alveolares /t/, /d/, /n/, /l/ e das velares /k/ e /g/ no contexto de /i/ na fala manauara. A pesquisadora atesta o possível processo de palatalização desses fonemas. A pesquisa adota a abordagem teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista e da Dialetologia. A autora controlou variáveis linguísticas e sociais. Os dados foram transcritos foneticamente com a utilização do Alfabeto Fonético Internacional – IPA. Logo após, os dados foram tabulados no programa Excel, do Windows, em que foram cruzadas as variáveis independentes linguísticas e sociais. Na discussão dos resultados, a pesquisa apontou que a palatalização está ocorrendo de forma geral na fala manauara.

No que concerne ao fonema /l/ de [i, j], a pesquisadora investigou a realização de /l/ em contexto inicial nos vocábulos *livro*, *linha*, *lírio* e *lista*, resultando em 96 ocorrências das quais 92 foram realizadas com a variante palatalizada. Em contexto medial, foram analisados os vocábulos *Alice*, *baliza*, *palito*, *boliche*, *cilíndrico*, *política*, *delícia*, *helicóptero*, *alicate*, *militar*, *eliminar*, *cálice*, *cólica* e *ilícito*, com 333 realizações, todas palatalizadas. O /l/ em sílaba final da palavra, investigado nos vocábulos *pele* e *cílios*, obteve 48 ocorrências, todas também palatalizadas. Também foi investigado se palavras pronunciadas no diminutivo com o sufixo – *inho* seriam realizadas de forma palatalizada. De 360 ocorrências, apenas 44 foram pronunciadas com a variante alveolar [l], ou seja, a palatalização foi predominante. Para as palavras *Brasília* e *família*, com 96 realizações dos informantes, todos os vocábulos foram pronunciados com palatalização. Para a variável alveolar /n/, também foram investigados vocábulos no diminutivo, como em *menininho*, *paninho*, *caninho*, que de 360 realizações, somente 79 foram pronunciadas de forma alveolar. Segundo a pesquisadora, se a variável for seguida da vogal [i] haverá palatalização.

Maia (2018), em sua tese de doutorado intitulada *O Atlas Linguístico do Sul do Amazonense - ALSAM*, investiga o falar de seis municípios da mesorregião do Sul Amazonense – Boca do Acre, Lábrea, Tapauá, Humaitá, Manicoré e Borba – com abordagem da Dialetologia Pluridimensional que além de abranger a dimensão diatópica, abrangeu as dimensões diastráticas, diassexual e diageracional. A pesquisa contou com 48 informantes estratificados em sexo, idade (de 20 a 35 anos e 50 a 65 anos) e escolaridade (4 a 7 anos e de 10 a 13 anos de escolaridade) e se deu por meio da aplicação de Questionário Semântico-lexical e Questionário Fonético-fonológico. Os dados originaram 435 cartas linguísticas, sendo 285 no âmbito lexical e 150 no âmbito fonético. No nível fonético-fonológico, o autor

investigou diversos fenômenos como a realização fechada das vogais médias pretônicas, a pronúncia alveolar do /S/ em coda silábica, o apagamento e a presença do /R/ em coda final, a pronúncia alveolar da lateral antes de vogal [i], a semivocalização e o apagamento da nasal palatal, dentre outros. No que concerne ao nosso objeto de estudo, a pesquisa de Maia (2018) apresenta a palatalização da lateral alveolar /l/ antes de [i] como mais produtiva nas localidades de Manicoré (84%) e Borba (79%). Já as localidades de Boca do Acre (100%), Lábrea (93%), Tapauá (76%) e Humaitá (65%) predominaram a variante lateral alveolar. De modo geral, o contexto precedente à vogal [i] no sul amazonense favoreceu a variante lateral alveolar /l/ com 64% de realizações, enquanto a variante lateral palatal apresentou 38% de realização. Além do contexto subsequente [i], o pesquisador controlou a variável *contexto precedente*, controlando os fatores ‘consoante com palatalização’, como em *desligo*, em que a variante lateral palatal foi mais produtiva com 64%; ‘consoante sem palatalização’, em que a lateral alveolar foi predominante com 77%; ‘vogal baixa [a]’, como em *palito*, em que a lateral alveolar apresentou 57% de realizações; e ‘ausência de segmento precedente’, como em *livro*, em que houve predominância da lateral alveolar com 59%.

Quanto à variável lateral palatal /ʎ/, o pesquisador considerou os vocábulos *melhor*, *grelha*, *orelha*, *joelho* e *mulher*, com o fonema em sílaba tônica e átona, em que a variante lateral palatal foi a mais produtiva com 96% de realizações, com casos raros de iotização e de apagamento, com 2% cada. Os casos de apagamento apareceram em Lábrea e Tapauá nos vocábulos *grelha* [ˈgrɛɐ̃] e *orelha* [oˈrɛɐ̃]. Em Boca do Acre, Humaitá e Borba ocorreram a iotização nos vocábulos *grelha* [ˈgrɛjjɐ̃] e *mulher* [mujjɐ̃]. Das nove ocorrências de iotização e apagamento, sete ocorreram na palavra *grelha* que pode indicar um caso de difusão lexical. O pesquisador considerou a relação social que cinge o uso das variantes semivogal [j] e apagamento, que confirmam o estigma social dessas variantes uma vez que as ocorrências se concentram majoritariamente entre os informantes do sexo masculino, mais idosos e de baixa escolaridade, acreditando que as variantes serão cada vez menos usadas pelos falantes futuramente, já que se observa a baixa frequência pelos mais jovens e mais escolarizados. A variável nasal alveolar /n/ foi observada nos vocábulos *bonito*, *união*, *Santo Antônio* e *aniversário*. A variante palatalizada [ɲ] se apresentou quase categoricamente nos vocábulos *união*, *aniversário* e *bonito*. Para a variante alveolar [n], o vocábulo [boˈnito] apareceu apenas uma vez na localidade de Lábrea por um informante do sexo masculino, na faixa etária de 50 a 65 anos e de 4 a 7 anos de escolaridade. O vocábulo *Santo Antônio* apresentou três variantes: semivogal [j], nasal palatalizada [ɲ] e nasal palatal [ɲ], sendo a primeira mais frequente na mesorregião do sul amazonense, e as duas últimas mais frequente apenas em

Manicoré. Para a variável nasal palatal /ɲ/ foi considerado o contexto subsequente a vogal [i] em sílaba tônica, nos vocábulos *espinha*, *botinho*, *canoinha*, e os demais contextos nos vocábulos *conheço*, *pamonha*, *amanhã*, *senhor* e *peçonha*. Nas localidades pesquisadas, a variante majoritária foi a semivogal nasalizada [ɲ̃], como em [kõ̃jjesʊ] com 49% das ocorrências, seguida da variante nasal palatal [ɲ], como em [pã'mõɲɐ] com 32% de realizações, sendo a variante mais frequente em Manicoré (76%) e Borba (74%). A variante apagamento ocorreu em apenas 19% dos dados, a exemplo o vocábulo *espinha* [is'pĩa], sendo mais frequente em Lábrea e Tapauá. Segundo o autor, a presença da vogal tônica [i] antes da nasal palatal favorecem seu apagamento com 48% de realizações, e nos demais contextos a variante que predomina é a semivogal nasalizada [ɲ̃].

CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo explana os procedimentos metodológicos de cunho sociolinguístico e dialetológico utilizados nesta pesquisa. O capítulo está dividido em duas subseções: a metodologia da pesquisa sociolinguística e dialetológica e o envelope de variação. Na primeira subseção, é apresentado o contexto da pesquisa e o perfil dos informantes, os instrumentos de geração de dados, a geração de dados por meio da aplicação do questionário e procedimentos de análise dos dados. Na segunda subseção, são apresentadas as variáveis dependentes e suas variantes, e as variáveis independentes controladas na pesquisa para investigar a realização variável das alveolares /l/ e /n/ diante de [i, j] e das palatais /ʎ/ e /ɲ/.

3.1 A metodologia da pesquisa sociolinguística e dialetológica

É sabido que a pesquisa de cunho sociolinguístico, especificamente laboviana, procura descrever um fenômeno de forma quantitativa a partir do conhecimento empírico em um determinado grupo social.

De acordo com Tarallo (2007, p. 18), “o modelo teórico-metodológico da sociolinguística parte do objeto bruto, não polido, não aromatizado artificialmente”. Para o autor, o fato linguístico é o ponto de partida, os dados de análise são bases e acervos de informações para confirmação ou refutação de hipóteses, assim como também, para levantamento e lançamento de novas hipóteses. Para tanto, o objeto de estudo da sociolinguística é a língua falada, é a língua usada pelos grupos sociais.

Beline (2012) discorre que em uma comunidade de fala, por mais que o indivíduo faça uso de variantes, é no contato com outros falantes que ele vai definir o limite de sua variação. Nesse caso, deve existir semelhança entre a língua que ele fala e a língua que os outros membros da comunidade usam. O que interessa é descobrir como é constituída essa comunidade de fala por meio de agrupamentos de falantes com características linguísticas comuns.

Neste sentido, Guy (2001 *apud* BELINE, 2012, p. 128-129) define uma comunidade de fala como um grupo de falantes que:

- Compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outro;
- Comunicam-se relativamente mais entre si do que com outros;
- Compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem.

Assim, delimitamos a nossa comunidade de fala para verificarmos as realizações das alveolares /l/ e /n/ diante de [i, j] e as palatais /ʎ/ e /ɲ/ para quantificar as formas linguísticas compartilhadas entre seus falantes, pois “fazer análise quantitativa de dados linguísticos é a palavra de ordem da Sociolinguística” (BELINE, 2012, p. 135).

Como verificado em trabalhos de cunho sociolinguístico, o pesquisador interessado em estudar a língua em uma comunidade de fala precisa seguir alguns passos que são explicitados por Coelho *et al.* (2015, p. 132-133), tais como: escolher uma comunidade de fala; escolher um objeto de estudo (variável sociolinguística); definir o envelope de variação; fazer levantamento da literatura do que já foi dito/estudado sobre o objeto de pesquisa; formular questões e hipóteses; definir grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos; coletar os dados, que podem ser de um banco pronto ou formação de novas amostras; codificação das ocorrências de acordo com os grupos de fatores; fazer análise quantitativa dos dados por meio de um programa estatístico (pacote Varbrul/GoldVarb); e, fazer a descrição e análise dos resultados.

A forma descrita por Coelho *et al.* (2015) define como fazer uma pesquisa em Sociolinguística, a qual procuramos seguir. Vale ressaltar, também, a pesquisa de cunho dialetológico, pois, segundo Cardoso (2010, p. 89), “ela se fundamenta em um tripé básico: a rede de pontos, os informantes e os questionários. Nesta pesquisa, escolhemos o Questionário Fonético-Fonológico para coletar os dados de fala, assim, como também um questionário para levantar as características dos informantes da pesquisa. No entanto, o tratamento dos dados desta pesquisa está voltado para a “correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando dessa forma as relações sociolinguísticas” (CARDOSO, 2010, p. 26).

3.1.1 O contexto da pesquisa e o perfil do informante

O contexto para realização desta pesquisa de cunho sociolinguístico e dialetológico foram as localidades de Anamã e Beruri, no Amazonas. De acordo com Ferreira e Cardoso (1984, p. 24 *apud* CARDOSO, 2010, p. 89), “[...] em razão de sua situação geográfica, de sua história, do tipo de povoamento que nela se processou [...], enfim, podem ter um conjunto de características que a demarcam e a distingue de outras áreas”. Estas características podem definir a forma de falar dessas localidades pesquisadas, que segundo Coelho *et al.* (2015, p. 38), é “a [...] variação diatópica, a responsável por podermos identificar, às vezes com bastante precisão, a origem de uma pessoa pelo modo como ela fala”.

Seguindo critérios que uma pesquisa desta natureza exige, Tarallo (2007, p. 27-28), assim se expressa: “[...] serão entrevistados aqueles indivíduos que ou tenham nascido na comunidade em questão ou a ela tenha chegado até os cinco anos de idade”. Brandão (2005, p. 31) corrobora essa afirmação ao dizer que o informante “deve ser nativo da localidade (o mesmo ocorrendo com seus pais e seu cônjuge)”.

Nesse sentido, o pesquisador deve ficar atento para a escolha dos informantes que farão parte da amostra, para que os resultados da pesquisa possam ser o mais fidedigno possível, seguindo alguns princípios, como:

- Ser nativo da localidade e, de preferência, pais e cônjuge, também, da comunidade linguística em estudo ou que tenham chegado nos primeiros anos de vida;
- Residir nas localidades da pesquisa;
- Não ter se afastado da localidade por muito tempo (anos), principalmente nos primeiros anos de vida;
- Possuir boas condições de fonação.

Tarallo (2007, p. 28) afirma que: “o tamanho da amostra dependerá da natureza linguística da variável a ser estudada. Uma variável fonológica é bastante recorrente na fala; [...]”. O fato de nossa pesquisa investigar um fenômeno no nível fonético-fonológico não exige um número grande de informante, até porque, para recolher os dados foi usado o Questionário Fonético-Fonológico, o que facilitou a elicitación de dados.

Os participantes foram estratificados seguindo a mesma divisão de Cruz (2004) para fins comparativos: três faixas etárias, sendo um homem e uma mulher em cada faixa, não escolarizados ou que tenham cursado até a 4ª série do Ensino Fundamental I. Brandão (2005) afirma que:

No que toca às variantes sociais (faixa etária, sexo, grau de escolaridade, situação socioeconômica), cumpre dizer que elas se mostram de particular importância para que melhor se compreendam os fatores que determinam a conservação de certos traços linguísticos ou a difusão de inovações (BRANDÃO, 2005, p. 31).

Entretanto, é sabido que não é o indivíduo que interessa para a pesquisa sociolinguística e dialetológica, mas a comunidade de fala no espaço geográfico em que este sujeito interage, por meio de uma língua que varia. Portanto, as variáveis sociais para constituição das células são apresentadas a seguir, como pode ser observado no Quadro 4.

Quadro 4 - Estratificação social dos informantes

Escolaridade		Não escolarizado ou até a 4ª série do E. Fundamental			
Localidade		Anamã		Beruri	
Idade	Sexo	Homem	Mulher	Homem	Mulher
De 18 a 35 anos		1	1	1	1
De 36 a 55 anos		1	1	1	1
De 56 anos em diante		1	1	1	1
Total de informantes		12			

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Assim, foram definidas as células sociais analisadas nesta pesquisa, seguindo dois parâmetros: a escolha do informante e o fenômeno em estudo. Com isso, nossa amostra conta com 12 informantes, isto porque, para Coelho *et al.* (2015, p. 101), uma célula social é entendida como “um conjunto de indivíduos agrupados pelas mesmas características sociais relevantes para análise de fenômenos de variação e mudança linguística”.

3.1.2 Instrumentos de geração dos dados

A pesquisa sociolinguística e dialetológica é de base empírica e segue alguns parâmetros para recolher os dados, que podem ser de banco de dados prontos – como do Atlas Linguísticos do Brasil (ALiB), Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM) entre outros –, como também criar novos arquivos a partir de observação direta da língua falada, entrevista individual, aplicação de questionário, etc.

Nesta pesquisa, que trata de um fenômeno fonético-fonológico, buscamos formar um banco de dados já que até o momento não havia nenhuma pesquisa de cunha sociolinguístico e dialetológico nas cidades escolhidas para esta investigação. Para isso, foram selecionados vocábulos em que o fenômeno ocorre para a formação dos *corpora*, isto é, para garantir um número significativo de dados que trate da realização das alveolares /l/ e /n/ diante de [i, j] e das palatais /ʎ/ e /ɲ/. Dessa forma, os vocábulos foram considerados para a elaboração do instrumento de coleta de dados, neste caso, um questionário fonético-fonológico (QFF), cf. Apêndice D. Segundo Cardoso (2010, p. 96),

O questionário fonético-fonológico tem um objetivo muito específico: apurar determinado (s) tipo (s) de realização que se documenta (m) numa área ou em diferentes áreas, razão pela qual deve obter, nos vários sítios pesquisados, dados produzidos nas mesmas circunstâncias e nos mesmos contextos fônicos.

Cardoso (2010) afirma que o questionário fonético-fonológico é uma das técnicas para recolher os dados de forma prática, incluindo as informações desejadas, junto às perguntas e respostas para obter maior homogeneidade na recolha das informações. No QFF, assim há diferentes formulações de perguntas e registro de respostas, mas que caminha sempre na direção do registro da mesma forma linguística por diversos informantes.

Nesta pesquisa, trazemos para ilustração da realização para a lateral palatal, o seguinte exemplo:

QUILHA

Qual o nome daquela tábua que fica dentro d'água embaixo da canoa_____?

Para auxiliar na aplicação do questionário, usamos um grupo de imagens com perguntas direcionadas para que os informantes realizassem a leitura da ilustração para que a resposta obtida fosse de acordo com o fenômeno em estudo, como por exemplo, para obter a resposta 'AGULHA', fizemos a pergunta 'Como você chama este objeto_____?'. Isto porque, de acordo com Tarallo (2007, p. 19, grifo do autor), o que interessa no estudo de cunho sociolinguístico "é o vernáculo: a enunciação e a expressão dos fatos, proposições, ideias (*o que*) sem a preocupação de *como* enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado a língua, ao *como* da enunciação". Neste sentido, o informante presta a atenção para a imagem e não para a fala. Vale ressaltar que, nesse caso, ainda assim, os dados resultantes de questionários são mais monitorados do que os obtidos em entrevista sociolinguística (que objetiva coletar o vernáculo).

Para o registro dos dados é necessário adotar as gravações "que devem ser utilizadas com parcimônia e, qualquer dos casos, submetidas, após registro, ao autor das informações para obtenção do seu consentimento, sem o qual a gravação deve ser apagada em sua presença" (CARDOSO, 2010, p. 99). Assim, prosseguimos com a entrevista para a aplicação do questionário fonético-fonológico.

3.1.3 Aplicações do questionário fonético-fonológico: a geração de dados

Em uma entrevista encontram-se vários entraves. Dentre eles, podemos dizer que a presença do entrevistador é uma das dificuldades, assim como a presença de um gravador. Por

isso, para tornar o momento de coleta de dados o mais natural possível conversamos sobre diversos assuntos de interesse do informante e que faziam parte de seu cotidiano.

Nesse sentido, para que o participante da pesquisa se sentisse seguro em falar, foi necessário demonstrar interesse na comunidade de fala, nos seus problemas, nas suas peculiaridades, na sua história e na sua cultura para que o informante se sentisse à vontade para conversar e responder de forma menos formal o QFF durante a coleta dos dados.

A coleta dos dados ocorreu no período de 05 a 30 de janeiro de 2020 e as entrevistas para a aplicação do questionário fonético-fonológico foram previamente agendadas de acordo com a disponibilidade dos informantes de cada localidade, em local e horário escolhido por eles.

Ressaltamos que antes de fazermos as entrevistas nos municípios de Anamã e Beruri, fizemos um primeiro contato com membros da comunidade para verificar se nas localidades investigadas havia informantes com o perfil estabelecido e dentro dos critérios definidos exigidos para pesquisa. De posse dessas informações, foi agendado dia e horário para que o informante realizasse a entrevista.

Quanto ao município de Anamã, o primeiro passo foi entrar em contato com o Coordenador Regional de Educação - SEDUC (AM), Marlúcio Sampaio do Nascimento, para que ajudasse na busca pelos informantes. O Coordenador fez o primeiro contato com as pessoas, já que é membro da comunidade e conhecia a maioria dos moradores da localidade, principalmente os moradores mais antigos que nasceram e viveram nesse local. Na conversa prévia, fizemos perguntas informais para verificar se as pessoas selecionadas realmente tinham o perfil estabelecido para participar da pesquisa e marcamos o local, dia e horário que melhor se adequava para cada um. No que se refere ao município de Beruri, não precisamos de intermediários para a seleção dos informantes, visto que a pesquisadora é dessa localidade, garantindo, assim que todos os informantes entrevistados estivessem adequados ao projeto.

Antes de iniciar as entrevistas, explicamos sobre a importância da pesquisa sociolinguística e dialetológica, lemos o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (TCLE) – já que os informantes eram analfabetos ou possuíam até a 4ª série do Ensino Fundamental I – e perguntamos se o informante estava disposto a participar e colaborar com a pesquisa. Todos os informantes foram bem receptivos e aceitaram ser entrevistados. Após o aceite em participar da pesquisa, preenchemos a ficha da localidade e a ficha do informante para coletar informações que poderiam ser relevantes no momento da análise dos dados, bem como registrar informações com caracterização sumária de cada informante, assim como da localidade investigada. Somente após esses procedimentos, iniciamos as entrevistas.

Como já explicitado anteriormente, para coletar os dados do fenômeno investigado utilizamos o Questionário Fonético-Fonológico, que foi adaptado de Torres (2009) e Evangelista (2018), para “uma maior homogeneização na recolha de informações e, consequentemente, na qualificação dos dados obtidos” (CARDOSO, 2010, p. 96). As perguntas foram direcionadas para obter respostas com a forma linguística do fenômeno em estudo na fala dos informantes das localidades investigadas. O questionário continha 204 perguntas curtas e direcionadas para obtenção de palavras com as variáveis linguísticas em estudo.

As entrevistas tiveram duração de 30 a 45 minutos e foram registradas por meio de um aparelho celular *Samsung S8*, que possui áudio de boa qualidade.

Depois de realizadas as entrevistas, o próximo passo foi ouvir os áudios diversas vezes para a realização das transcrições. Para a organização dos dados, foi feita a transcrição grafemática e fonética, considerando o uso do Alfabeto Fonético Internacional – IPA.

Para Silva (2014), existem dois tipos de transcrição fonética: a transcrição fonética ampla e a transcrição fonética restrita. A transcrição fonética ampla não descreve todos os detalhes que articulatoriamente o falante produz, pois “[...] explicita apenas os aspectos que não sejam condicionados por contexto ou características específicas da língua ou dialeto: como [‘kilo] (em oposição à [‘kiɫʷo] que é uma transcrição fonética restrita)”. Neste trabalho, adotamos a transcrição fonética restrita, uma vez que ela possibilita descrever os detalhes articulatorios da produção linguística do falante, condicionados por contextos, sejam eles linguísticos ou extralinguísticos.

Posterior a isso, codificamos as ocorrências de acordo com os grupos de fatores controlados na pesquisa, isto porque, de acordo com Coelho *et al.* (2015, p. 124), “a codificação dos dados é um requisito para a análise estatística”. Os autores afirmam que o pesquisador deve “examinar a amostra delimitada para a pesquisa e extrair cada ocorrência da variável acompanhada do contexto em que ela está inserida, o que implica na maioria das vezes ler e/ou ouvir amostras bem extensas” (COELHO *et al.*, 2015, p. 125).

3.1.4 Procedimentos de análise dos dados: tratamento quantitativo

Os dados desta pesquisa tiveram tratamento estatístico partindo do controle de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos para verificar a influência deles na realização das variáveis linguísticas investigadas na fala dos informantes de Anamã e Beruri (AM).

Para isso, todos os dados codificados de cada variável – /l/, /n/, /ʎ/ e /ɲ/ – foram submetidos, individualmente, ao programa estatístico *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), utilizado em pesquisas sociolinguísticas para fazer o cálculo percentual e retirar o peso relativo de acordo com a “aplicação da regra” escolhida pelo pesquisador em cada rodada estatística. Esse programa seleciona os grupos de fatores que favorecem a aplicação da regra por ordem de significância, indicando o efeito que o grupo de fatores tem sobre o fenômeno em cada variante da variável dependente (COELHO *et al.*, 2015, p. 126). O programa estatístico forneceu para esta pesquisa informações linguísticas, os casos categóricos, ou seja, aqueles em que não ocorre variação do fenômeno investigado, a frequência de uso das variantes e o peso relativo dos grupos de fatores que influenciam a aplicação da regra de cada variável (palatalização, apagamento e vocalização).

Lembramos que o programa estatístico, como o próprio nome sugere, faz uma análise quantitativa dos dados linguísticos, apresentando apenas números, existindo a necessidade de uma análise qualitativa baseada nas teorias utilizadas e respaldadas nos resultados estatísticos apresentados pelo programa.

3.2 Envelope de variação

Esta seção trata do envelope de variação, que, segundo Coelho *et al.* (2015, p. 119), é “[...] a descrição detalhada de uma variável, de suas variantes e dos contextos em que elas podem ou não ocorrer, ou seja, de como um fenômeno está se manifestando na língua”.

Ao abordar a fala, podemos verificar que um fenômeno linguístico, de acordo com estudos sociolinguísticos e dialetológicos, pode ter diversas realizações, a depender de diversos fatores que o condicionam, isto porque “os usos são controlados por variáveis estruturais e sociais. Eles podem ser agentes internos e externos ao sistema linguístico” (MOLLICA, 2010, p. 27).

É na busca de compreender o fenômeno estudado que delineamos este caminho, a fim de sistematizar o controle e análise de variáveis para descobrir quais condicionadores estão influenciando a escolha de uma variante em detrimento de outra.

3.2.1 As variáveis dependentes

Nesta pesquisa, as variáveis linguísticas dependentes escolhidas são /l/ e /n/, diante de [i, j], e /ʎ/ e /ɲ/, intervocálicos, para verificarmos suas realizações nas comunidades de fala anamaense e beruriense. Essas variáveis podem apresentar diversas realizações, a saber:

- A lateral alveolar /l/ diante de [i, j] pode ser realizada como alveolar [l] ou como palatal [ʎ];
- A nasal alveolar /n/ diante de [i, j] pode ser realizada como nasal alveolar [n], como palatal [ɲ] ou pode ser vocalizada [j];
- A lateral palatal /ʎ/ pode ser realizada, dentre outras formas, como palatal [ʎ], palatalizada [lʲ] ou vocalizada [j];
- A nasal palatal /ɲ/ pode ser realizada como nasal palatal [ɲ], palatalizada [nʲ], vocalizada [j] ou sofrer apagamento [Ø].

Essas variações ocorrem no Português do Brasil, como verificamos nas pesquisas resenhadas na subseção 2.3.3. Nesse sentido, também, verificamos que as variáveis podem ser ‘binárias’, quando tem duas variantes, ‘ternárias’, quando tem três variantes, e ‘enerárias’, quando possui quatro ou mais variantes (COELHO *et al.* 2015).

Em relação às variáveis dependentes investigadas, os fonemas /l/, /n/ e /ʎ/, /ɲ/ podem apresentar as seguintes variantes:

- | | |
|---------------------------|---|
| i) /l/ diante de [i, j]: | $\left\{ \begin{array}{l} [l]: ['limãw] \\ [ʎ]: ['ʎimãw] \end{array} \right.$ |
| ii) /n/ diante de [i, j]: | $\left\{ \begin{array}{l} [n]: [kɐ' lũɲjɐ] \\ [ɲ]: [kɐ' lũɲjɐ] \\ [j]: [kɐ' lũjjɐ] \end{array} \right.$ |
| iii) /ʎ/ | $\left\{ \begin{array}{l} [ʎ]: ['foʎɐ] \\ [lʲ]: ['folʲɐ] \\ [j]: ['fojjɐ] \end{array} \right.$ |
| iv) /ɲ/ | $\left\{ \begin{array}{l} [ɲ]: [ɐ' rãɲɐ] \\ [nʲ]: [ɐ' rãnʲɐ] \\ [j]: [ɐ' rãjjɐ] \\ [Ø]: [ka' rɔ]^{6} \end{array} \right.$ |

⁶ Neste trabalho, serão utilizados os seguintes símbolos vocálicos para a transcrição dos dados: a -ônico, ɐ -átono; u -ônico; e, ɔ -átono.

Como podemos observar, as variáveis dependentes apresentam suas variantes que lutam pela expressão da variável. Ademais, existem outras realizações para as laterais alveolares /l/ e /n/, como também para as laterais palatais /ʎ/ e /ɲ/, como vimos nas seções que relataram as pesquisas realizadas no Brasil e no Amazonas.

Quanto à palatalização, ela pode ser assim conceituada:

Consiste no levantamento da língua em direção da parte posterior do palato duro, ou seja, a língua direciona-se para uma posição anterior (mais para frente da cavidade bucal) o que normalmente ocorre quando se articula um determinado segmento consonantal. A consoante que apresenta a propriedade secundária de palatalização apresenta um efeito auditivo de sequência de consoante seguida da vogal *i*. A Palatalização geralmente ocorre quando uma consoante é seguida de vogais anteriores *i*, *e*, *é* (orais ou nasais) (SILVA, 2014, p. 35).

Para a autora, o processo de palatalização ocorre com maior frequência quando uma consoante é seguida da vogal [i]. Para indicar a palatalização, é usado o símbolo [j] à direita e acima do segmento consonantal – [l^j], [n^j]– que podem ser assim exemplificados nas palavras ‘palha’ e ‘farinha’, que podem se realizar como [ˈpal^jia] e [faˈrĩn^jia].

O fenômeno de palatalização acontece em função do contexto fonético subsequente. O fone [i] é um segmento favorecedor desse fenômeno, como se observou na passagem do latim ao português, visto que ocorre um processo da queda do /l/ e /n/ surgindo muitos hiatos que, mais tarde, resultaram no surgimento das consoantes ‘nh’ e ‘lh’, ou seja, as variáveis que hoje temos no Português do Brasil, também chamadas de consoantes “molhadas” (TEYSSIER, 2014).

Pelas características apresentadas da vogal [i], podemos dizer que ela tem uma força que modifica as alveolares /l/ e /n/ e as palatais /ɲ/ e /ʎ/, fazendo com que o ponto de articulação mude, produzindo um novo som que pode ser chamado de palatalizado.

Quanto à vocalização, vimos na história das palatais, que para ocorrer a queda da nasal palatal, antes a vogal anterior é nasalizada como podemos observar na palavra ‘aranha’ [aˈrãjja]. O fenômeno de vocalização é a queda da nasal palatal que se transforma em uma semivogal.

Para o fenômeno do apagamento, acontece o mesmo processo que ocorre na vocalização. Antes do apagamento da nasal palatal, ocorre primeiro a nasalização da vogal antecedente, para depois surgir o apagamento, que é a queda total da nasal palatal. Quando a consoante nasal palatal é antecidida por [i], há um processo de assimilação, como podemos observar em ‘carinho’ [kaˈrĩɲʊ] > [kaˈrĩjʊ] > [kaˈrĩʊ], e, neste caso, a nasal palatal não é substituída.

3.2.2 As variáveis independentes controladas

As variáveis independentes linguísticas, ou internas, e extralinguísticas, ou externas, são favorecedoras do processo de variação, como já verificamos em pesquisas realizadas com abordagens sociolinguística e dialetológica.

Desse modo, para a análise das variáveis desta pesquisa, selecionamos os grupos de fatores linguísticos: *contexto antecedente*, *contexto seguinte*, *tonicidade*, *número de sílabas*, *posição na palavra*, *classe morfológica* e *grau da palavra*; e os grupos de fatores extralinguísticos: *faixa etária*, *sexo* e *localidade*, para verificarmos quais as variáveis independentes podem estar influenciando a ocorrência de variantes das variáveis fonológicas aqui estudadas.

i) Variáveis independentes linguísticas

Nas pesquisas que tratam das variáveis aqui estudadas apresentadas anteriormente, foram evidenciados alguns grupos de fatores que influenciam a realização das variantes. Desse modo, os estudos sociolinguísticos têm demonstrado que as variáveis independentes linguísticas têm um papel importante para a variação linguística, principalmente no que concerne a fenômenos fonético-fonológicos, pois “a ocorrência das variantes de uma variável fonológica pode estar correlacionada a pressão ou efeito da mesma natureza” (GOMES; SOUZA, 2010, p. 75).

▪ Contexto antecedente

O *contexto fonológico antecedente* tem se mostrado significativo como condicionador linguístico e pode ser favorecedor da palatalização, vocalização e/ou apagamento nesta pesquisa.

Os resultados da pesquisa de Oliveira *et al.* (2009) sobre a realização da variável alveolar /l/ que avaliam as vogais como contexto seguinte [a, e, i] apontam para a palatalização de /l/ em contexto de [i, j]. No entanto, os autores argumentam que não importa muito o contexto antecedente para essa variável, pois quem denota a aplicação da regra é o *contexto seguinte*, por estar diante de uma regra que pertence ao domínio da sílaba e não da palavra. Nos resultados da pesquisa de Maia (2018) no sul do Amazonas, em relação à variável /l/ diante de [i, j], o pesquisador controlou como contexto antecedente a consoante com palatalização, consoante sem palatalização, vogal central [a] e sem contexto precedente (início de vocábulo). Os resultados apontaram que a consoante com palatalização influencia a realização da variante palatalizada.

A pesquisa de Soares (2008), que trata da variável /ʎ/, aponta as vogais não altas [a, e, ε, ɔ, o] como favorecedoras da variante [lʲ] e da variante [j]. As vogais anteriores [i, e, ε, a] favorecem a variante [lʲ] e [lj] e as vogais posteriores [u, o, ɔ] a variante [j]. A autora, também pesquisa a realização das variantes da variável /ɲ/ e verifica [i, u] como favorecedora das variantes palatalizadas [ɲʲ] e a variante nasal palatal [ɲ]. Nesse caso, a palatal aparece com manutenção do maior índice. E as vogais não altas [a, e, ε, ɔ, o] para a variante [j]. As vogais anteriores [i, e, ε] favorecem as variantes [j] e [ɲ] e as vogais posteriores favorecem a variante palatalizada [ɲʲ].

Nos resultados da pesquisa de Freire (2011) sobre a realização da lateral palatal, o pesquisador aponta a vogal coronal⁷ e a vogal dorsal⁸ como favorecedoras da lateral palatal [ʎ]. Brandão (2007) aponta nos resultados da pesquisa sobre a realização da variável dependente lateral palatal, que a vogal coronal [i], no contexto antecedente corrobora para o apagamento.

O resultado da pesquisa de Pedrosa (2016) mostra a vogal [i] como favorecedora do fenômeno apagamento e explica que tiveram muitos vocábulos com a vogal [e], mas que estes foram pronunciados com [i], a vogal [i] aparece como relevante nesse contexto para a realização do fenômeno do apagamento.

Para a realização das variantes da variável nasal palatal, acreditamos que a vogal [i] têm grande possibilidade de condicionar o apagamento, enquanto as demais vogais tendem para a vocalização e manutenção da nasal palatal. Quanto à variável /n/, as vogais [i, u] podem contribuir para a realização palatalizada, enquanto as vogais [a, e, o] podem agir como condicionador da vocalizada. Para a realização das variantes da lateral palatal, acreditamos que as vogais [e, o, u] podem favorecer a realização da variante palatalizada, enquanto as vogais [a, ε, ɔ, i] podem favorecer a manutenção da variante lateral palatal. Para a realização de /l/, acreditamos que [e, o, i, u] podem influenciar a palatalização mais do que as vogais [a, ε, ɔ].

▪ Contexto seguinte

O *contexto fonológico seguinte* pode exercer influência no processo de variação. Nesse intuito, buscamos verificar se este contexto condiciona os fenômenos da palatalização, vocalização e apagamento.

⁷ A vogal coronal é produzida com uma constrição da região frontal da língua.

⁸ A vogal dorsal é produzida com uma constrição da região posterior/dorso da língua.

Para Oliveira *et al.* (2009), o contexto seguinte é promissor para a realização da palatalização da lateral alveolar, visto que é ele que denota a regra. Para Evangelista (2018), a lateral alveolar no contexto seguinte [i, j] na fala manauara é palatalizada, e diz, ainda, que pode ocorrer a neutralização entre /l/ e /ʎ/ diante [i]. Nesse sentido, acreditamos que a variável alveolar, nesse contexto, nesta pesquisa, pode ser palatalizada e ocorrer a neutralização entre os dois fonemas /l/ /ʎ/ em palavras como: óleo e olho, filinha e filhinha, velinha e velhinha, galinho e galhinho, conforme observado por Camara Júnior (1997, p. 45):

São igualmente típica de variedade relaxada a ausência de /r/ em posição pós-vocálica final e a neutralização dos contrastes /l/ e /lh/, /n/ e /nh/ diante de [i] com a realização apenas do primeiro membro (fól*li*'nha, compan'ia, ou diante de /y/ a anulação de distinção /lh/-/ly/, /nh/- /ny/ como nos casos de venha e vênia (ve'nha/ - /vênya/) ou de olhos e óleo (/ò 'thus/ - /ò 'lyus/).

Santos e Chaves (2012) apresentam no contexto seguinte a vogal [u] (49,9%) como a favorecedora da manutenção da lateral palatal /ʎ/, seguida da vogal [ɛ] (13,9%), depois [o] e por fim [ɔ], estas com percentual baixíssimo. Freire (2011) aponta as vogais labiais, seguida da dorsal e coronal, afirmando que decrescem e variam significativamente, sendo a vogal labial a favorecedora da manutenção de /ʎ/. Pedrosa (2016) apresenta as vogais [ɔ, i, o, u] como favorecedoras para o apagamento da variável nasal palatal, enquanto as variáveis independentes [ɛ, a] a desfavorecem, de acordo com o programa estatístico, a aplicação da regra. Já Soares (2008) aponta as vogais altas [i, u] como favorecedoras das variantes [j] e [ɲ] e as vogais não altas [a, ɛ, e, ɔ, o] como favorecedoras de [nʲ]. Quanto à anterioridade e à posterioridade das vogais, a autora apresenta as vogais anteriores [i, e, ɛ] como favorecedora das variantes [ɲ] e [nʲ], exatamente nessa ordem, enquanto as vogais posteriores [u, o, ɔ, a] favorecem a variante [j].

Acreditamos que nesta pesquisa, para a realização das variantes nasal palatal, as vogais [a, o] vão favorecer o apagamento, pois estas vogais geralmente vem nos sufixos *inho(a)* e as vogais [e, ɛ, ɔ, u] favorecerão a variante vocalizada. No que concerne, a realização da lateral palatal, acreditamos que as vogais [a, e, o, u] podem influenciar a realização palatalizada, enquanto as vogais [ɛ, ɔ, i] podem influenciar a permanência da lateral palatal.

A pesquisa de Evangelista (2018) na fala manauara aponta que palavras com a nasal alveolar diante de [i, j] favorecem a neutralização com a nasal palatal /ɲ/ diante de [i, j]. Nesse sentido, acreditamos que a variável /n/ no contexto de [i] pode ser realizada como palatal e não como lateral alveolar, isto porque, é nesse contexto que surge a consoante 'nh' para separar os hiatos 'ĩ-o', 'ĩ-a', daí surgindo o 'inho', 'inha'. Dessa forma, pode ocorrer a

neutralização dos fonemas /n/ e /ɲ/. Também, acreditamos que quando /n/ estiver diante da semivogal [j] a realização do fonema /n/ será um segmento vocalizado nasalizado que vai ocupar o lugar da consoante.⁹

▪ Tonicidade

Acreditamos que o grupo de fatores *tonicidade* pode influenciar a realização variável das alveolares e palatais desta pesquisa, de acordo com os resultados encontrados por Brandão (2007), Oliveira *et al.* (2009), Pedrosa (2016), Soares (2008) e Maia (2018).

Brandão, (2007) aponta em sua pesquisa que a tonicidade é relevante para o estudo da variação. Na sua pesquisa o fator postônico apresentou-se como relevante para o uso da variante palatalizada da variável lateral palatal. Oliveira *et al.* (2009) apontam o contexto postônico como altamente favorecedor da palatalização de /l/, isto porque a pretônica inicial corresponde a palavras que tem como contexto imediatamente seguinte a variável [i]. Na pesquisa de Soares (2008), a tonicidade foi um condicionador importante no processo de variação, em que as tônicas e pretônicas favoreceram a realização palatalizada [ɲ], as pretônicas e postônicas a manutenção da nasal palatal [ɲ] e a postônica a realização da variante [j], na comunidade de fala estudada. Quanto à lateral palatal /ʎ/, a autora argumenta que a palatalização é favorecida no contexto pretônico e que no contextoônico as variantes não palatais [l] e [j] são mais favorecidas, assim, como nos ambientes postônicos. Já os resultados da pesquisa de Pedrosa (2016) apresentam as átonas como favorecedoras para o apagamento da nasal palatal, enquanto as tônicas se mostraram desfavorecedoras para a aplicação da regra. A autora ressalta que quanto mais longe da sílaba tônica estiver o segmento da nasal palatal, mais estará propensa a variação com tendência para o apagamento. Na pesquisa de Maia (2018), para a variável nasal palatal, o contexto subsequente à vogal [i] em sílaba tônica e demais contexto apresentou a variante semivogal nasalizada como majoritária, seguida da variante nasal palatal e do apagamento.

Acreditamos que nesta pesquisa a sílaba tônica pode apresentar uma tendência maior para a realização palatalizada das alveolares /l/ e /n/, enquanto as átonas podem apresentar uma tendência menor. Para a realização da nasal palatal [ɲ], levantamos a hipótese de que as pretônicas e postônicas favoreçam a vocalização, enquanto que as tônicas favoreçam o apagamento. Já para a realização das variantes da variável lateral palatal /ʎ/, acreditamos que

⁹A nasal palatal [ɲ] ocorre na fala de poucos falantes do português brasileiro. Geralmente um *glide* palatal nasalizado que é transcrito como [j̃] ocorre no lugar da consoante nasal palatal para a maioria dos falantes do português brasileiro (CRISTÓFARO-SILVA, 2014, p. 39).

as átonas (pretônicas e postônicas) favoreçam a palatalização [ʎ], enquanto as tônicas favoreçam a manutenção da lateral palatal [ʎ].

- Número de sílabas

Cruz (2004) apresenta no Atlas linguístico do Amazonas (ALAM) dez cartas referentes às concretizações da lateral palatal e constatou uma tendência maior para a realização da variante palatalizada [ʎ]. Os vocábulos ‘melhor’ e ‘mulher’ são os que apresentam um índice maior para a manutenção da lateral [ʎ].

Segundo Oliveira *et al.* (2009), os vocábulos polissílabos favorecem a variação de /l/, enquanto o fator trissílabo apresenta índice categórico, o que era esperado por apresentar no contexto seguinte [j], segmento altamente favorecedor da palatalização. Já dissílabo apresentou apenas um dado.

De acordo com Soares (2008), os resultados de sua pesquisa para a realização de /ʎ/ apontam que os tri/polissílabos favorecem somente a palatalizada [ʎ], enquanto que o dissílabo favorece a realização [lj], já para a realização [j] esses fatores são quase insignificantes. Para a realização da nasal palatal [ɲ], a pesquisadora aponta que o fator dissílabo apresenta, aparentemente, uma contradição, pois ele favorece tanto a realização palatalizada [ɲ] quanto à realização da semivocalização [j], mas ela explica que a preferência para essas duas realizações pode estar relacionada ao fato de se encontrarem em contexto átono e final de palavra, que favorece em nossa língua uma pronuncia mais ‘frouxa’, já o fator tri/polissílabo favorece a manutenção de [ɲ].

Freire (2011) mostra que o fator trissílabo é favorecedor da manutenção da lateral palatal /ʎ/, enquanto os fatores dissílabos e polissílabos são inibidores da realização.

Os resultados da pesquisa de Pedrosa (2016) apontam os dissílabos com tendência maior para o apagamento da nasal palatal, e que este fator é importante para o processo de variação, já os fatores trissílabos e polissílabos são mais presentes a realização de [ɲ].

Com base nessas pesquisas, acreditamos que o fator polissílabo pode influenciar com maior frequência a variação palatalizada de /l/, enquanto os fatores dissílabos e trissílabos podem apresentar um índice menor. Para a realização da lateral palatal /ʎ/, acreditamos que os fatores trissílabos e polissílabos favorecerão a realização palatalizada [ʎ], enquanto o fator dissílabo favorecerá a manutenção da lateral palatal. Para a realização da nasal palatal /ɲ/, acreditamos que os fatores dissílabo e trissílabo podem influenciar a realização da variante apagada, já o fator polissílabo influenciará a realização da variante vocalização. E, para a

nasal alveolar, acreditamos que os fatores dissílabo e trissílabo influenciam a realização da variante vocalizada, enquanto os fatores polissílabos a realização nasal palatal [ɲ].

- Posição na palavra

Acreditamos que o grupo de fatores *posição na palavra* pode influenciar a realização dos fenômenos de palatalização, vocalização e apagamento, de acordo com as pesquisas de Oliveira *et al.* (2009) e a história do surgimento das palatais entre vogais, conforme Teyssier (2014).

Os resultados da pesquisa de Oliveira *et al.* (2009) apontam a posição na palavra como relevante para a realização de /l/, em que a posição final apresentou um índice maior para a palatalização, seguida da posição inicial. Já para a posição medial, os pesquisadores afirmaram não ser seguro fazer avaliação sobre seu grau de favorecimento, uma vez que apareceram apenas três dados com essa posição nos dados coletados.

Nesse sentido, acreditamos que a realização de vocalização e do apagamento da nasal palatal tem probabilidade de ocorrer tanto no contexto medial, quanto no final com maior índice, já que elas só ocorrem nesses dois contextos, a probabilidade da manutenção da nasal palatal é menor em relação as demais. Para a realização de /n/ diante de [i, j], acreditamos que os contextos inicial e medial possam influenciar a realização da nasal palatal, enquanto o contexto final pode influenciar a vocalização. Para /l/, acreditamos que as posições inicial e final podem influenciar mais a palatalização do que a posição medial.

- Classe morfológica

Quanto à *classe morfológica*, de acordo com a pesquisa de Soares (2008) e de Pedrosa (2016), esse grupo de fatores se mostrou relevante para o processo de variação das variáveis linguísticas investigadas neste estudo.

Na pesquisa de Soares (2008) sobre a variação da lateral palatal /ʎ/, seus resultados apresentam o fator adjetivo como favorecedor para a realização da variante palatalizada [lʎ] e apresenta, também, o substantivo com um peso muito próximo do adjetivo, concluindo assim, que ele também é um favorecedor dessa variante. Ao passo que o substantivo, seguido do verbo favorecem [lʎ] e o verbo também favorece a variante [j]. Quanto à variação da nasal palatal, a pesquisa mostra que nomes (substantivos e adjetivos) favorecem a manutenção da nasal palatal [ɲ], seguida da variante palatalizada [ɲʎ], assim, como também, os verbos favorecem essas variantes, porém, com um peso maior para a palatalizada. Os pronomes indefinidos e advérbios com o título de ‘outras’ favorecem a variante [j]. Já os resultados da

pesquisa de Pedrosa (2016) apontam que o fator pronome é o que mais favorece a realização do apagamento da nasal palatal, seguida dos nomes.

Nesta pesquisa, acreditamos que os adjetivos e os verbos podem influenciar a realização da variante palatalizada [ɲ] da lateral palatal, ao passo que o substantivo pode influenciar para a permanência da lateral palatal [ʎ]. Assim, como também, acreditamos que os adjetivos e os verbos podem favorecer a vocalização e o apagamento da nasal palatal e que o substantivo pode influenciar a permanência da lateral palatal.

- Grau da palavra

Acreditamos que o *grau da palavra* pode influenciar a realização dos fenômenos de palatalização, vocalização e apagamento, pois Cruz (2004) apresenta no Atlas linguístico do Amazonas (ALAM) sete cartas da realização da nasal palatal, em que aparece a baixa produtividade da variante nasal palatal em relação à variante apagada, à variante palatalizada, assim como à variante vocalizada, estas com percentual maior, principalmente quando o vocábulo é formado por sufixo – inho (a). Supomos que para a realização da nasal alveolar e da nasal palatal, o diminutivo pode influenciar a realização da variante apagada e o grau normal a vocalização. Já para a variável lateral alveolar /l/, acreditamos que o grau diminutivo pode ter uma influência maior para a palatalização em relação ao grau normal.

ii) Variáveis independentes extralinguísticas

Para a Teoria da Variação e Mudança, as variáveis extralinguísticas atuam como condicionadores que podem influenciar no comportamento linguístico dos falantes de uma determinada comunidade de fala, isto porque, a comunidade é formada por homens e mulheres de diversas idades com profissões diversas e pertencentes a diferentes camadas sociais.

Podemos verificar a influência de grupos de fatores sociais nos trabalhos desenvolvidos por Labov (2008 [1972]) sobre a centralização dos ditongos em Martha's Vineyard, como também no trabalho sobre a pronúncia do /r/ nas lojas de departamento na cidade de Nova York.

Para analisar as influências externas sobre o fenômeno investigado, selecionamos os grupos de fatores *faixa etária*, *sexo* e *localidade*.

- Faixa etária

Acreditamos que o grupo de fatores *faixa etária* pode ser relevante para a realização das variáveis investigadas.

Segundo Oliveira *et al.* (2009), no que concerne à variação da lateral alveolar, na sua pesquisa, os resultados apontam que os mais jovens palatalizam mais do que os falantes da segunda faixa etária (95% e 87%). De acordo com Soares (2008), para a realização das variantes da lateral palatal, a terceira e a primeira faixa etária favorecem a variante [lʲ], nessa ordem, enquanto que a segunda faixa favorece [lj]. Já os resultados quanto à realização da nasal palatal [ɲ], a pesquisa aponta que os mais jovens implementam tanto a forma nasal palatal quanto a forma vocalizada [j]. Nesse sentido, as duas formas rivalizam-se, podendo uma delas gozar de prestígio social. Freire (2011) aponta que a realização da lateral palatal [ʎ] é bem maior na fala dos informantes de 15 a 25 anos e de 26 a 49 anos e decresce em relação aos informantes com mais de 50 anos. Já os resultados da pesquisa de Pedrosa (2016) mostram que os falantes da segunda faixa etária apresentam um resultado mais significativo para a realização do apagamento da nasal palatal, seguido dos informantes da primeira faixa etária, enquanto os informantes da terceira faixa etária tendem ao uso da manutenção da nasal palatal. A pesquisadora afirma que uma faixa etária menor está mais suscetível a se adequar à variação, enquanto os falantes da faixa etária mais avançada não.

Nesse sentido, levantamos a hipótese de que os falantes mais jovens podem realizar a variante mais palatalizada da variável /l/ diante de [i, j], enquanto os mais velhos podem aparecer com um número mais baixo. Para a realização de variantes da nasal alveolar /n/, os informantes mais jovens podem usar mais a forma nasal palatal [ɲ], enquanto os mais velhos podem a usar com menor frequência. Para a realização de variantes da nasal palatal /ɲ/, os informantes mais jovens podem usar mais as formas vocalizada [j] e apagada [Ø] do que os informantes da segunda e terceira faixa etária. Para a realização da lateral palatal /ʎ/, acreditamos que os mais jovens podem usar mais a forma palatalizada [lʲ], enquanto os informantes da segunda e terceira faixa etária usem mais a manutenção da variante lateral palatal [ʎ].

▪ Sexo

Os estudos sociolinguísticos têm mostrado que este grupo de fatores apresenta influência na variação linguística. Isso porque as mulheres geralmente aparecem com uma tendência maior para o uso da variante de prestígio na sociedade, e talvez isso se deva ao fato de “o processo de implementação de mudanças estejam associados ao gênero/sexo do falante e a forma de construção social dos papéis feminino e masculino” na sociedade (PAIVA, 2010, p. 33).

Segundo Oliveira *et al.* (2009), no que concerne à variação da lateral alveolar /l/, na sua pesquisa os resultados apontam que as mulheres têm preferência à palatalização da variável alveolar (95%) mais do que os falantes homens (87%). Soares (2008) aponta, sobre a realização da lateral palatal /ʎ/, que as mulheres têm preferência pelas variantes [lj] e [lʲ], exatamente nessa ordem, já entre os homens a preferida é [j] seguida de [lʲ]. Para a autora, a forma palatalizada parece ter prestígio intermediário entre as duas categorias, sendo que mais próximo de [lj] do que de [j]. Já para a realização da nasal palatal /ɲ/, a autora aponta que há polarização na fala dos informantes. As mulheres preferem a realização [ɲ] e os homens preferem a realização [j] com pesos idênticos, ou seja, as mulheres têm preferência pela forma padrão. Freire (2011) aponta que as mulheres têm tendência maior para a realização da lateral palatal [ʎ]. Já os resultados da pesquisa de Pedrosa (2016) apontam que os homens têm tendência maior para a realização do apagamento da nasal palatal, enquanto as mulheres tendem para a permanência da nasal palatal.

Para este estudo, levantamos a hipótese de que as mulheres podem realizar mais a forma palatalizada da lateral alveolar /l/ diante de [i, j] do que os homens. Para a nasal alveolar /n/ diante [i, j], acreditamos que as mulheres podem usar mais a forma variante palatal. Para a realização da nasal palatal /ɲ/, acreditamos que os homens podem usar mais as formas apagadas e vocalizadas do que as mulheres. Para a lateral palatal /ʎ/, acreditamos que as mulheres podem realizar com maior frequência a forma palatalizada do que os homens.

▪ Localidade

De acordo como a pesquisa de Oliveira *et al.* (2009) sobre a realização da alveolar /l/ diante de [i, j], os índices de palatalização foram 97% na cidade de Belém e 100% em Soure e Bragança, localidades mais próximas da capital. Já nas localidades situadas mais distantes e mais ao sul da capital – Almerim (80%), Altamira (87%), Jacareacanga (88%) e Marabá (81%) – os índices foram menores. Os autores destacam que a cidade de Almerim foi quem apresentou maior frequência da alveolar (20%) e que talvez isso se deva a migração de nordestinos e sulistas na cidade.

De acordo com Soares (2008), a origem geográfica é importante, pois caracteriza o uso regional das variantes, uma vez que em se tratando de ‘sotaque’, tais variações refletem aspectos associados à origem de um falante. Ao pesquisar a realização da lateral palatal /ʎ/, a autora constata que a manutenção da “palatalidade” é dada com a fala de Belém e a não-manutenção com a fala do sul do Pará. A pesquisadora constata que a fala palatalizada é preferida em quatro cidades estudadas: Belém (74%), Bragança (64%), Santarém (59%) e

Soure (59%). As cidades compartilham o fato de terem sido fundadas no mesmo período, terem sido colonizadas por portugueses e terem desenvolvimento socioeconômico semelhante. Para a realização da variável nasal palatal /ɲ/, a autora afirma que a fala de Belém, a variante preferida é [ɲ] (64%) embora sem resultado favorável [ɲ] aparece com maior tendência de que [j]. A cidade de Soure assemelha-se a Belém com resultado de 54% para [ɲ]. Em Bragança e Santarém, os resultados foram semelhantes até certo ponto, pois dão preferência para as duas variantes com traços palatais, no entanto, a palatalizada em Bragança é maior do que em Santarém, já em Santarém o uso da palatal é maior. Nessas cidades não há tendência para a realização vocalizada [j], ao contrário de Marabá e Altamira, respectivamente com o percentual de 82% e 78%.

Cruz (2004) apresenta no *Atlas Linguístico do Amazonas*, os resultados referentes à localidade de Manacapuru que representa a microrregião do Rio Negro, onde está localizado os municípios aqui investigados. Para a variável /ʎ/, de modo geral, a variante palatalizada [ʎ] foi a mais produtiva, como no vocábulo *família*, na carta 92, em que é realizado de forma categórica com a variante palatalizada [ʎ]. Para a variável nasal palatal /ɲ/, como no vocábulo *conheço*, na carta 44, a preferência foi pela variante vocalizada [j], já no vocábulo *espinha*, na carta 16, o apagamento foi mais produtivo. Para /n/ diante de [i, j], como em *união*, conforme carta 86, houve preferência pela nasal alveolar com 3 realizações, seguida da variante palatalizada com 2 realizações.

Nesse sentido, acreditamos que para a realização da lateral alveolar /l/ diante de [i, j], as cidades de Anamã e Beruri podem realizar as formas palatalizadas mais do que a forma alveolar. Para a nasal alveolar /n/, acreditamos que tanto a cidade Anamã quanto a cidade de Beruri realizam a forma nasal palatal. Para a nasal palatal /ɲ/, acreditamos que as duas localidades podem realizar tanto a forma apagada quanto a forma vocalizada mais do que a nasal palatal, uma vez que observamos na pesquisa de Cruz (2004) a realização das duas variantes. Para a realização da lateral palatal /ʎ/, acreditamos que tanto Anamã quanto Beruri realizam mais a variante palatalizada [ʎ] do que a lateral palatal [ʎ].

Nos Quadros 5, 6, 7 e 8, apresentamos as variáveis dependentes e independentes controladas neste estudo, os fatores de cada grupo, o exemplo de cada fator controlado e a codificação utilizada para a análise dos dados pelo programa estatístico *GoldVarb X*. Como este trabalho investiga as realizações de /l/ e /n/ diante de [i, j] e de /ʎ/ e /ɲ/ entre vogais, ou seja, de quatro variáveis dependentes, e em virtude de cada variável possuir fatores condicionadores diferentes, houve a necessidade da realização de rodadas estatísticas separadas para cada variável investigada, conforme descrito no Capítulo 4.

Quadro 5 - Variáveis controladas, em relação ao fonema /l/ diante de [i, j]

Variável dependente	Variantes		Códigos
Lateral alveolar /l/ antes de [i, j]	[l]		L
	[ʎ]		X
Variáveis independentes extralinguísticas	Fatores		Códigos
Faixa etária	1ª faixa (18 a 35 anos)		1
	2ª faixa (36 a 55 anos)		2
	3ª faixa (56 em diante)		3
Sexo	Homem		H
	Mulher		M
Localidade	Anamã		A
	Beruri		B
Variáveis independentes linguísticas	Fatores	Exemplos	Códigos
Contexto antecedente	Vogal alta [i]	cílios	I
	Vogal alta [u]	Getúlio	U
	Vogal média-alta [e]	delícia	C
	Vogal média-alta [o]	polícia	D
	Vogal média-baixa [ɛ]	helicóptero	E
	Vogal média-baixa [ɔ]	cólica	O
	Vogal baixa [a]	aliança	Q
	Sem contexto	litro	/
Contexto seguinte	Vogal alta [i]	militar	W
	Vogal alta [u]	óleo	4
	Semivogal [j]	cílios	Z
Tonicidade	Tônica	língua	T
	Pretônica	alicate	P
	Postônica	cálice	G
Número de sílabas	Dissílabo	lixo	Y
	Trissílabo	palito	R
	Polissílabo	católico	S
Posição na palavra	Inicial	língua	J
	Medial	hálito	K
	Final	família	F
Grau da palavra	Normal	valioso	N
	Diminutivo	velinha	V

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 6 - Variáveis controladas, em relação ao fonema /n/ diante de [i, j]

Variável dependente	Variantes		Códigos
Nasal alveolar /n/ antes de [i, j]	[n]		X
	[ɲ]		L
	[ɳ]		Y
Variáveis independentes extralinguísticas	Fatores		Códigos
Faixa etária	1ª faixa (18 a 35 anos)		1
	2ª faixa (36 a 55 anos)		2
	3ª faixa (56 em diante)		3
Sexo	Homem		H
	Mulher		M
Localidade	Anamã		A
	Beruri		B
Variáveis independentes linguísticas	Fatores	Exemplos	Códigos
Contexto antecedente	Vogal alta [i]	menininha	I
	Vogal alta [u]	calúnia	U
	Vogal média-alta [e]	menininho	E
	Vogal média-alta [o]	Antônio	O
	Vogal baixa [a]	crânio	Q
	Sem contexto	ninho	/
Contexto seguinte	Vogal alta [i]	caninha	W
	Semivogal [j]	crânio	4
Tonicidade	Tônica	paninho	T
	Átona	calúnia	P
Número de sílabas	Dissílabo	crânio	D
	Trissílabo	ninhada	R
	Polissílabo	menininha	S
Posição na palavra	Inicial	ninho	J
	Medial	caninha	K
	Final	calúnia	F
Grau da palavra	Normal	Antônio	N
	Diminutivo	paninho	V

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 7 - Variáveis controladas, em relação ao fonema /ʎ/

Variável dependente	Variantes		Códigos
Lateral palatal /ʎ/	[ʎ]		L
	[ʎʲ]		X
Variáveis independentes extralinguísticas	Fatores		Códigos
Faixa etária	1ª faixa (18 a 35 anos)		1
	2ª faixa (36 a 55 anos)		2
	3ª faixa (56 em diante)		3
Sexo	Homem		H
	Mulher		M
Localidade	Anamã		A
	Beruri		B
Variáveis independentes linguísticas	Fatores	Exemplos	Códigos
Contexto antecedente	Vogal alta [i]	afilhado	I
	Vogal alta [u]	agulha	U
	Vogal média-alta [e]	coelho	C
	Vogal média-alta [o]	piolho	G
	Vogal média-baixa [ɛ]	velha	6
	Vogal média-baixa [ɔ]	olhos	7
	Vogal baixa [a]	atalho	Q
Contexto seguinte	Vogal alta [i]	velhice	8
	Vogal alta [u]	milho	W
	Vogal média-alta [e]	Palheta	F
	Vogal média-alta [o]	Alho	9
	Vogal média-baixa [ɛ]	mulher	E
	Vogal média-baixa [ɔ]	cambalhota	O
	Vogal baixa [a]	abelha	K
Tonicidade	Tônica	telhado	T
	Pretônica	envelhecer	P
	Postônica	pilha	5
Número de sílabas	Dissílabo	ilha	D
	Trissílabo	vermelho	R
	Polissílabo	malhadeira	S
Posição na palavra	Medial	afilhada	4
	Final	cartilha	N
Classe morfológica	Substantivo	palheta	Z
	Adjetivo	grisalho	J
	Verbo	ajoelhar	V

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quadro 8 - Variáveis controladas, em relação ao fonema /ɲ/

Variável dependente	Variantes		Códigos
Nasal palatal /ɲ/	[ɲ]		L
	[j]		Y
	[Ø]		X
Variáveis independentes extralinguísticas	Fatores		Códigos
Faixa etária	1ª faixa (18 a 35 anos)		1
	2ª faixa (36 a 55 anos)		2
	3ª faixa (56 em diante)		3
Sexo	Homem		H
	Mulher		M
Localidade	Anamã		A
	Beruri		B
Variáveis independentes linguísticas	Fatores	Exemplos	Códigos
Contexto antecedente	Vogal alta [i]	carinho	I
	Vogal alta [u]	unha	U
	Vogal média-alta [e]	lenha	C
	Vogal média-alta [o]	fronha	G
	Vogal baixa [a]	amanhece	Q
Contexto seguinte	Vogal alta [u]	punho	W
	Vogal média-alta [e]	conheço	F
	Vogal média-alta [o]	senhor	7
	Vogal média-baixa [ɛ]	amanhece	E
	Vogal média-baixa [ɔ]	senhora	O
	Vogal baixa [a]	banha	K
Tonicidade	Tônica	banheiro	T
	Átona	bainha	P
Número de sílabas	Dissílabo	junho	D
	Trissílabo	castanha	R
	Polissílabo	acompanhante	S
Posição na palavra	Medial	banheiro	4
	Final	vergonha	N
Classe morfológica	Substantivo	banheiro	Z
	Adjetivo	acanhadas	J
	Verbo	acompanhar	V
Grau da palavra	Normal	rebanho	5
	Diminutivo	dedinho	6

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

CAPÍTULO 4 - DESCRIÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo é destinado à descrição, análise e discussão dos resultados obtidos na pesquisa sobre a realização dos fonemas alveolares /l/ e /n/ diante de [i, j] e dos fonemas palatais /ʎ/ e /ɲ/ entre vogais, na fala dos moradores de Anamã e Beruri (AM). Faz-se mister dizer que, de acordo com a descrição na metodologia, pesquisamos a realização de quatro fonemas, que foram transcritos e codificados conforme apresentados na seção anterior. Os dados de cada variável dependente investigada foram submetidos a rodadas estatísticas separadas pelo programa *GoldVarb X* para visualizarmos as ocorrências de cada variante e os grupos de fatores selecionados como relevantes para a aplicação da regra. Na primeira rodada para cada variável, eliminamos fatores e grupos de fatores que apresentaram forma categórica, ou seja, não apresentaram variação, assim, como também, amalgamamos alguns fatores como descritos no decorrer do trabalho.

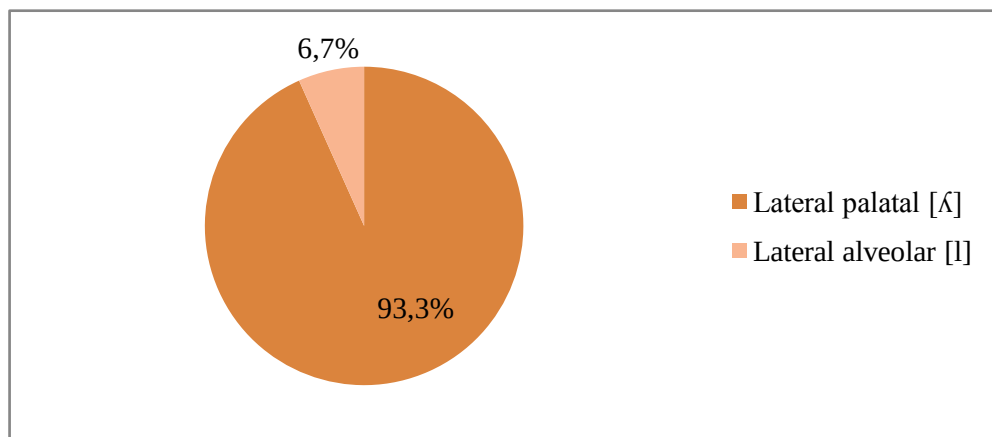
A realização de cada variável linguística investigada está descrita em uma seção específica para cada fonema. Primeiro, apresentamos os resultados gerais das rodadas estatísticas; em seguida, apresentamos os resultados dos grupos de fatores considerados relevantes para a aplicação da regra, de acordo com a seleção feita pelo programa estatístico; e por fim, apresentamos, de forma geral, os grupos de fatores considerados não relevantes para a aplicação da regra.

4.1 A realização de /l/ diante de [i, j]

A realização do fonema /l/ no contexto de [i, j] foi a primeira variável dependente analisada para verificar a distribuição de suas variantes e os condicionadores relevantes para a aplicação da regra, que para essa variável, foi a forma palatal [ʎ].

Para a primeira rodada deste fonema, foram analisadas um total de 642 realizações de /l/ diante de [i, j] nas duas cidades investigadas. O resultado geral mostrou que 599 ocorrências foram da variante palatal [ʎ], correspondendo a 93,3% dos dados, e 43 ocorrências foram da variante alveolar [l], que corresponde a 6,7% dos dados. Os resultados gerais estão ilustrados no Gráfico 1, a seguir.

Gráfico 1 - Realização geral do fonema /l/ diante de [i, j] na fala dos moradores de Anamá e Beruri, no Amazonas



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Nesta pesquisa, foram selecionados vocábulos com a lateral alveolar /l/ no início, meio e fim da palavra para verificar qual variante, a variante palatal [ʎ] (forma molhada) ou a variante alveolar [l], é a mais produtiva na fala dos moradores das localidades pesquisadas. O resultado, de forma geral, mostra que a forma “molhada”, ou seja, a variante [ʎ] é a mais comum na fala dos moradores com 93,3% das ocorrências. Esse resultado corrobora as pesquisas de Oliveira *et al.* (2009) e de Evangelista (2018), como se observa no Quadro 9.

Quadro 9 - Realização da variante [l] e da variante [ʎ] em Oliveira *et al.* (2009) e Evangelista (2018)

Pesquisador(a)	Localidade	Ocorrências %	
		[l]	[ʎ]
Oliveira <i>et al.</i> (2009)	Pará	9,00%	91,00%
Evangelista (2018)	Manaus	6,07%	93,93%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

De acordo com os dados apresentados, observamos que nas pesquisas realizadas o fenômeno da palatalização é bem significativo, assim como nos dados obtidos nesta pesquisa, em que a variante [ʎ] é também predominante. Esse resultado mostra como o contexto [i, j] é favorecedor da variante palatal devido ao processo de assimilação de ponto de articulação.

Ainda na primeira rodada estatística, alguns grupos de fatores apresentaram *knockout* com 100% de realização da variante [ʎ], ou seja, não houve variação. O primeiro foi *faixa etária*, em que a 1ª faixa apresentou 209 realizações de [ʎ]. O segundo foi *sexo*, em que as mulheres apresentaram 324 realizações. No grupo de fatores *contexto seguinte*, o fator ‘vogal média-alta [e]’ que foi realizada como ‘vogal alta [u]’, a exemplo o vocábulo ‘óleo’, e o fator

‘semivogal [j]’ aparecem respectivamente com 10 e 42 realizações para a variante palatal [ʎ]. E, por último, no grupo de fatores *posição na palavra*, o fator ‘posição final’ apresentou 47 realizações para a variante palatal [ʎ]. Essas informações podem ser verificadas na Tabela 1.

Tabela 1 - Grupos de fatores que realizaram a variante [ʎ] de forma categórica

Grupo de fatores	Faixa etária	Sexo	Contexto seguinte		Posição na palavra
Fator	18 a 35 anos	Mulher	Semivogal [j]	Vogal média-alta [e]	Final
Nº de realizações	209	324	42	10	47
Porcentagem	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Nos resultados descritos na Tabela 1, é importante fazer uma ressalva para o grupo de fatores *contexto seguinte*, no que concerne à vogal alta [i] e a semivogal [j], em que observamos que ocorre variação apenas nos vocábulos que apresentam a vogal [i], a exemplo de ‘palito’, [pa’lito] ~ [pa’ʎito]. Já nos vocábulos com a semivogal [j], como em ‘cílios’ e ‘família’, por exemplo, apresentaram 100% de palatalização. Entretanto, quando /l/ foi seguido de [i], houve variação, com 547 realizações de vocábulos com [ʎ], o que corresponde a 92,7% das ocorrências, e 43 realizações da lateral alveolar [l], o que corresponde a 7,3%.

Dessa forma, apresentamos a visão geral do fenômeno investigado. Entretanto, houve a necessidade de fazer ajustes nesses grupos de fatores que apresentaram *knockouts*, como eliminação de fatores e até de grupos de fatores. Acerca dos fatores eliminados, retiramos o fator ‘1ª faixa’ do grupo *faixa etária* e ‘posição final’ do grupo *posição na palavra*. Já em relação aos grupos de fatores *sexo* e *contexto seguinte*, optamos por eliminar esses grupos das rodadas estatísticas.

Os resultados de cada variável independente controlada na pesquisa são descritos nas próximas seções.

4.1.1 Variáveis independentes relevantes

Após as amálgamas e exclusões de fatores e grupos de fatores, foram controladas as seguintes variáveis independentes: *faixa etária*, *localidade*, *contexto antecedente*, *tonicidade*, *número de sílabas*, *posição na palavra* e *grau da palavra*. Dessas, o programa selecionou os seguintes grupos de fatores como relevantes para a aplicação da regra, que aparecem por ordem de significância: *tonicidade*, *faixa etária* e *contexto antecedente*.

Por uma questão de organização, apresentamos primeiro os resultados das variáveis independentes linguísticas selecionadas e em seguida da única variável independente extralinguística selecionada como relevante.

4.1.1.1 Variáveis linguísticas

O programa estatístico selecionou duas variáveis independentes linguísticas como relevantes para a aplicação da regra, a saber: *tonicidade* e *contexto antecedente*.

▪ Tonicidade

A *tonicidade* foi o primeiro grupo de fatores selecionado pelo programa estatístico como significativo para a aplicação da regra, que como já mencionado, é a variante [ʎ]. O fator selecionado como favorecedor para a utilização de [ʎ] foi a ‘postônica’, com 99,1% de realizações dos vocábulos e 0,95 de peso relativo. O fator ‘pretônica’ apresentou 96,1% de frequência, porém em termos de favorecimento, apresentou apenas 0,51 de peso relativo. Já o fator ‘tônica’, apesar de obter 90,7% de frequência, apresentou desfavorecimento para a aplicação da regra, com 0,28 de peso relativo. Os resultados estão ilustrados na Tabela 2.

Tabela 2 - Frequência e probabilidade da variante [ʎ], conforme a *tonicidade*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Postônica	115/116	99,1	0,95
Pretônica	123/128	96,1	0,51
Tônica	361/398	90,7	0,28
Significância: 0,006			
Input: 0,951			

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

A hipótese levantada para este grupo de fatores foi confirmada, uma vez que as sílabas átonas ‘postônicas’ (0,95) e ‘pretônicas’ (0,51) favoreceram a aplicação da regra, e a ‘tônica’ a desfavoreceu (0,28).

Comparando os resultados desta pesquisa como os resultados da pesquisa de Oliveira *et al.* (2009), podemos verificar que os resultados são convergentes no que concerne à posição pretônica, grande favorecedora para a realização da variante [ʎ]. Os fatores ‘postônico’ e ‘tônico’, na pesquisa de Oliveira *et al.* (2009), aparecem com 100% de palatalização, já em nossa pesquisa, a ‘postônica’ foi a que mais favoreceu a aplicação da regra e com alto índice de realização, mas que não chegou a ser categórico; e a ‘tônica’, que apesar do alto índice de

realização, se mostrou desfavorecedora. Podemos dizer, pelos dados obtidos, que os três fatores apresentam variação.

Acerca do fator ‘postônica’, o maior número de realizações da variante [ʎ] ocorreu nos vocábulos ‘Getúlio’, ‘cílios’, ‘família’ e ‘óleo’, que apresentaram 100% de palatalização. É importante ressaltar que tais resultados podem ter ocorrido em virtude do *contexto antecedente* e do *contexto seguinte*, visto que as vogais têm a mesma altura [u-i; i-i; i-i], com exceção do vocábulo ‘óleo’, que tem a vogal média-baixa no contexto antecedente e a vogal média-alta no contexto seguinte. Quando pronunciadas pelos falantes a sequência ficou assim: [u-u; i- u; i-a; ɔ-u]. Em relação ao *contexto seguinte*, que como já citamos, foi eliminado da rodada estatística por não apresentar variação, ou seja, a variante [ʎ] foi categórica, observamos que ocorre a eliminação da semivogal [j], como em ‘Getúlio’ [ʒɛ’tuʎɔ], ‘família’ [fa’miʎa] e ‘cílios’ [siʎɔs], e a vogal média-alta também é suprimida em ‘óleo’ [‘ɔʎɔ] e passa à vogal alta. Neste caso, antes de ocorrer a palatalização, ocorreu a supressão da semivogal [j] e da vogal média-alta [e], para só depois ocorrer o processo de palatalização, isto porque [i] é altamente favorável a esse processo.

▪ Contexto antecedente

Este grupo de fatores foi selecionado como o terceiro mais importante para a aplicação da regra. Em relação à frequência de uso da variante [ʎ] pelos falantes de Anamã e Beruri, o segmento antecedente ‘vogal baixa [a]’ apresentou 97,9% de ocorrências, seguido da ‘vogal média-alta [o]’ com 97,2%, ‘vogal alta [u]’ com 95,2%, ‘vogal média-alta [e]’ com 92,7%, ‘vogal alta [i]’ com 95,5%, ‘vogal média-baixa [ɛ]’ com 88,7% e ‘vogal média-baixa [ɔ]’ com 94,3% de frequência de uso, conforme exposto na Tabela 3.

Tabela 3 - Frequência e probabilidade da variante [ʎ], conforme o *contexto antecedente*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Vogal baixa [a]	143/146	97,9	0,72
Vogal média-alta [o]	35/36	97,2	0,71
Vogal alta [u]	20/21	95,2	0,57
Vogal média-alta [e]	51/55	92,7	0,56
Vogal alta [i]	64/67	95,5	0,49
Vogal média-baixa [ɛ]	126/142	88,7	0,39
Vogal média- baixa [ɔ]	50/53	94,3	0,07
Significância: 0,006			
Input: 0,951			

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Apesar de todos os contextos seguintes apresentarem altos índices de frequência de uso, em relação ao favorecimento os resultados se mostram de outra maneira. O fator ‘vogal baixa [a]’ foi o mais favorecedor para a aplicação da regra, com peso relativo de 0,72, seguido do fator ‘vogal média-alta [o]’ com 0,71, resultados bem próximos e que indicam grande probabilidade de palatalização. O fator ‘vogal alta [u]’ aparece com peso relativo de 0,57, seguido da ‘vogal média-alta [e]’ com 0,56, resultados também semelhantes, mas pela proximidade do ponto neutro, significa que a probabilidade de palatalização é menor. Os demais fatores ficaram próximos do ponto neutro ou desfavoreceram a aplicação da regra, sendo que a ‘vogal alta [i]’ obteve o peso relativo de 0,49, a ‘vogal média-baixa [ɛ]’ 0,39 e a ‘vogal média-baixa [ɔ]’ 0,07. Vale ressaltar que a ‘vogal [i]’ como contexto antecedente apresentou neutralidade, e não tem o mesmo peso quando aparece como contexto seguinte, visto que este é o ambiente propício para a palatalização, como mostram pesquisas realizadas sobre o português do Brasil.

A hipótese levantada para esse contexto foi confirmada parcialmente, pois acreditávamos que as vogais [e, o, i, u] seriam as mais favorecedoras para a aplicação da regra, pois são as mais altas, enquanto as vogais [a, ɛ, ɔ] seriam as que menos favoreceriam. No entanto, os resultados apresentam o fator ‘vogal baixa [a]’ como maior probabilidade de palatalização e o fator ‘vogal alta [i]’ com menor probabilidade. Contudo, o programa também demonstra que todas as vogais apresentam processo de variação linguística, apesar dos altos índices percentuais de palatalização, conforme exemplos: [v’livjɔ] ~ [v’livjʊ], [dɛ’lisɐ] ~ [dɛ’lisə], [dɛ’lisɐ] ~ [dɛ’lisə], [‘kɔlikɐ] ~ [‘kɔlikə], [olĩ’piadɐs] ~ [olĩ’piadəs], [mili’ta] ~ [mi’li’ta], [pu’lidɔ] ~ [pu’lidʊ].

4.1.1.2 Variável extralinguística

- Faixa etária

A *faixa etária* foi o segundo grupo de fatores selecionado como relevante e a única variável independente extralinguística escolhida como significativa pelo programa estatístico. Como citado anteriormente nos dados gerais, o resultado para 1ª faixa etária foi categórico com 100% de palatalização, ou seja, não houve variação nesta faixa etária, o que nos levou a excluir esse fator das rodadas estatísticas. Assim, os dados apresentados na Tabela 4 ilustram a distribuição dos dados entre a 2ª e 3ª faixa etária.

Tabela 4 - Frequência e probabilidade da variante [ʎ], conforme a *faixa etária*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

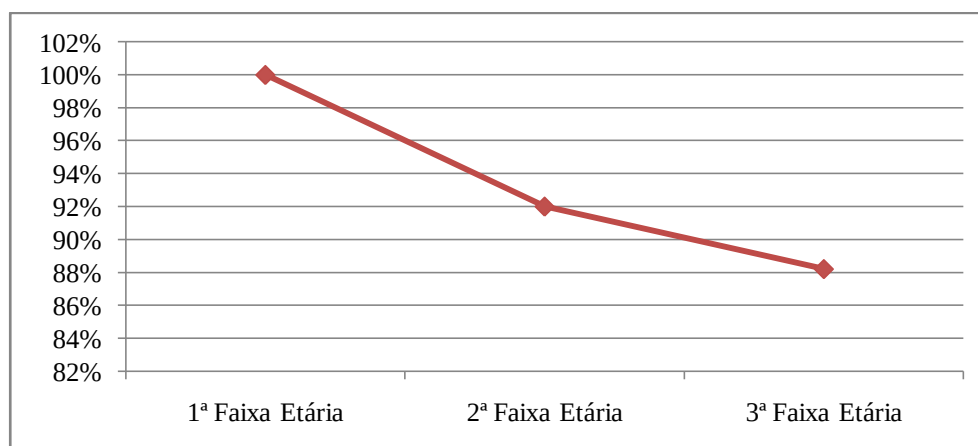
Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
2ª faixa etária	196 /213	92,0	0,56
3ª faixa etária	194/220	88,2	0,43
Significância: 0,006			
Input: 0,951			

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Na Tabela 4, observamos que as duas faixas apresentaram alto índice de uso da variante [ʎ], com 92,0% para a 3ª faixa e 88,2% para a 2ª. No entanto, somente a 2ª faixa etária favoreceu a aplicação da regra com peso relativo de 0,56, enquanto a 3ª faixa etária a desfavoreceu com 0,43. Podemos afirmar que os resultados apresentados, tanto para o favorecimento quanto para o desfavorecimento da aplicação da regra, estão próximos do ponto neutro, o primeiro para cima e o segundo para baixo, o que indica que a faixa etária não tem grande peso sobre o fenômeno investigado.

Portanto, a hipótese levantada foi confirmada de certa forma, uma vez que a 1ª faixa usou a variante [ʎ] de forma categórica, e a variação apareceu somente na 2ª e na 3ª faixa etária. Os dados sugerem que parece haver um processo de mudança em andamento em direção ao uso de [ʎ], conforme ilustrado no Gráfico 2.

Gráfico 2 - Frequência da variante [ʎ], segundo a *faixa etária*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas



Fonte: Dados da pesquisa

Comparando com trabalho de Cruz (2004), no que tange à microrregião Rio Negro-Solimões, representada pelo município de Manacapuru, houve preferência pela variante palatalizada, conforme representada na carta linguística 92 correspondente ao vocábulo

família [familʲə], em que as três faixas etárias realizaram de forma categórica a variante palatalizada [ʲ].

4.1.2 Variáveis independentes não relevantes

Nesta subseção, apresentamos os grupos de fatores que o programa estatístico não considerou relevante para a aplicação da regra de palatalização e excluiu das rodadas, a saber: *posição na palavra, número de sílabas, grau da palavra e localidade*.

▪ Posição na palavra

Levantamos a hipótese de que as posições inicial e final poderiam influenciar mais a palatalização do que a posição medial. Nesse sentido, a hipótese foi confirmada em parte, pois conforme apresentado na Tabela 5, a posição inicial foi a que menos ocorreu a palatalização, apesar da alta frequência, com 90%. A posição medial ficou no intermediário, com 93,5% de realizações da forma palatal nessa posição. Como já mencionado, a posição final se mostrou categórica com 100% de ocorrência de [ʲ].

Tabela 5 - Frequência da variante [ʲ], conforme a *posição na palavra*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%
Inicial	108/120	90,0
Medial	444/475	93,5
Final	47/47	100,0
Total	599/642	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Os dados apresentados por Oliveira *et al.* (2009), no que se refere à posição final, convergem com os resultados desta pesquisa, já que na posição medial, os autores afirmam que não foi possível analisar por ter ocorrido apenas três dados. Na posição final, ressaltam que se trata de contexto altamente favorecedor da palatalização em virtude do segmento [j] como em ‘sandália’ e ‘família’, o que se confirmou em nossa pesquisa, pois os vocábulos ‘Getúlio’, ‘família’ e ‘cílios’, por exemplo, estão no contexto de [j].

▪ Número de sílabas

Este foi o segundo grupo de fatores eliminado pelo programa estatístico. No entanto, por mais que não tenha sido considerado relevante pelo programa, acreditamos ser importante demonstrar os resultados para comparar com a pesquisa de Oliveira *et al.* (2009).

Para este grupo de fatores, acreditávamos que o fator ‘polissílabo’ poderia influenciar em maior número a utilização da variante palatal, enquanto os fatores ‘dissílabo’ e ‘trissílabo’ poderiam apresentar um índice menor.

Entretanto, a nossa hipótese foi refutada, pois o fator ‘trissílabo’ apresentou um índice maior de frequência de uso, com 93,7% das ocorrências, mesmo que os percentuais dos outros fatores tenham sido muito próximo, em que o fator ‘dissílabo’ apresentou 92,3% e o ‘polissílabo’ 93,3%, como ilustrado na Tabela 6.

Tabela 6 - Frequência da variante [ʎ], conforme o *número de sílabas*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%
Dissílabo	108/117	92,3
Trissílabo	253/270	93,7
Polissílabo	238/255	93,3
Total	599/642	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Comparando os resultados desta pesquisa com os resultados da pesquisa de Oliveira *et al.* (2009), verificamos que nos fatores ‘dissílabo’ e ‘trissílabo’ a realização foi categórica, e o fator ‘polissílabo’ foi o único que ocorreu a variação, enquanto que os resultados da nossa pesquisa ocorreu variação nos três fatores.

- Grau da palavra

Este grupo de fatores foi o terceiro excluído pelo programa estatístico. Com o intuito de descobrir se o sufixo ‘-inho(a)’ pode influenciar a realização palatal, assim como influenciou os fenômenos de palatalização, vocalização e apagamento da nasal palatal na pesquisa de Cruz (2004). Levantamos a hipótese de que o grau diminutivo poderia ter maior influência para a palatalização em relação ao grau normal. Os resultados estão descritos na Tabela 7.

Tabela 7 - Frequência da variante [ʎ], conforme o *grau da palavra*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%
Normal	418/440	95,0
Diminutivo	181/202	89,6
Total	599/642	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Ao observarmos os resultados apresentados pelo programa e verificando a hipótese levantada, concluímos que, nesta pesquisa, o fator ‘diminutivo’ não é relevante para a realização da variante [ʎ], uma vez que a frequência maior de uso aparece no fator ‘normal’.

- Localidade

A *localidade* foi o quarto grupo eliminado pelo programa estatístico como não significativo, mas achamos por bem descrever os resultados para verificar a frequência de uso da variante [ʎ] nas duas localidades investigadas. A hipótese que levantamos foi a de que as duas localidades poderiam usar a variante palatal mais do que a variante alveolar. Os resultados estão na Tabela 8.

Tabela 8 - Frequência da variante [ʎ], conforme a *localidade*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%
Anamã	308/325	94,8
Beruri	291/317	91,8
Total	599/642	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

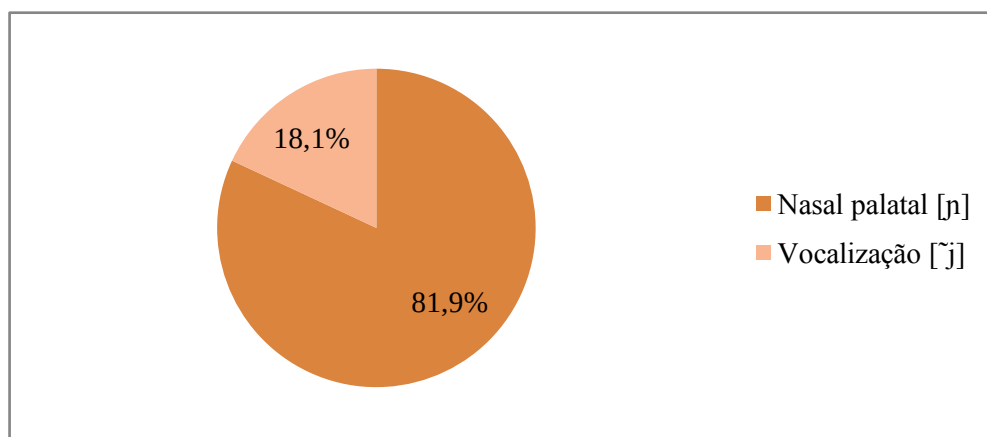
Os resultados apresentados mostram que as duas comunidades usam mais a variante palatal do que a variante alveolar. Entretanto, como podemos observar, a localidade de Anamã usa mais a forma palatal do que a localidade de Beruri.

4.2 A realização de /n/ diante de [i, j]

Os resultados preliminares da primeira rodada estatística apresentaram o total de 144 realizações de /n/ no contexto de [i], distribuídas entre a variante nasal palatal [ɲ], com 118 ocorrências correspondendo a 81,9% dos dados, e a variante vocalizada [j]¹⁰, com 26 ocorrências equivalendo a 18,1%. A variante nasal alveolar [n] não ocorreu nos dados coletados. Os resultados gerais são ilustrados no Gráfico 3.

¹⁰ Segmento vocalizado nasalizado que ocupa o lugar do fonema /n/.

Gráfico 3 - Realização geral do fonema /n/ diante de [i, j] na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

De início, podemos dizer que a realização da nasal alveolar /n/ diante de [i, j] apresenta variação na fala dos moradores das localidades investigadas e que a variante nasal palatal [ɲ] tem maior frequência de uso em Anamã e Beruri, e, por isso, foi selecionada como a aplicação da regra nas análises estatísticas.

Logo na primeira rodada houve *knockout* em dois grupos de fatores: *contexto antecedente* e *posição na palavra*. No *contexto antecedente*, o fator ‘vogal média-alta [e]’ apresentou a aplicação da regra categórica com 100% de realização da variante [ɲ], o que corresponde a 21 ocorrências; e o fator ‘vogal média-alta [o]’ apresentou 100% de realização da variante vocalizada [ɲ̃], o que corresponde a 12 dados. Na *posição na palavra*, as 24 ocorrências na posição inicial apresentaram 100% de utilização da variante [ɲ]. Para continuarmos com a análise, amalgamamos o fator ‘vogal média-alta [e]’ como o fator ‘vogal média-alta [o]’. Quanto ao fator ‘inicial’, optamos por eliminá-lo do grupo de fatores, ficando apenas o fator ‘medial’ e ‘final’ para as próximas rodadas.

Após as amálgamas e exclusões de fatores, foram controladas as seguintes variáveis: *faixa etária*, *sexo*, *localidade*, *contexto antecedente*, *contexto seguinte*, *tonicidade*, *número de sílabas*, *posição na palavra* e *grau da palavra*. Dessas, o programa estatístico *GoldVarb X* selecionou os grupos de fatores mais significantes para a aplicação da regra na amostra analisada, a saber: *contexto seguinte*, *contexto antecedente*, *tonicidade* e *grau da palavra*, exatamente nessa ordem. Os resultados são apresentados na próxima subseção.

4.2.1 Variáveis independentes relevantes

Apresentamos, por ordem de significância, os grupos de fatores linguísticos selecionados como relevantes para o uso da variante [ɲ], de acordo com o programa estatístico. É importante salientar que o programa não selecionou grupos de fatores extralinguísticos como significativos para a aplicação da regra.

4.2.1.1 Variáveis linguísticas

- Contexto seguinte

Este foi o primeiro grupo de fatores selecionado pelo programa estatístico como relevante para aplicação da regra. Na Tabela 9, podemos constatar que o fator ‘vogal alta [i]’ aparece como favorecedor para a aplicação da regra, com 0,73 de peso relativo e 96,5% de frequência de uso, enquanto o fator ‘semivogal [j]’ aparece como desfavorecedor para o uso da variante [ɲ], com 0,02 de peso relativo e 29,0% de frequência.

Tabela 9 - Frequência e probabilidade da variante [ɲ], conforme o *contexto seguinte*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Vogal alta [i]	109/113	96,5	0,73
Semivogal [j]	9/31	29,0	0,02
Significância: 0,039			
Input: 0,946			

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Ao observarmos os resultados da Tabela 9, a hipótese levantada para o contexto seguinte foi confirmada, pois acreditávamos que a variável /n/ diante da vogal alta [i] teria realização palatal, já que este é o contexto que favorece a palatalização. Apesar dos poucos dados diante da semivogal [j], a realização palatal apresentou baixa frequência de uso. O resultado pode estar relacionado ao surgimento da nasal alveolar como verificamos em Teyssier (2014) e Mattos e Silva (2015). Entre o século XI e XII o *n* intervocálico cai surgindo novas palavras, mas antes de cair, nasaliza a vogal antecedente, levando ao surgimento dos encontros vocálicos que resultam em uma vogal nasal e outra oral, e que mais tarde evolui novamente.

▪ Contexto antecedente

Este grupo de fatores foi considerado o segundo mais relevante pelo programa estatístico. De acordo com os resultados obtidos, a vogal baixa [a] aparece como a primeira favorecedora da aplicação da regra, seguida da vogal alta [i]. Já as vogais média-alta [e, o] e a vogal alta [u], nessa sequência, desfavorecem a aplicação da regra. Os resultados estão na Tabela 10, a seguir:

Tabela 10 - Frequência e probabilidade da variante [ɲ], conforme o *contexto antecedente*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Vogal baixa [a]	66/69	95,7	0,71
Vogal alta [i]	5/7	71,4	0,50
Vogal média-alta [e, o]	21/33	63,6	0,29
Vogal alta [u]	2/11	18,2	0,04
Significância: 0,039			
Input: 0,946			

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Ao verificar o peso relativo dos fatores para aplicação da regra, a vogal alta [a] apresentou 0,71 de peso relativo indicando favorecimento para o uso da variante [ɲ], enquanto a vogal [i] apresentou neutralidade, com 0,50. Já as vogais [e, o] e [u] desfavoreceram a aplicação da regra, em que [e, o] apresentou 0,29 e [u] apresentou 0,04 de peso relativo. É importante ressaltar que as vogais [e] e [o] foram amalgamadas por apresentarem resultados categóricos nas rodadas iniciais. De certa forma, esse resultado não surpreende, pois era esperado que assim como o contexto seguinte, o contexto antecedente pudesse influenciar o processo de variação. No entanto, as hipóteses levantadas não foram validadas, pois o fator ‘vogal baixa [a]’ foi considerado relevante para aplicação da regra e ‘vogal alta [i]’ se apresentou de forma neutra, o que não era esperado, já que as vogais altas favorecem a palatalização por conta do compartilhamento do ponto de articulação.

▪ Tonicidade

Este grupo de fatores foi o terceiro selecionado pelo programa para a aplicação da regra. O fator ‘tônica’ foi considerado o mais relevante para condicionar o uso da variante [ɲ], enquanto o fator ‘átona’ desfavoreceu a variante palatal. Vejamos os resultados na Tabela 11, a seguir:

Tabela 11 - Frequência e probabilidade da variante [ɲ], conforme a *tonicidade*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Tônica	90/92	97,8	0,80
Átona	28/52	53,8	0,07
Significância: 0,039			
Input: 0,946			

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Para este grupo de fatores, as hipóteses foram confirmadas, visto que as tônicas aparecem com peso relativo de 0,80 em comparação às átonas com 0,07. Parece-nos certo dizer que a ocorrência maior da variante nasal palatal [ɲ] nas tônicas se deu por conta de um número elevado de vocábulos no contexto da vogal [i], em que o esforço é maior para a pronúncia, e não nos vocábulos com a semivogal [j], pois estes ocorrem em sílabas átonas.

▪ Grau da palavra

Este grupo de fatores foi o último selecionado como relevante pelo programa estatístico. Os resultados apontam o fator ‘normal’ como relevante para aplicação da regra como o peso relativo 0,97, o que indica alto favorecimento, enquanto o fator ‘diminutivo’ apresentou peso relativo 0,34, indicando desfavorecimento, conforme descrito na Tabela 12.

Tabela 12 - Frequência e probabilidade da variante [ɲ], conforme o *grau da palavra*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Normal	12/22	54,5	0,97
Diminutivo	106/122	86,9	0,34
Significância: 0,039			
Input: 0,946			

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Embora o número de ocorrências e a frequência de uso do fator ‘diminutivo’ tenham sido elevados, o peso relativo foi pequeno, indicando desfavorecimento, o que ocorreu de forma inversa no fator ‘normal’. Esses resultados enviesados impossibilitam a validação da hipótese e a generalização dos resultados, mas podemos dizer que os dois fatores apresentam variação.

Quando verificamos na história do surgimento das palatais “galego-português” medieval, conseguimos enxergar que surgiram muitos encontros vocálicos que resultam da queda de várias consoantes, inclusive o ‘n’ para o surgimento de ‘nh’ (TEYSSIER, 2014).

Como a língua é viva e dinâmica, ela continua evoluindo. Tanto os vocábulos no grau normal quanto no grau diminutivo apresentaram grandes ocorrências de uso da variante [ɲ], sendo maior, em termos de número de ocorrências e de frequência de uso, em palavras com grau diminutivo. No entanto, vocábulos no grau normal apresentaram grande probabilidade de serem realizados como nasal palatal, pois de 22 dados, 12 foram realizados como [ɲ].

4.2.2 Variáveis independentes não relevantes

Os grupos de fatores eliminados pelo programa estatístico foram: *número de sílabas*, *localidade*, *sexo*, *faixa etária* e *posição na palavra*. Apesar de não se mostrarem relevantes, achamos interessante apresentar os resultados percentuais da frequência de uso de cada um deles para verificarmos como se comportam diante das hipóteses levantadas para esta pesquisa.

- Número de sílabas

Para a variável /n/ diante de [i, j], o grupo de fatores *número de sílabas* foi o primeiro eliminado. O fator ‘dissílabo’ aparece com maior frequência de uso da variante palatal (88,5%), seguido do fator ‘trissílabo’ (86,9%) e ‘polissílabo’ (64,7%). Nesse sentido, verificamos que a diferença de frequência de uso entre o fator dissílabo e trissílabo é bem pequena, apenas 1,6%. Os dados estão descritos na Tabela 13, a seguir.

Tabela 13 - Frequência da variante [ɲ], conforme o *número de sílabas*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%
Dissílabo	23/26	88,5
Trissílabo	73/84	86,9
Polissílabo	22/34	64,7
Total	118/144	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

De acordo com os resultados, podemos afirmar que os vocábulos de menor extensão apresentaram maiores índices percentuais para o uso da variante palatal, enquanto que os vocábulos de maior extensão, não.

Portanto, as hipóteses levantadas para esse grupo de fatores foram refutadas, pois acreditávamos que os fatores ‘dissílabo’ e ‘trissílabo’ pudessem influenciar mais a realização da variante vocalizada, no entanto, além de esse grupo não se mostrar relevante, aconteceu o inverso e esses fatores apresentaram maior frequência de uso para a variante palatal.

- Localidade

Este grupo de fatores foi o segundo eliminado pelo programa estatístico por não ser relevante para a aplicação da regra. Ao observarmos os resultados na Tabela 14, verificamos que a frequência de uso está em consonância com a hipótese levantada, pois, acreditávamos que tanto a localidade de Anamã quanto a localidade de Beruri realizariam mais a forma palatal.

Tabela 14 - Frequência da variante [ɲ], conforme a *localidade*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%
Anamã	65/78	83,3
Beruri	53/66	80,3
Total	118/144	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

As informações descritas na Tabela 14 mostram uma grande frequência de uso da variante nasal palatal [ɲ] em detrimento da variante vocalizada nas duas localidades investigadas. Entretanto, a comunidade anamaense apresentou um índice maior de utilização da variante palatal, com uma diferença de 3% da comunidade beruriense.

- Sexo

O grupo de fatores *sexo* foi o terceiro excluído com não significativo pelo programa estatístico. Os resultados apontam as mulheres com uma frequência de uso maior da variante nasal palatal [ɲ], com 83,1% de realização, enquanto os homens aparecem com 80,6% de frequência de uso. Os resultados aparecem na Tabela 15.

Tabela 15 - Frequência da variante [ɲ], conforme o *sexo*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%
Homem	54/67	80,6
Mulher	64/77	83,1
Total	118/144	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

A hipótese levantada para este grupo de fatores foi confirmada em relação à frequência de uso, pois como vimos, as mulheres, mesmo com uma diferença percentual muito pequena, realizaram mais a variante palatal do que os homens.

- Faixa etária

Este grupo de fatores foi o quarto eliminado pelo programa estatístico como não significativo para a aplicação da regra. O primeiro fator com maior frequência de uso da variante nasal palatal foi a ‘1ª faixa etária’ com 83,3%, seguida da ‘2ª faixa etária’ com 82,4% e da ‘3ª faixa etária’ com 80,4%. Notamos que os índices de realização de [ɲ] nas três faixas foi bem elevado e a diferença percentual entre elas foi bem pequena. Os resultados estão na Tabela 16.

Tabela 16 - Frequência da variante [ɲ], conforme a *faixa etária*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%
1ª faixa etária	35/42	83,3
2ª faixa etária	42/51	82,4
3ª faixa etária	41/51	80,4
Total	118/144	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

As hipóteses levantadas para este grupo de fatores foram parcialmente confirmadas, no que diz respeito à frequência de uso da nasal palatal pelos mais jovens, que apesar da pouca diferença, foi ligeiramente maior do que a dos mais velhos.

- Posição na palavra

Este foi o último grupo de fatores excluído pelo programa como não significativo para o uso da variante [ɲ]. Nesse grupo, foram controlados inicialmente os fatores ‘inicial’, ‘medial’ e ‘final’, mas a posição ‘inicial’ apresentou resultado categórico de 100% de uso da variante palatal, o que significa dizer que, para esta pesquisa, esse fator não sofreu variação, resultando na sua exclusão das rodadas estatísticas. Os resultados estão na Tabela 17.

Tabela 17 - Frequência da variante [ɲ], conforme a *posição na palavra*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%
Medial	83/91	91,2
Final	11/29	37,9
Total	94/120	

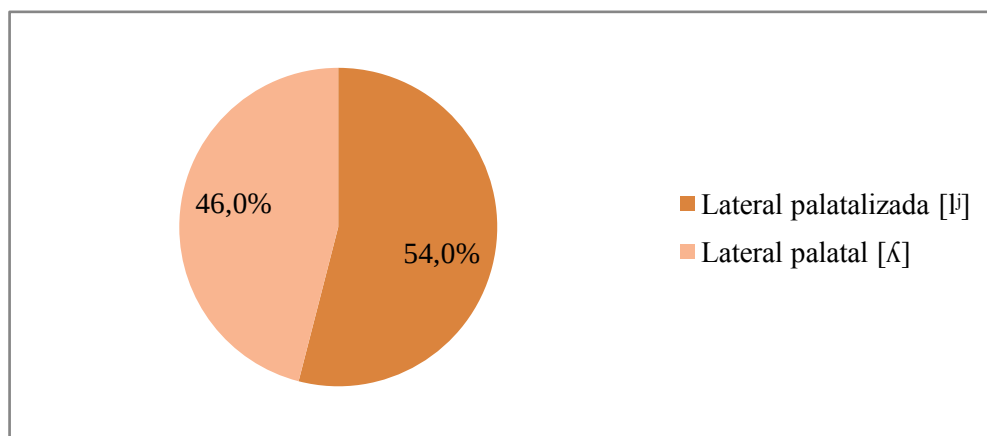
Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Como podemos observar, o fator ‘medial’ apresentou maior frequência de uso, com 91,2% dos dados, seguido do fator ‘final’, com 37,9%. Os resultados indicam a predominância da variante lateral palatal nas primeiras posições do vocábulo, enquanto na posição final, a frequência de uso foi pequena, talvez por ter apresentado poucos dados nessa posição.

4.3 A realização de /ʎ/

Para a realização do fonema /ʎ/, o programa estatístico contabilizou o total de 737 dados, sendo 339 ocorrências da variante lateral palatal [ʎ], o que corresponde a 46,0% de frequência de uso, e 398 ocorrências da variante palatalizada [j], o que corresponde a 54,0% de frequência. Os resultados preliminares indicam variação na fala dos moradores das localidades investigadas, em que a frequência de uso foi maior para a forma palatalizada, conforme ilustrado no Gráfico 4.

Gráfico 4 - Realização geral do fonema /ʎ/ na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

De forma geral, podemos observar que a variante lateral palatalizada [j] apresentou maior produtividade do que a variante lateral palatal [ʎ] na amostra analisada, apesar de as duas formas estarem concorrendo para a realização de /ʎ/. Por isso, escolhemos a variante palatalizada [j] como aplicação da regra.

Entre os grupos de fatores controlados nesta pesquisa para a referida variável, o *contexto antecedente* e o *contexto seguinte* apresentaram *knockout*. No *contexto antecedente*, o fator ‘vogal média baixa [ɔ]’ apresentou 0% para a variante palatalizada e 100% para a variante palatal. No *contexto seguinte*, os fatores ‘vogal média baixa [ɛ]’ e ‘vogal alta [i]’ apresentaram 0% para a variante [j] e 100% para [ʎ]. Para prosseguir com a análise, fizemos

uma nova rodada amalgamando e/ou excluindo fatores que apresentaram *knockout*, para tirarmos o peso relativo.

Após as amálgamas e exclusões de fatores, foram controladas as seguintes variáveis independentes: *faixa etária*, *sexo*, *localidade*, *contexto antecedente*, *contexto seguinte*, *tonicidade*, *número de sílabas*, *posição na palavra* e *classe morfológica*. Dessas, os grupos de fatores selecionados como relevante nas rodadas estatísticas para a aplicação da regra foram: *contexto antecedente*, *tonicidade*, *contexto seguinte*, *número de sílabas*, *posição na palavra* e *localidade*, exatamente, nessa ordem.

4.3.1 Variáveis independentes relevantes

Nesta seção, apresentamos os resultados dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos considerados relevantes para a variante palatalizada [ʎ], de acordo com o programa estatístico. Os primeiros resultados apresentados são dos grupos de fatores linguísticos, pela ordem de significância, e posteriormente dos extralinguísticos.

4.3.1.1 Variáveis linguísticas

Os grupos de fatores linguísticos selecionados como relevantes para a variante [ʎ] foram: *contexto antecedente*, *tonicidade*, *contexto seguinte*, *número de sílabas* e *posição na palavra*.

- Contexto antecedente

Este grupo de fatores foi o primeiro selecionado como relevante para a aplicação da regra [ʎ]. Acreditávamos que este contexto pudesse ser um condicionador linguístico para a realização das variantes de /ʎ/. Por isso, levantamos a hipótese de que as vogais média-alta [e], [o] e a vogal alta [u] pudessem influenciar a realização da variante palatalizada [ʎ], enquanto as vogais [a], [ɛ], [ɔ], [i] pudessem favorecer a manutenção da variante lateral palatal [ʎ].

Como foi explicitado anteriormente, este grupo apresentou *knockout* no fator ‘vogal média-baixa [ɔ]’, que foi amalgamado com o fator ‘vogal média-alta [o]’. Os fatores ‘vogal média-baixa [ɛ]’ e ‘vogal média-alta [e]’ também foram amalgamados. Os resultados apontam o fator ‘vogal baixa [a]’ como o mais relevante para aplicação da regra. Os demais fatores apresentaram desfavorecimento. Os resultados estão descritos na Tabela 18.

Tabela 18 - Frequência e probabilidade da variante [ʎ], conforme o *contexto antecedente*, na fala dos moradores de Anamá e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Vogal baixa [a]	229/280	81,8	0,83
Vogal alta [u]	22/49	44,9	0,42
Vogal alta [i]	52/143	36,4	0,40
Vogal média-alta e média-baixa [e, ε]	85/190	44,7	0,31
Vogal média-alta e média-baixa [o, ɔ]	10/75	13,3	0,04
Significância: 0,039			
Input: 0,573			

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Ao observarmos os resultados, verificamos que as hipóteses levantadas para o uso da variante palatalizada [ʎ] foram refutadas. O contexto ‘vogal baixa [a]’ foi o único que apresentou grande favorecimento para a aplicação da regra. Os demais contextos controlados se mostraram desfavoráveis para o uso da variante [ʎ], com uma ressalva em relação aos fatores ‘vogal alta [u]’ e ‘vogal alta [i]’ que ficaram próximos do ponto neutro.

Quanto ao fator ‘vogal baixa [a]’, as ocorrências com a variante palatalizada apareceram, sobretudo, nos vocábulos: ‘assoalho’, ‘canalha’, ‘abestalhado’, ‘batalha’, ‘atalho’, ‘chocalho’, ‘grisalho’, ‘malhadeira’, dentre outros.

Para os fatores que desfavorecem a aplicação da regra, podemos assim exemplificar: ‘filho’, ‘cartilha’, ‘quilha’, ‘milho’ e ‘pilha’ para a ‘vogal alta [i]’; ‘borbulha’, ‘julho’ e ‘agulha’ para a ‘vogal alta [u]’; ‘velha’ para a ‘vogal média-baixa [ε]’; ‘abelha’, ‘ajoelhar’, ‘ovelha’, ‘vermelho’ e ‘telha’ para a ‘vogal média-alta [e]’; ‘folhagem’, ‘repolho’ e ‘folha’ para a ‘vogal média-alta [o]’.

Palavras como ‘bilhete’, ‘bisbilhoteira’, ‘velhice’, ‘abelhuda’, ‘envelhecer’, ‘orelhão’, ‘piolho’, ‘molho’ e ‘mulher’ não sofreram variação e foram pronunciados com a lateral palatal [ʎ]. O vocábulo ‘mulher’, na pesquisa de Cruz (2004), apresentou variação para o fenômeno da despalatalização [l] (6%) e iotização [j] (4%), resultado que difere da nossa pesquisa.

Os resultados desta pesquisa, de certa forma, corroboram a pesquisa de Freire (2011) no que se refere às vogais [e] e [i] que desfavoreceram a variante palatalizada, o que sugere que apresentam tendência para a realização da lateral palatal. O resultado da pesquisa de Freire (2011) diverge quanto ao resultado da vogal baixa [a], que em sua pesquisa apresenta o peso relativo de 0,51 para a realização palatal e, na nossa pesquisa, a vogal baixa [a] apresentou tendência para a variante palatalizada.

- Tonicidade

Este grupo de fatores foi o segundo, na ordem de significância, selecionado pelo programa estatístico. É sabido que a tonicidade das sílabas apresenta comportamentos distintos para um fenômeno variável em estudo. Sendo assim, levantamos a hipótese de que as pretônicas e postônicas influenciariam a realização da variante palatalizada [ɫ], enquanto as tônicas influenciariam a manutenção da lateral palatal [ʎ]. No entanto, para corrigir alguns enviesamentos, optamos por amalgamar os fatores ‘postônica’ e ‘pretônica’ como ‘átonas’, ficando ao final da rodada apenas os fatores ‘tônicas’ e ‘átonas’. Os resultados estão descritos na Tabela 19, a seguir:

Tabela 19 - Frequência e probabilidade da variante [ɫ], conforme a *tonicidade*, na fala dos moradores de Anamá e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Átonas	333/479	69,5	0,68
Tônicas	65/258	25,2	0,18
Significância: 0,039			
Input: 0,573			

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Observamos nos dados que as ‘átonas’ favoreceram a aplicação da regra, com 0,68 de peso relativo. Já as sílabas ‘tônicas’ desfavoreceram a aplicação da regra, com 0,18 de peso relativo.

Na pesquisa de Brandão (2007), a *tonicidade* foi o primeiro grupo selecionado, em que o fator ‘postônico’ foi condicionador de [ɫ] (0,64) e o fator ‘tônico’ desfavoreceu a aplicação da regra, assim como em nossa pesquisa. Já a pesquisa de Soares (2008) apresenta o resultado entre as variantes [ɫ], [lɫ] e [j], em que a variante palatalizada [ɫ] é favorecida pelo fator ‘pretônica’ com peso relativo de 0,61, resultado que também converge com o resultado de nossa pesquisa.

Portanto, as hipóteses para este grupo de fatores foram parcialmente confirmadas, já que as sílabas átonas apresentaram tendência maior para a variante palatalizada [ɫ].

- Contexto seguinte

Neste grupo de fatores, o programa estatístico selecionou o fator ‘vogal alta [u]’ como o mais favorecedor para a aplicação da regra com 0,56 de peso relativo, seguido do fator ‘vogal baixa [a]’ com 0,54. Em decorrência do número pequeno de dados, os fatores ‘vogal média-baixa [ɛ]’ e ‘vogal média-alta [e]’ foram amalgamados, assim como os fatores ‘vogal

média-baixa [ɔ]’ e ‘vogal média-alta [o]’. Estes contextos desfavoreceram o uso da variante [lʲ]. Os resultados estão descritos na Tabela 20.

Tabela 20 - Frequência e probabilidade da variante [lʲ], conforme o *contexto seguinte*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Vogal alta [u]	170/255	66,7	0,56
Vogal baixa [a]	218/386	56,5	0,54
Vogal média-alta e média-baixa [e, ε]	2/42	4,8	0,14
Vogal média-alta e média-baixa [o, ɔ]	8/30	26,7	0,10
Significância: 0,039			
Input: 0,573			

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Como observamos, os resultados mostram que vocábulos com o contexto seguinte ‘vogal alta [u]’ e ‘vogal baixa [a]’ apresentam maior número de ocorrências no *corpus* em detrimento das demais vogais. Estes vocábulos também são os de maior extensão, talvez estas prerrogativas concorram para uma tendência maior de aplicação da regra nesses contextos, visto que os resultados estão muito próximos do ponto neutro.

Os demais fatores controlados apresentaram desfavorecimento para o uso da variante palatalizada, o que sugere que esses fatores contribuem para a manutenção da variante lateral palatal, apesar de apresentarem um número baixo de ocorrências.

Comparando nossos resultados com resultados de outras pesquisas, percebemos algumas diferenças. Na pesquisa de Santos e Chaves (2012), a vogal [u] é a responsável pela manutenção da lateral palatal [ʎ], resultado que diverge desta pesquisa, mesmo que nossos resultados estejam bem próximos do ponto neutro, o que indica que o fator vogal alta [u] não tem grande peso para o uso da variante palatalizada [lʲ]. Na pesquisa de Soares (2008), que examina a anterioridade das vogais subsequentes, os resultados apontam que as vogais [i, e, ε] são condicionadores favoráveis para a variante palatalizada [lʲ], tanto no contexto subsequente quanto no contexto antecedente. Já na nossa pesquisa, vogal baixa [a] favorece a regra tanto no contexto antecedente quanto no contexto seguinte, sendo que no primeiro caso apresenta maior favorecimento e no segundo caso ficou bem próximo do ponto neutro.

É importante salientar que a vogal média-alta [i] foi controlada nesta pesquisa, no entanto, ela não ocorreu após a variante palatalizada [lʲ], sendo, portanto, eliminada das rodadas estatísticas. Como exemplo, podemos citar o vocábulo ‘milhinho’, que não apresentou variação, pois foi realizado somente com a variante [ʎ].

Os resultados para esse grupo de fatores demonstram que as hipóteses foram confirmadas, no que se refere à variante palatalizada [lʲ], apenas para a vogal baixa [a] e para a vogal alta [u].

- Número de sílabas

Este grupo de fatores foi o quarto selecionado como relevante para a aplicação da regra. Para esta variável, supomos inicialmente que o fator ‘polissílabo’ favorecesse a aplicação da regra, enquanto os fatores ‘dissílabo’ e ‘trissílabo’ a desfavorecessem. No entanto, os fatores ‘trissílabo’ e ‘polissílabo’ foram agrupados por se tratarem de vocábulos de maior extensão. Dessa forma, as hipóteses levantadas foram confirmadas em parte, conforme resultados descritos na Tabela 21, a seguir:

Tabela 21 - Frequência e probabilidade da variante [lʲ], conforme o *número de sílabas*, na fala de moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Tri/polissílabo	303/532	57,0	0,58
Dissílabo	95/205	46,3	0,30
Significância: 0,039			
Input: 0,573			

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Como podemos observar na Tabela 21, o fator ‘tri/polissílabo’ apresentou favorecimento para a aplicação da regra, com 0,58 de peso relativo, enquanto o fator ‘dissílabo’ desfavoreceu a regra, com 0,30. Os resultados mostram que os vocábulos com maior extensão favorecem o uso da variante palatalizada.

Os resultados de nossa pesquisa diferem dos resultados da pesquisa de Freire (2011) que apresenta o fator ‘trissílabo’ (0,58) como favorecedor da variante lateral palatal [ɭ] na fala da comunidade jacaraúense. Já na fala dos moradores de Anamã e Beruri, percebemos uma tendência diferente, em que o fator ‘tri/polissílabos’ favorece a realização palatalizada, a exemplo dos vocábulos ‘batalha’ [bɐˈtalʲɐ] e ‘abobalhado’ [ɐbɔbɐˈlʲadɔ].

Nesse sentido, os resultados apresentados para este grupo de fatores mostram que existe uma correlação entre a extensão do vocábulo e a realização do fenômeno de palatalização [lʲ].

- Posição na palavra

Este grupo de fatores foi o quinto selecionado como relevante para aplicação da regra. Para esta pesquisa, acreditávamos que a posição final pudesse favorecer a aplicação da regra

mais do que a posição medial. Os resultados obtidos pelo programa estatístico estão na Tabela 22 que segue:

Tabela 22 - Frequência e probabilidade da variante [l], conforme a *posição na palavra*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Final	344/550	62,5	0,55
Medial	54/187	28,9	0,34
Significância: 0,039			
Input: 0,573			

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Como podemos observar, a posição final apresentou favorecimento para a aplicação da regra, com 0,55 de peso relativo e 62,5% de frequência de uso, e ocorreu em vocábulos como ‘coalho’, ‘baralho’ e ‘agulha’. Já a posição medial apresentou desfavorecimento, com 0,34 e 28,9%. Nesse sentido, as hipóteses levantadas foram confirmadas.

Os resultados desta pesquisa em relação à posição do segmento na palavra corroboram, de certa forma, os resultados da pesquisa de Torres (2009) nos municípios de Itapiranga e Silves (AM) considerando a posição final, uma vez que a pesquisadora aponta, na fala dos informantes das duas localidades pesquisadas, variação ocorrendo mesmo que de forma muito pequena, enquanto na posição medial não ocorreu variação, pois os resultados mostraram 100% da manutenção da lateral palatal [ʎ]. Em nossa pesquisa, há variação tanto no contexto final quanto no medial.

Esse grupo de fatores não foi controlado nas demais pesquisas que apresentamos neste trabalho, no entanto, em nossa pesquisa, ele foi selecionado para aplicação da regra, mesmo com um peso relativo próximo do ponto neutro.

4.3.1.2 Variável extralinguística

Dos três grupos de fatores extralinguísticos controlados para verificar a realização da variável dependente /ʎ/ na fala anamaense e beruriense, apenas a *localidade* foi selecionada como relevante para a aplicação da regra, a variante [l].

▪ Localidade

A *localidade* do falante tem se mostrado importante para o estudo da variação linguística. Este foi o último grupo de fatores selecionado e o único condicionador extralinguístico considerado relevante pelo programa estatístico para a aplicação da regra.

Para esse grupo, esperávamos que variante palatalizada [lʲ] fosse mais produtiva do que a variante palatal [ʎ] tanto na localidade de Anamã quanto na localidade de Beruri. Os resultados estão descritos na Tabela 23.

Tabela 23 - Frequência e probabilidade da variante [lʲ], conforme a *localidade*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Anamã	207/371	55,8	0,55
Beruri	191/366	52,2	0,44
Significância: 0,039			
Input: 0,573			

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Os números de ocorrências indicam que os municípios de Anamã e Beruri usam as variantes [lʲ] e [ʎ] de forma equivalente, uma vez que a frequência de uso de [lʲ] foi um pouco acima de 50% nas duas localidades. Entretanto, os índices foram maiores em Anamã, com 55,8% de frequência de uso e 0,55 de peso relativo, indicando leve favorecimento para a aplicação da regra. Em Beruri, os números foram menores, com 52,2% e 0,44. Os resultados para as duas localidades ficaram próximos do ponto neutro, o que aponta que a localidade não tem grande influência para a realização de /ʎ/.

A pesquisa de Brandão (2007), nas áreas litorânea e interiorana, nas regiões Norte e Nordeste do Estado do Rio de Janeiro, apresenta a localidade como significativa no processo de variação, em que a localidade litorânea se mostrou favorável para a realização palatalizada [lʲ] (0,56), mas foi a segunda mais produtiva, concorrendo com a variante lateral palatal [ʎ], que na pesquisa de Brandão teve o maior índice (72%). Já na pesquisa de Cruz (2004), na localidade de Manacapuru, que representa a microrregião em que se encontram os municípios de Anamã e Beruri, o uso da variante palatalizada foi preferencial, totalizando 50 realizações de [lʲ] contra apenas 8 de [ʎ].

Em nossa pesquisa, assim como na de Cruz (2004), a variante [lʲ] foi mais produtiva do que [ʎ], como podemos observar nos resultados apresentados. Percebemos que a fala das duas localidades, no que diz respeito ao fenômeno investigado, é muito próxima, pois apesar de não fazerem parte do mesmo rio, o acesso e o tráfego entre esses dois municípios é muito rápido. Talvez essa seja a razão pela qual o falar das duas comunidades seja parecido, pois a fala palatalizada, de certa forma, é da preferência das duas localidades.

4.3.2 Variáveis independentes não relevantes

O programa estatístico excluiu três grupos de fatores que considerou ‘não relevantes’ para a aplicação da regra: *faixa etária*, *classe morfológica* e *sexo*.

- Faixa etária

Este grupo de fatores foi o primeiro excluído pelo programa como não significante para a variante [lʲ]. A frequência de uso de [lʲ] de acordo com a faixa etária está na Tabela 24.

Tabela 24 - Frequência da variante [lʲ], conforme a *faixa etária*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%
1ª faixa etária	127/242	52,5
2ª faixa etária	138/249	55,4
3ª faixa etária	133/246	54,1
Total	398/737	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Percebemos que a frequência de uso da variante palatalizada é semelhante nas três faixas, acima de 50%, sendo que a 2ª faixa apresentou 55,4% de utilização da forma palatalizada, seguida da 3ª faixa com 54,1%, e da 1ª faixa etária com 52,5%. Assim, verificamos que a hipótese não foi confirmada, pois a faixa etária mais jovem apresentou percentual mais baixo do que as faixas etárias mais velhas, resultado diferente do que esperávamos.

- Classe morfológica

A *classe morfológica* foi o segundo grupo eliminado pelo programa estatístico. A hipótese levantada foi a de que os fatores ‘substantivo’ e ‘adjetivo’ favorecessem [lʲ], enquanto que o fator ‘verbo’ favorecesse [ʎ]. Os resultados estão na Tabela 25.

Tabela 25 - Frequência da variante [lʲ], conforme a *classe morfológica*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%
Adjetivo	65/117	55,6
Verbo	17/48	35,4
Substantivo	316/572	55,2
Total	398/737	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Os resultados demonstram que os fatores ‘adjetivo’ e ‘substantivo’ apresentaram maior frequência de uso e ocorreram em vocábulos como ‘canalha’ [kẽ'nalʲɐ], ‘abestalhado’ [ɐbestɐ'ʲado], ‘abobalhado’ [ɐbobɐ'ʲado], ‘grisalho’ [gri'zalʲo] e ‘velha’ [vɛlʲɐ]. O fator ‘verbo’ apresentou número reduzido de dados e baixa frequência de uso de [ʲ] e ocorreu nos vocábulos ‘ajoelhar’ [ɐʒoe'ʲa], ‘aconselhar’ [ɐkõse'ʲa], ‘desgalhar’ [dezgɐ'ʲa] e ‘guerrilhar’ [gehi'ʲa], sendo a realização palatalizada mais produtiva em ‘desgalhar’ e ‘guerrilhar’. Os resultados vão ao encontro da hipótese levantada, no entanto, a classe morfológica não se mostrou relevante para a aplicação da regra.

▪ Sexo

Este grupo de fatores foi o terceiro excluído. Levantamos a hipótese de que as mulheres usariam menos a variante palatalizada do que os homens.

Quanto à frequência de uso da variante [ʲ], os homens apresentaram maior frequência de uso da variante palatalizada do que as mulheres, em que eles utilizaram a variante [ʲ] em 56,5% dos dados e elas em 51,7%. Estes resultados convergem com a hipótese levantada, apesar de a frequência de uso da forma [ʲ] pelas mulheres ter sido acima de 50%. Os resultados estão na Tabela 26.

Tabela 26 - Frequência da variante [ʲ], conforme o sexo, na fala dos moradores de Anamá e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%
Homem	201/356	56,5
Mulher	197/381	51,7
Total	398/737	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Os resultados da nossa pesquisa diferem da pesquisa de Santos e Chaves (2012) em que tanto os homens quanto as mulheres apresentaram preferência pela variante lateral palatal [ʎ].

A eliminação dos grupos de fatores *sexo* e *faixa etária* pelo programa estatístico, de certa forma, nos surpreende, pois as pesquisas verificadas para este estudo mostram esses grupos de fatores como relevantes.

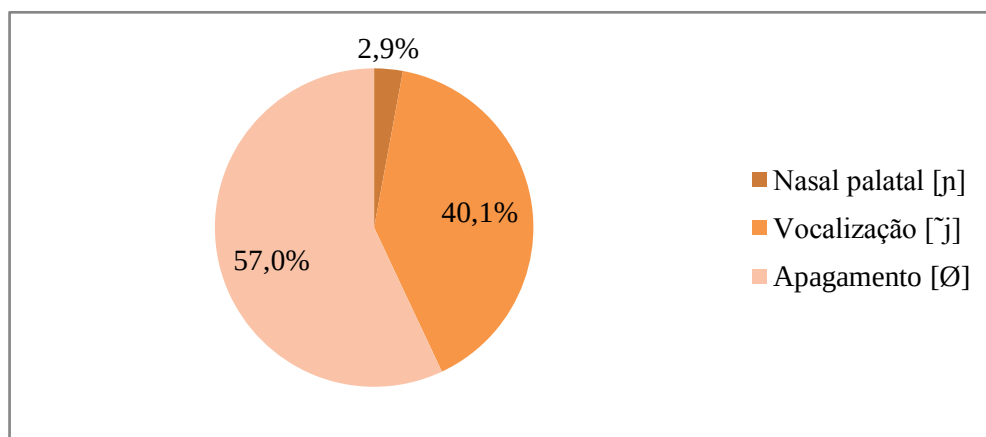
4.4 A realização de /ɲ/

Como verificamos em Teyssier (2014), o fonema /ɲ/ é resultado da evolução advinda do latim para o português atual de algumas consoantes seguidas de um *yod* oriundo de um *i* e *e*. Nesses casos, as consoantes *l* e *n* passam a *lh* e *nh*.

Nesta seção, apresentamos os resultados obtidos por meio da análise estatística das variantes de /ɲ/ na fala moradores de Anamã e Beruri. Apresentamos, primeiramente, os resultados da distribuição das três variantes: a variante palatal [ɲ], a variante vocalizada [ɲ̃]¹¹ e a variante apagamento [Ø]¹².

No *corpus*, apareceram 793 ocorrências com realizações de /ɲ/, sendo 452 dados com apagamento [Ø], 318 dados com vocalização [ɲ̃], e 23 com a nasal palatal [ɲ]. Os resultados percentuais estão no Gráfico 5.

Gráfico 5 - Realização geral do fonema /ɲ/ na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Os resultados mostram a predominância da variante apagamento [Ø], com 57,0% de ocorrências, seguida da variante vocalizada [ɲ̃], com 40,1% dos dados. A variante nasal palatal [ɲ] apresentou apenas 2,9% de frequência de uso na amostra analisada.

Destacamos que a soma dos resultados das variantes [ɲ] e [ɲ̃] é menor em relação ao resultado da variante apagamento [Ø], o que refuta a hipótese levantada inicialmente, pois acreditávamos que a vocalização seria predominante.

A variante [Ø] ocorreu principalmente nos vocábulos em que a vogal antecedente é a vogal [i]. Aqui, é pertinente dizer que na supressão da nasal palatal, a nasalidade se mantém

¹¹ Segmento vocalizado que ocupa o lugar do fonema /ɲ/.

¹² O apagamento, também chamado de síncope, é supressão de um seguimento sonoro no interior da palavra (COELHO *et al.*, 2015, p. 26).

em quase todos os vocábulos. Esse processo é chamado por Camara Júnior (1997) de assimilação, a partir do elemento consonântico nasal da sílaba seguinte. No entanto, ressaltamos que nesta pesquisa houve algumas exceções, como no vocábulo ‘engatinha’ que foi pronunciado de duas formas e nenhuma delas a nasalidade se manteve [ĩgɐ'tʃiɐ], [ẽgɐ'tejjɐ], e também no vocábulo ‘campainha’, que ora foi realizado com a vogal [ĩ] nasalizada [kẽpɐ'ĩɐ], ora com a vogal [i] sem a nasalidade [kẽpɐ'ia]. Vocábulos como ‘carinho’, ‘dedinho’, ‘banha’, ‘farinha’, ‘vizinho’, ‘cafezinho’, dentre outros antecidos pela vogal [i], foram realizados, em maior parte, com a variante [Ø], pois diante de [i] ocorre um processo de assimilação que resulta no desaparecimento de [ɲ], como em ‘carinho’: [ka'ɾiɲu] > [ka'ɾi̯u] > [ka'ɾi̯u].

Nesta pesquisa, a variante vocalizada [j] se apresentou como a concorrente da variante apagamento [Ø] e ocorreu em vocábulos antecidos pelas vogais [a, e o, u] como em ‘unha’, ‘lenha’, ‘banha’, ‘sonho’, ‘castanha’, ‘amanhã’, ‘senhor’ e ‘senhora’, por exemplo. Vale fazer uma ressalva para os vocábulos ‘senhor’ e ‘senhora’, pois ora foram pronunciados no contexto antecedente com a vogal [i] [sĩ'o], [sĩ'ɔɾɐ], ora com a vogal [e] [sẽj'jo], [sẽj'jɔɾɐ]. Nos casos que foram pronunciados com [i] ocorreu a realização da variante apagamento [Ø], nos casos que foram pronunciados com [e] ocorreu a realização da variante vocalização [j].

Vale lembrar, ainda que os vocábulos que são antecidos pelas vogais [a, e o, u], ora são pronunciados com a variante vocalizada [j], ora como nasal palatal [ɲ].

Acerca dos grupos de fatores controlados para a análise da variável /ɲ/, o programa estatístico indicou alguns *knockouts* nas rodadas iniciais. Na *faixa etária*, a 1ª faixa apresentou 0% para a variante nasal palatal [ɲ]. No *contexto antecedente*, os fatores ‘vogal baixa [a]’, ‘vogal média-alta [o]’ e ‘vogal alta [u]’ apresentaram 0% para a variante apagamento [Ø] e o fator ‘vogal [i]’ 0% para a variante vocalizada [j]. No *contexto seguinte*, o fator ‘vogal média-baixa [ɛ]’ apresentou 0% para a variante apagamento [Ø]; e os fatores ‘vogal média-baixa [ɔ]’ e ‘vogal média-alta [e]’ apresentaram 0% para a variante nasal palatal [ɲ]. No grupo de fatores *grau da palavra*, o fator ‘diminutivo’ apresentou 0% para [j].

A fim de adequar os dados ao modelo do programa estatístico e eliminar os *knockouts*, excluímos e/ou amalgamamos fatores cujas ocorrências foram 0% para as variantes encontradas na pesquisa. No grupo de fatores *faixa etária*, eliminamos o fator ‘1ª faixa etária’. No grupo *contexto antecedente*, eliminamos o grupo de fatores, pois não havia a possibilidade de amalgamar os fatores pelo fato da maior parte ter apresentado 0% para uma das variantes [j], [Ø] e [ɲ], impossibilitando, assim, o processo de amalgamação. No grupo *contexto*

seguinte, eliminamos as vogais média-baixa [ɛ] e [ɔ], como também a vogal média-alta [e]. Eliminamos, também, o grupo *grau da palavra*.

Após esses ajustes com amálgamas e exclusões de fatores e grupo de fatores, foram controladas as seguintes variáveis independentes: *faixa etária*, *sexo*, *localidade*, *contexto seguinte*, *tonicidade*, *número de sílabas*, *posição na palavra* e *classe morfológica*.

Como o programa estatístico *GoldVarb X* é binominal, ou seja, só faz análise de pesos relativos de duas variantes por vez, e a variável dependente /ɲ/ possui três variantes, optamos por fazer rodadas estatísticas confrontando as variantes mais produtivas e inovadoras, no caso [j] e [Ø], com a variante conservadora [ɲ]. Primeiramente, controlamos a vocalização [j] *versus* nasal palatal [ɲ], sendo a variante [j] usada como aplicação da regra. Em seguida, controlamos apagamento [Ø] *versus* nasal palatal [ɲ], sendo a variante [Ø] a aplicação da regra. Os resultados de cada rodada de acordo com as variantes controladas são descritos nas próximas seções.

4.4.1 Variáveis independentes relevantes

Nesta seção, descrevemos os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que o programa estatístico considerou como relevante para a vocalização e o apagamento. Para facilitar o entendimento da realização dos vocábulos na fala anamaense e beruriense, procedemos com a seguinte sequência para tirar o peso relativo e apresentar os dados.

- Vocalização *versus* nasal palatal
- Apagamento *versus* nasal palatal

Para a rodada binominal vocalização *versus* nasal palatal, o programa apresentou 341 dados, sendo 318 da variante vocalizada, com percentual de 93,3% dos dados, e 23 da variante nasal palatal, com percentual de 6,7%. A aplicação da regra foi a variante [j] e o programa selecionou, por ordem de significância, os grupos de fatores: *localidade*, *faixa etária*, *sexo* e *posição na palavra*.

Para a rodada binominal apagamento *versus* nasal palatal, foram computadas 452 realizações da variante apagamento, com percentual de 95,2%, e 23 realizações da variante nasal palatal, com 4,8%, perfazendo um total de 477 dados. A aplicação da regra foi a variante [Ø] e o programa elegeu, de acordo com a ordem de significância, os grupos de fatores: *sexo*, *faixa etária*, *localidade*, *número de sílabas* e *classe morfológica*.

A seguir, apresentamos os resultados dos grupos de fatores selecionados, por ordem de relevância, sendo primeiro os grupos de fatores linguísticos, e depois, os extralinguísticos.

4.4.1.1 Variáveis linguísticas

► Vocalização *versus* nasal palatal

Para a rodada binominal com as variantes [j] e [ɲ] da variável dependente nasal palatal /ɲ/, o programa selecionou apenas uma variável independente linguística como relevante para a aplicação da regra, a *posição na palavra*. Como já citado, para esta rodada, a aplicação da regra foi a variante vocalizada [j].

▪ Posição na palavra

Para esta variável, esperávamos que tanto a posição medial quanto a posição final pudessem favorecer a aplicação da regra. No entanto, apesar de os dois fatores apresentarem altos índices percentuais de frequência de uso, apenas o fator ‘medial’ apresentou favorecimento para aplicação da regra (0,83), ao passo que o fator ‘final’ apresentou desfavorecimento (0,39). Portanto, a suposição de que os dois fatores influenciariam a variante [j] foi refutada por um lado e confirmado por outro, conforme na Tabela 27, a seguir:

Tabela 27 - Frequência e probabilidade da variante [j], conforme a *posição na palavra*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Medial	71/72	98,6	0,83
Final	247/269	91,8	0,39
Significância: 0,014			
Input: 0,992			

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Podemos exemplificar a vocalização [j] da nasal palatal /ɲ/ nos seguintes exemplos: para o vocábulo ‘sonho’ temos as duas variantes [ˈsõjju] ~ [ˈsõɲu], para ‘senhor’ temos [sẽjˈjo] ~ [sẽˈɲo], para ‘castanha’ [kɛjˈtãjje] ~ [kaɲˈtãɲa], para ‘acompanhar’ temos [ɛkõpãjˈja] ~ [ɛkõpãˈɲa], para ‘amanhã’ temos [ɐmãjˈjã] ~ [ɐmãˈɲã], para ‘lenha’ temos [ˈlẽjja] ~ [ˈlẽɲa], e para ‘fronha’ [ˈfrõjje] ~ [ˈfrõɲe].

Nos resultados da pesquisa de Torres (2009), a nasal palatal foi predominante no contexto final e medial dos vocábulos, resultados que divergem de nossa pesquisa.

► Apagamento *versus* nasal palatal

Para a rodada binominal com as variantes [Ø] e [ɲ], o programa selecionou os grupos de fatores linguísticos *número de sílabas* e *classe morfológica*. A variante apagamento [Ø] foi a aplicação da regra.

▪ Número de sílabas

Este grupo de fatores têm se mostrado importante para a variação dos fenômenos estudados no português do Brasil. Para esta pesquisa, escolhemos controlar os fatores ‘dissílabo’, ‘trissílabo’ e ‘polissílabo’, acreditando que os fatores ‘dissílabo’ e ‘trissílabo’ pudessem influenciar a variante apagamento [Ø]. Vejamos os resultados na Tabela 28.

Tabela 28 - Frequência e probabilidade da variante [Ø], conforme o *número de sílabas*, na fala dos moradores de Anamá e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Polissílabo	213/219	97,3	0,70
Trissílabo	213/223	95,5	0,36
Dissílabo	26/33	78,8	0,12
Significância: 0,045			
Input: 0,995			

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Com base nos dados, verificamos que as hipóteses levantadas foram refutadas, pois o programa estatístico apresentou o fator ‘polissílabo’ como o favorecedor da aplicação da regra com 0,70 de peso relativo e 97,3 % de frequência de uso, enquanto os fatores ‘trissílabo’ (0,36) e ‘dissílabo’ (0,12) desfavorecem a aplicação da regra.

Neste caso, podemos dizer que os vocábulos em que a vogal [i] antecede a nasal palatal /ɲ/ podem estar influenciando esse processo, haja vista que as realizações com apagamento foram nesse contexto, em virtude do processo de assimilação. Vejamos alguns exemplos: ‘bandeirinha’ [bẽde'ɾiɐ], ‘caboclinho’ [kɐblo'kiu], ‘camisinha’ [kɐmi'ziɐ], ‘mandioquinha’ [mẽdziu'kiɐ], ‘redemoinho’ [hɐmu'iu], ‘sapatinho’ [sɐpɐ'ʃiu]. Vejamos, também, alguns exemplos em que os vocábulos apresentam tanto a variante apagamento quanto a variante nasal palatal: ‘almofadinha’ [ɐwmoʔɐ'dʒiɐ] ~ [ɐwmufɐ'dʒiɲa]; ‘caminhão’ [kɐmĩ'ãw] ~ [kãmĩ'ɲãw]; ‘engatinha’ [ĩgɐ'tʃiɐ] ~ [ĩgɐ'tʃiɲɐ]; ‘canoinha’ [kẽno'ĩɐ] ~ [kẽno'ĩɲɐ].

Os resultados desta pesquisa divergem dos resultados de Pedrosa (2016), em que a pesquisadora afirma que os informantes apresentaram maior tendência para apagar a nasal palatal no fator ‘dissílabo’. Este ambiente, nesta pesquisa, apresentou-se de forma desfavorável, assim como o fator ‘trissílabo’.

É importante ressaltar que os vocábulos dissílabos e trissílabos, mesmo não tendo favorecido a regra sofreram o apagamento, como nos exemplos a seguir: ‘linha’ [ˈλĩɐ], ‘vinho’ [ˈvĩʊ]; ‘carinho’ [kɐˈrĩʊ], ‘boquinha’ [boˈkĩɐ], ‘vizinho’ [viˈzĩʊ], ‘anjinhas’ [ẽˈʒĩʊ].

Assim, o grupo de fatores *número de sílabas* se mostrou relevante para observarmos a realização da variável nasal palatal na fala dos anamaenses e berurienses.

▪ Classe morfológica

Este grupo de fatores tem se apresentado como relevante para verificar a realização da variável nasal palatal, pois para esta pesquisa, levantamos as hipóteses de que os fatores ‘substantivo’ e ‘adjetivo’ pudessem favorecer a variante apagamento [Ø]. O resultado está descrito na Tabela 29.

Tabela 29 - Frequência e probabilidade da variante [Ø], conforme a *classe morfológica*, na fala dos moradores de Anamá e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Substantivo	393/409	96,1	0,53
Adjetivo	29/31	93,5	0,50
Verbo	19/23	82,6	0,09
Significância: 0,045			
Input: 0,995			

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Como podemos observar, os substantivos apresentaram maior favorecimento para a aplicação da regra, com 0,53 de peso relativo e 96,1% de frequência de uso. Apesar dos altos índices percentuais de frequência de uso, os adjetivos apresentaram neutralidade (0,50) e os verbos apresentaram desfavorecimento para a aplicação da regra (0,09). Os dados confirmam as hipóteses levantadas para esta aplicação.

Os resultados desta pesquisa estão em consonância com os resultados da pesquisa de Pedrosa (2016) no que se refere aos nomes (substantivos e adjetivos) que foram o segundo mais relevante para o apagamento da variável nasal palatal, enquanto os verbos favoreceram a manutenção da lateral palatal. Na pesquisa de Soares (2008), o fator nome (substantivo e adjetivo) favoreceu a variante palatal, o que difere da nossa pesquisa. No entanto, o fator

verbo, em nossa pesquisa, apresenta variação para as três variantes [Ø], [j], [ɲ] encontradas para a variável nasal palatal /ɲ/.

4.4.1.2 Variáveis extralinguísticas

► Vocalização *versus* nasal palatal

Para a rodada binominal entre as variantes [j] e [ɲ], como já explicitado, usamos a forma [j] como aplicação da regra. O programa estatístico selecionou os grupos de fatores extralinguísticos *localidade*, *faixa etária* e *sexo*, nessa ordem.

▪ Localidade

O primeiro grupo de fatores extralinguístico selecionado como relevante foi a *localidade*. Os resultados para a variante [j] estão descritos na Tabela 30.

Tabela 30 - Frequência e probabilidade da variante [j], conforme a *localidade*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Beruri	161/162	99,4	0,85
Anamã	157/179	87,7	0,17
Significância: 0,014			
Input: 0,992			

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

A hipótese levantada foi a de que a realização da variante vocalizada seria mais expressiva do que da variante nasal palatal na fala dos moradores das localidades em estudo. Conforme a Tabela 30, a localidade de Beruri apresentou um peso relativo 0,85 que favorece a variante [j], em detrimento da localidade de Anamã, que desfavoreceu a regra, com 0,17, apesar dos altos índices de frequência de uso nas duas localidades.

Ao observar os dados da amostra analisada, verificamos que na cidade de Beruri apenas o vocábulo ‘campainha’ foi pronunciado com a variante nasal palatal [ɲ]. Destacamos que este vocábulo foi realizado de três formas: com a nasal palatal [ɲ] [kẽpɐ'ĩɲɐ], apenas uma realização, com a variante apagamento [kẽpɐ'ie], sendo que a vogal [a] da sílaba antecedente assimila a nasalidade; e, [kẽpɐ'ĩɐ] com a nasalidade tanto na vogal antecedente quanto na vogal subsequente [ĩ]. Na cidade de Anamã, constatamos um número maior de vocábulos realizados com a variante [ɲ], mas a frequência de uso foi baixa, prevalecendo a variante vocalizada [j].

Podemos verificar, na formação dessas localidades, as diversas atividades econômicas, assim como demandas políticas, por conta da riqueza da região, fizeram com que os índios muras que habitavam essas localidades passassem a ter contato com outros povos vindos de diversas partes do Brasil, assim como de outros países, sendo um precedente para influenciar a forma de falar de uma comunidade. Portanto, a origem do falante é relevante para o estudo da variação. Nestas localidades, para o estudo da variável dependente /ɲ/, o traço palatal na fala dos informantes é bem menor do que as demais variantes dessa variável.

▪ Faixa etária

Nesta pesquisa, escolhemos controlar esse grupo de fatores para verificar se a idade do informante influencia a realização variável de /ɲ/. Levantamos a hipótese de que a 1ª faixa etária seria a que mais realizaria a vocalização nas localidades em estudo. Entretanto, este fator foi eliminado das rodadas estatísticas por apresentar *knockout* de 100%. Os resultados considerando apenas duas faixas etárias estão na Tabela 31.

Tabela 31 - Frequência e probabilidade da variante [ɲ], conforme a *faixa etária*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
2ª faixa etária	110/112	98,2	0,79
3ª faixa etária	98/119	82,4	0,22
Significância: 0,014			
Input: 0,992			

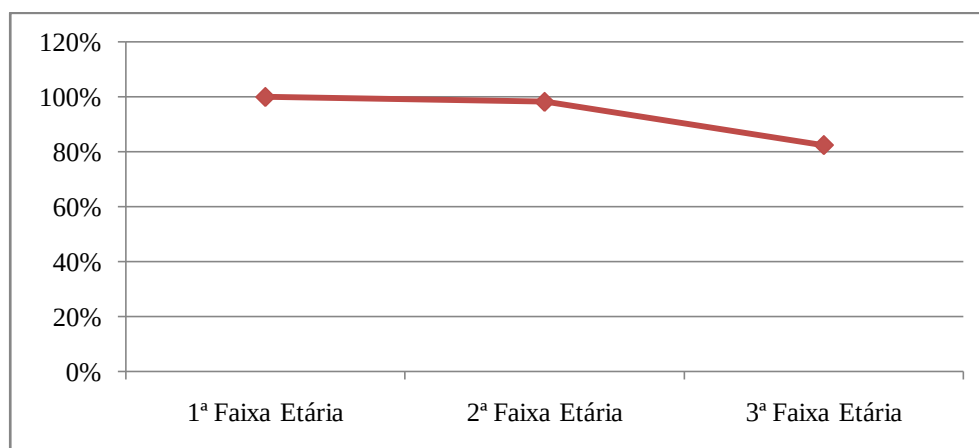
Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Os resultados apontam a 2ª faixa etária como favorecedora para a aplicação da regra com peso relativo 0,79 e 98,2 % de realizações, e a 3ª faixa como desfavorecedora com peso relativo 0,22 ainda que tenha 82,4% de frequência de uso. Portanto, a 2ª faixa é que condiciona a variação. Este resultado difere um pouco dos resultados da pesquisa de Soares (2008), pois a pesquisadora constatou que os mais jovens de 15 a 25 anos usam mais a forma [ɲ] no falar paraense, ao passo que os informantes das outras faixas etárias não. A forma vocalizada aparece como a segunda mais relevante, e, neste caso, o resultado é convergente com o de nossa pesquisa por apresentar os mais jovens com uma tendência maior para a variante [ɲ].

Entre as duas faixas, a 2ª aparece com quase 100% frequência de uso da variante [ɲ], e a 3ª faixa também apresenta alta frequência de uso. O resultado indica que cada vez mais os falantes das localidades investigadas estão deixando de usar a variante nasal palatal. Neste

caso, podemos dizer que a variação não é estável, pois todos os falantes estão usando a variante vocalizada, o que pode indicar uma mudança linguística em andamento, conforme ilustrado no Gráfico 6.

Gráfico 6 - Frequência da variante [j], segundo a *faixa etária*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas



Fonte: Dados da pesquisa

▪ Sexo

Nesta pesquisa, procuramos investigar se as mulheres realizam mais a forma vocalizada do que os homens. No entanto, como podemos observar na Tabela 32, a hipótese inicial foi refutada.

Tabela 32 - Frequência e probabilidade da variante [j], conforme o sexo, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Homem	160/161	99,4	0,85
Mulher	158/180	87,8	0,17
Significância: 0,014			
Input: 0,992			

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Os resultados evidenciam que os homens usam mais a forma vocalizada do que as mulheres com um peso relativo bem expressivo (0,85) e altíssima frequência de uso na amostra analisada (99,4%). As mulheres apresentaram desfavorecimento para o uso da variante [j], com 0,17 de peso relativo, apesar da elevada frequência de uso (87,8%).

De acordo com estudos sociolinguísticos (LABOV, 2008 [1972]), as mulheres ocidentais tendem a usar formas de maior prestígio linguisticamente. No caso das variantes de /ɲ/, os homens estão mais propensos a liderar uma mudança linguística do que as mulheres.

Esta pesquisa corrobora a pesquisa de Soares (2008) no que tange à utilização da variante vocalizada pelos homens, mas difere da realização por parte das mulheres que privilegiaram a manutenção da variante nasal palatal [ɲ]. A pesquisadora diz que aparece haver uma polarização em que as mulheres inibem a variante vocalizada, e mantém a forma palatal. Na nossa pesquisa, as mulheres são as que mais mantêm a variante [ɲ], mas com pouca expressividade.

Nesta pesquisa, a variante nasal palatal [ɲ] foi realizada por duas informantes mulheres, que podem ser mais suscetíveis a formas linguísticas de maior prestígio socialmente. As realizações foram encontradas na 2ª e na 3ª faixa. Outra explicação também plausível pode ser pela história de contato com outros povos o que pode ter influenciado a variação na fala, sendo as mulheres mais receptíveis a formas “padrão”.

► Apagamento *versus* nasal palatal

Para a rodada entre as variantes [Ø] e [ɲ], o programa selecionou, por ordem de significância, os grupos de fatores extralinguísticos *sexo*, *faixa etária* e *localidade*. A variante apagamento [Ø] foi a aplicação da regra.

▪ Sexo

Para este grupo de fatores, levantamos a hipótese de que as mulheres usariam a forma apagada mais do que os homens. De acordo com Labov (2008 [1972]), o sexo do falante exerce um papel importante no processo evolutivo da variação linguística. Na Tabela 33, apresentamos os resultados obtidos pelo programa estatístico.

Tabela 33 - Frequência e probabilidade da variante [Ø], conforme o sexo, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Homem	232/233	99,6	0,83
Mulher	220/242	90,9	0,16
Significância: 0,045			
Input: 0,995			

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Os resultados apontam alta frequência de uso da forma apagada tanto por homens (99,6%) quanto por mulheres (90,9%). No entanto, em termos de favorecimento, os homens

apresentaram grande favorecimento para a variante apagamento [Ø] com peso relativo de 0,83, enquanto as mulheres apresentaram desfavorecimento (0,16).

Observando as Tabelas 32 e 33, podemos constatar que tanto para a vocalização quanto o apagamento, os homens favorecem o uso das duas variantes. Desta forma, observamos que as mulheres favorecem o uso da variante palatal [ɲ].

É importante salientar que a variante vocalização [j] e a variante apagamento [Ø] estão em concorrência, mas isso não significa dizer que elas estão em processo de mudança, pois os informantes estão usando as duas variantes de forma alternada, tanto os homens quanto as mulheres, como podemos observar nos percentuais. O que parece estar em processo de mudança rumo ao desaparecimento é a variante palatal [ɲ].

Os resultados da nossa pesquisa corroboram, em parte, a pesquisa de Pedrosa (2016), em que as mulheres mantiveram mais a variante nasal palatal [ɲ] (0,46), enquanto os homens foram favorecedores do apagamento [Ø] (0,55). Mas o que observamos é que nos dados da pesquisadora, o peso relativo é bem próximo do ponto neutro, enquanto em nossa pesquisa, o resultado é bem distante do ponto neutro, sendo 0,83 para a variante [Ø].

▪ Faixa etária

A *faixa etária* aparece como a segunda mais significativa nesta rodada. Para este grupo de fatores, levantamos a hipótese de que a 1ª faixa etária usaria mais o fenômeno apagamento, em virtude de estudos mostrarem que os jovens são mais propensos a formas inovadoras. Para a variante nasal palatal [ɲ], a 1ª faixa etária não apresentou ocorrências, e este fator foi excluído da rodada para que prosseguíssemos com a análise. Na Tabela 34, podemos observar a aplicação da regra.

Tabela 34 - Frequência e probabilidade da variante [Ø], conforme a *faixa etária*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
2ª faixa etária	157/159	98,7	0,79
3ª faixa etária	147/168	87,5	0,22
Significância: 0,045			
Input: 0,995			

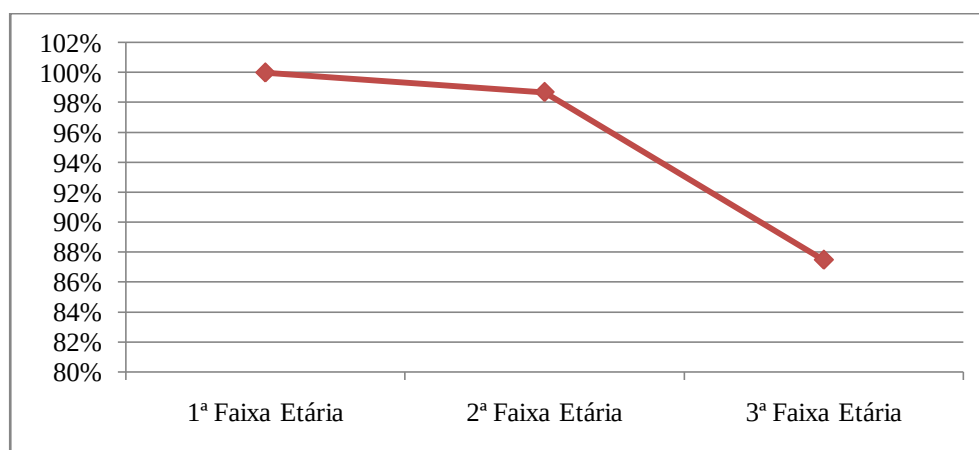
Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Os resultados indicam a 2ª faixa etária como a favorecedora da variante [Ø] com peso relativo 0,79, e a 3ª faixa etária como desfavorecedora com peso relativo 0,22. Os índices de

frequência de uso foram bem elevados nas duas faixas. Podemos dizer que na fala anamaense e beruriense, os mais jovens apresentam maior tendência para utilizar a variante apagamento.

Destacamos que a 2ª faixa etária influencia tanto a vocalização quanto o apagamento. Podemos dizer que as duas formas são concorrentes, mas não podemos dizer que elas estão em processo de mudança, mas que variam e convivem na fala dessas localidades, que ora usam a variante vocalizada [j], ora usam a variante apagamento [Ø], em função do contexto anterior e do processo de assimilação. Mas quando verificamos a variante nasal palatal [ɲ], percebemos que ela pode estar em processo de mudança linguística rumo ao seu desaparecimento, visto que os resultados também apontam alto índice de frequência de uso da variante apagamento, conforme ilustrado no Gráfico 7.

Gráfico 7 - Frequência da variante [Ø], segundo a *faixa etária*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas



Fonte: Dados da pesquisa

Salientamos que os informantes da 3ª faixa são pessoas que já viveram mais, que devem ter tido contato com pessoas de outras culturas por meio da convivência familiar, de amigos, no trabalho, na igreja, pela TV etc. Essas formas de contato podem influenciar na fala de um indivíduo. Não podemos também descartar a hipótese do povo que colonizou estas localidades. Daí, as formas variadas de realizações da nasal palatal estarem presentes na fala do português dos moradores de Anamã e Beruri.

Os resultados desta pesquisa foram, de certa forma, divergentes dos resultados de Pedrosa (2016), pois a 1ª faixa etária foi a segunda favorecedora da regra, enquanto na nossa pesquisa, ela não apresentou variação. Em relação à 2ª faixa etária, ela foi favorecedora da aplicação da regra nos dois estudos.

▪ Localidade

Em relação ao grupo de fatores *localidade*, acreditávamos que os dois municípios também prevalecesse a variante apagamento [Ø] mais do que da variante nasal palatal [ɲ]. Na Tabela 35, descrevemos a distribuição das ocorrências de acordo com a aplicação da regra, a variante [Ø].

Tabela 35 - Frequência e probabilidade da variante [Ø], conforme a *localidade*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%	P.R
Beruri	228/229	99,6	0,84
Anamã	224/246	91,1	0,17
Significância: 0,045			
Input: 0,995			

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

As duas localidades apresentaram elevado número de ocorrências e percentuais de uso de [Ø]. No entanto, a cidade de Beruri foi selecionada como condicionadora da variante apagamento [Ø] (0,84), enquanto a cidade de Anamã desfavoreceu a regra (0,17). Quando olhamos para a Tabela 30, em que a aplicação da regra foi a variante vocalizada, constatamos que a cidade de Beruri também foi considerada favorecedora.

Na pesquisa de Cruz (2004), a variante mais produtiva também foi o apagamento, com 121 realizações, seguida da variante nasalizada vocalizada [~j], com 82 realizações, e da variante nasal palatal [ɲ] com 61 ocorrências. Foi ainda registrada a variante palatalizada [ɲ̃] com apenas 3. Em relação à localidade de Manacapuru, foram 19 realizações da variante [Ø], 9 de [~j], 2 de [ɲ] e 1 de [ɲ̃]. Isso quer dizer que nossos resultados foram semelhantes ao de Cruz (2004), uma vez que a variante apagamento foi a mais produtiva. Ressaltamos que a variante nasal palatalizada [ɲ̃] não foi registrada em nossa pesquisa e das 3 realizações da pesquisa de Cruz (2004), 1 foi na localidade de Manacapuru.

► Cruzamento dos grupos de fatores extralinguísticos

Para as variantes de /ɲ/, fizemos o cruzamento dos grupos de fatores extralinguísticos que o programa estatístico considerou relevante para a aplicação da regra de vocalização [j] e de apagamento [Ø], a saber: faixa etária *versus* sexo, faixa etária *versus* localidade, sexo *versus* localidade. Vejamos os resultados para cada um deles.

▪ Faixa etária *versus* sexo

Para o primeiro cruzamento, verificamos a distribuição do percentual de uso para cada variante no Quadro 10.

Quadro 10 - Cruzamento dos grupos de fatores *faixa etária* e *sexo* em relação à fala dos moradores de Anamã e Beruri

Variantes	[j]				[Ø]				[ɲ]			
Faixa etária	2ª faixa (36 a 55)		3ª faixa (56+)		2ª faixa (36 a 55)		3ª faixa (56+)		2ª faixa (36 a 55)		3ª faixa (56+)	
Sexo	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
Realizações	56	54	51	47	81	76	80	67	1	1	0	21
Percentual %	41	41	39	53	59	58	61	50	1	1	0	16

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Para a variante vocalização [j], tanto homens quanto mulheres, na 2ª faixa etária, aparecem com o mesmo percentual de 41% de frequência de uso. Na 3ª faixa etária, as mulheres se sobressaem aos homens, elas com 53%, enquanto eles aparecem com 39%. Em termos de uso, as mulheres realizaram mais a variante vocalizada [j].

Para a variante apagamento [Ø], os homens apresentaram 59% de frequência de uso na 2ª faixa e as mulheres 58%. Na 3ª faixa etária, os homens apresentaram 61% de realizações e as mulheres 50%. Para esta variante, observamos que os homens se sobressaem as mulheres, mesmo que na 2ª faixa etária a diferença percentual seja pequena, os homens usaram mais a forma variante apagada [Ø] na amostra analisada.

Para a variante nasal palatal [ɲ], o número foi pouco expressivo, pois tanto os homens quanto as mulheres apresentaram 1% de realização na 2ª faixa etária. Já na 3ª faixa etária, as mulheres apresentam 16% de frequência de uso e os homens 0%. As mulheres são as que ainda mantêm a nasal palatal, e praticamente apenas na 3ª faixa etária.

Concluimos que entre o grupo de fatores *sexo* e *faixa etária* para as variantes [j] e [Ø], os informantes da 2ª faixa etária, tanto os homens quanto as mulheres, estão utilizando as duas variantes de forma igualitária, com diferença de 1% para os homens, em detrimento das mulheres no que concerne à variante apagamento, enquanto na 3ª faixa etária, as mulheres aparentam um percentual de uso maior para a variante vocalizada, e os homens apresentam um percentual maior para o uso da variante apagamento. Quanto à variante nasal palatal, mesmo com um percentual muito baixo, são as mulheres que mais produzem a forma palatal.

▪ Faixa etária *versus* localidade

Para o cruzamento dos dados das variáveis *faixa etária* e *localidade*, o programa estatístico encontrou os resultados que aparecem descritos no Quadro 11, em que A corresponde à localidade de Anamã e B corresponde à localidade de Beruri.

Quadro 11 - Cruzamento dos grupos de fatores *faixa etária* e *localidade* em relação à fala dos moradores de Anamã e Beruri

Variantes	[j]				[Ø]				[ɲ]			
Faixa etária	2ª faixa (36 a 55)		3ª faixa (56+)		2ª faixa (36 a 55)		3ª faixa (56+)		2ª faixa (36 a 55)		3ª faixa (56+)	
Localidade	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B
Realizações	55	55	47	51	77	80	69	78	1	2	21	0
Percentual %	41	40	34	40	58	59	50	60	1	1	15	0

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Para a variante vocalização [j], na 2ª faixa etária, a localidade de Anamã aparece com 41% de frequência de uso e a Beruri com 40%, ou seja, o número de ocorrências de dados com a variante [j] e o percentual de uso foram quase idênticos nas duas localidades, enquanto na 3ª faixa etária, a comunidade beruriense se sobressaiu (40%) à comunidade anamaense (34%).

Para a variante apagamento [Ø], a 2ª faixa etária de Anamã apresentou 58% de uso e a de Beruri 59%, ou seja, os resultados entre as duas localidades também foram próximos. Já na 3ª faixa etária, a localidade de Beruri apresentou um percentual de uso maior (60%) do que a localidade de Anamã (50%).

Ao verificarmos os percentuais das duas variantes para a 2ª faixa etária das duas localidades, observamos que a diferença percentual é de apenas 1%. Para a variante vocalizada [j], esse percentual é maior em Anamã, já para a variante apagamento [Ø], esse percentual de diferença é maior em Beruri, isto é, essas variantes estão concorrendo igualmente para a realização de /ɲ/. Já na 3ª faixa etária, a diferença de uso dessas variantes foi relativamente maior.

Para a variante nasal palatal [ɲ], as duas localidades apresentaram apenas 1% de frequência na 2ª faixa, ao passo que na 3ª faixa etária, os anamaenses apresentaram 15% de frequência de uso contra 0% dos berurienses. Isso significa dizer que a localidade que mais

mantém a variante nasal palatal é a Anamã, embora de forma reduzida em relação às demais variantes.

▪ *Sexo versus localidade*

No cruzamento dos grupos de fatores extralinguísticos *sexo* e *localidade*, os resultados obtidos estão no Quadro 12.

Quadro 12 - Cruzamento dos grupos de fatores *sexo* e *localidade* em relação à fala dos moradores de Anamã e Beruri

Variantes	[j]				[Ø]				[ɲ]			
Localidade	Anamã		Beruri		Anamã		Beruri		Anamã		Beruri	
Sexo	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
Realizações	84	73	76	85	117	107	115	113	0	22	1	0
Percentual %	42	36	40	43	58	53	60	57	0	11	1	0

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Para a variante vocalizada [j], os falantes homens de Anamã apresentam 42% de frequência de uso, ao passo que os homens de Beruri apresentam 40%. Já as mulheres de Anamã apresentaram 36% de frequência de uso, e as mulheres de Beruri apresentaram 43% de uso. Em Anamã, como se observa, os homens usam mais a variante vocalizada, ao passo que em Beruri, são as mulheres.

Para a variante apagamento [Ø], os homens de Anamã apresentaram 58% de frequência de uso, enquanto em Beruri apresentaram 60%. Já as mulheres de Anamã utilizaram a variante apagada em 53% das ocorrências, enquanto as mulheres de Beruri a utilizaram em 57%. Observamos, nestes resultados, que a localidade de Beruri apresenta maior frequência de uso, tanto para os homens quanto para as mulheres, sendo que os homens apresentaram maior frequência de uso nas duas comunidades.

Para a variante nasal palatal [ɲ], os homens de Anamã não realizaram essa variante, e na localidade de Beruri houve apenas 1 ocorrência. Já as mulheres de Anamã utilizaram essa variante em 11% dos dados, enquanto em Beruri não houve registro dessa variante na fala das mulheres da amostra analisada. Os dados sugerem que as mulheres são as que ainda utilizaram esta variante, mais especificamente, na amostra de fala de Anamã.

4.4.2 Variáveis independentes não relevantes

Nesta seção, apresentamos, de forma geral, os resultados percentuais dos grupos de fatores que não foram selecionados pelo programa estatístico como relevantes para cada aplicação da regra de acordo com as rodadas estatísticas realizadas.

► Vocalização *versus* nasal palatal

Para a rodada entre as variantes [j] e [ɲ], o programa eliminou quatro grupos de fatores linguísticos por não se mostrarem relevantes para a aplicação da regra [j]. São eles: *contexto seguinte*, *tonicidade*, *classe morfológica* e *número de sílabas*, nesta sequência.

▪ Contexto seguinte

Os resultados percentuais mostram que o fator ‘vogal alta [u]’ apresentou maior frequência de uso da variante [j] com 93,2%, seguido da ‘vogal baixa [a]’, com 92,2% e da ‘vogal média-alta [o]’ com 90,0% de frequência, como apresentado na Tabela 36.

Tabela 36 - Frequência da variante [j], conforme o *contexto seguinte*, na fala dos moradores de Anamá e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%
Vogal alta [u]	55/59	93,2
Vogal baixa [a]	201/218	92,2
Vogal média-alta [o]	9/10	90,0
Total	265/287	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Nossas hipóteses eram que a vogal média baixa [a] e as vogais média-baixa [ɛ] e [ɔ] pudessem influenciar a realização [j]. No entanto, ressaltamos que mesmo que os fatores [ɛ] e [ɔ] tenham sido eliminados por apresentar *knockout* nas rodadas iniciais, eles apresentaram um percentual de uso elevando para [j], sendo que a vogal média-baixa [ɛ] apresentou 91,7%, a vogal média-alta [e] 66,7% e a vogal média-baixa [ɔ] 58,1%. Observando os resultados entre os fatores que foram eliminados pelo programa estatístico e os fatores que foram eliminados por apresentar *knockout*, os primeiros ainda foram maiores em termo de uso.

▪ Tonicidade

O segundo grupo eliminado foi a *tonicidade*. Nele, a frequência de uso foi elevada para os dois fatores controlados, em que as sílabas tônicas apresentaram 96,3% e as átonas apresentaram 90,4%. Os resultados, em termos de frequência de uso, estão na Tabela 37.

Tabela 37 - Frequência da variante [j], conforme a *tonicidade*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%
Tônica	157/163	96,3
Átona	161/178	90,4
Total	318/341	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

O alto índice de utilização nos dois fatores mostra que a tonicidade não é relevante para o uso da variante vocalizada, e por isso, foi eliminado pelo programa estatístico.

- Classe morfológica

A *classe morfológica* também foi eliminada por não ter relevância para a aplicação da regra [j]. Como descrito na Tabela 38, verificamos que os resultados foram elevados para os três fatores controlados, em que os adjetivos apresentaram maior frequência de uso (96,7%), seguido dos verbos (94,4%) e dos substantivos (91,9%).

Tabela 38 - Frequência da variante [j], conforme a *classe morfológica*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%
Adjetivo	58/60	96,7
Verbo	68/72	94,4
Substantivo	181/197	91,9
Total	307/329	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

A hipótese levantada era que o fator ‘adjetivo’ e o ‘substantivo’ pudessem favorecer a variante vocalizada [j] e o ‘verbo’ a permanência da nasal palatal [ɲ]. Em termos de uso, observamos que a realização da variante vocalizada [j] prevaleceu nos três fatores controlados, ou seja, resultados divergentes do que esperávamos.

- Número de sílabas

O *número de sílabas* foi o último grupo eliminado. Os fatores controlados foram: ‘dissílabo’, ‘trissílabo’ e ‘polissílabo’. Verificamos na Tabela 39 que os percentuais de frequência de uso decrescem, apesar de os resultados serem idênticos nos vocábulos de menor extensão – 94,0% para dissílabos e trissílabos –, o que significa dizer que apenas nos vocábulos de maior extensão os usos foram menores.

Tabela 39 - Frequência da variante [j], conforme o *número de sílabas*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%
Dissílabo	109/116	94,0
Trissílabo	158/168	94,0
Polissílabo	51/57	89,5
Total	318/341	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Quanto à hipótese levantada para este grupo, acreditávamos que os vocábulos polissílabos pudessem influenciar mais a realização da variante [j], contudo os resultados não se aplicam, refutando nossa hipótese, até porque este grupo não se mostrou relevante.

► *Apagamento versus nasal palatal*

Para a análise entre as variantes [Ø] e [ɲ], o programa eliminou, por não serem relevantes para a aplicação da regra [Ø], três grupos de fatores linguísticos: *posição na palavra, tonicidade e contexto seguinte*.

▪ *Posição na palavra*

Este foi o primeiro grupo de fatores eliminado. Acreditávamos que tanto no contexto medial quanto no contexto final de palavra prevalecesse a realização da variante apagada [Ø], o que de certa forma aconteceu em termos de uso. Entretanto, para a aplicação da regra, esta hipótese não foi validada, uma vez que o programa considerou este grupo como ‘não relevante’.

Tabela 40 - Frequência da variante [Ø], conforme a *posição na palavra*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%
Medial	36/37	97,3
Final	416/438	95,0
Total	452/475	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Como apresentado na Tabela 40, as duas posições apresentaram alta frequência de uso, sendo que a posição medial apresentou 97,3% de frequência de uso e a final 95,0%.

- Tonicidade

Neste grupo, as átonas apareceram como o contexto que mais realizou a variante [Ø], com o percentual de 95,9%, seguido das tônicas com 89,7%, conforme Tabela 41.

Tabela 41 - Frequência da variante [Ø], conforme a *tonicidade*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%
Átonas	400/417	95,9
Tônicas	52/58	89,7
Total	452/475	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

A hipótese para este grupo de fatores era que as tônicas pudessem influenciar mais a realização apagada, no entanto, isso não ocorreu, nem em termos de frequência de uso, já que as tônicas apresentaram índices menores.

- Contexto seguinte

O último grupo de fatores eliminado foi o *contexto seguinte*. Em termos de frequência de uso, o fator ‘vogal alta [u]’, ‘vogal baixa [a]’ e ‘vogal média-alta [o]’ apresentaram índices elevados, 97,5%, 94,0% e 80,0%, respectivamente, conforme apresentado na Tabela 42.

Tabela 42 - Frequência da variante [Ø], conforme o *contexto seguinte*, na fala dos moradores de Anamã e Beruri, no Amazonas

Fatores	Aplicação/Total	%
Vogal alta [u]	156/160	97,5
Vogal baixa [a]	267/284	94,0
Vogal média-alta [o]	4/5	80,0
Total	427/449	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Acreditávamos que as vogais [e], [o] e [u] pudessem favorecer a realização da variante apagada. Em termos de uso, a vogal [o] foi o terceiro ambiente que mais ocorreu o apagamento e a vogal [u] foi o primeiro ambiente. Já a vogal média-alta [e] – que não aparece no quadro por ter sido eliminada das rodadas para obtenção do peso relativo por não apresentar variação para a nasal palatal – apresentou 33,3% de ocorrências da variante apagamento. Comparando este resultado com os outros fatores para a frequência de uso, a vogal [e] foi o contexto em que menos ocorreu a realização da variante [Ø].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou descrever as variantes das variáveis dependentes alveolares /l/ e /n/ diante de [i, j] e das palatais /ʎ/ e /ɲ/ entre vogais, na fala das comunidades anamaense e beruriense (AM). Nesta pesquisa, a variável dependente /l/ diante de [i, j] se realizou foneticamente como [ʎ] e [l]; a variável dependente /n/ diante de [i, j] se realizou como o segmento vocálico nasalizado [ɲ] e como nasal palatal [ɲ]; a variável dependente /ʎ/ se realizou como lateral palatalizada [lʎ] e lateral palatal [ʎ]; e a variável dependente /ɲ/ se realizou como nasal palatal [ɲ], segmento vocálico nasalizado [ɲ] e, ainda, sofreu o processo de apagamento [Ø].

Após a transcrição fonética e a codificação, os dados foram submetidos ao programa estatístico *GoldVarb X*. O resultado geral para a variável dependente /l/ diante de [i, j] apresentou a variante lateral palatal [ʎ] com 93,0% de frequência de uso, sobrepondo-se à variante lateral alveolar [l] com 7,0% de frequência de uso. Para a variável dependente /n/ diante de [i, j], o resultado geral apresentou a variante nasal palatal [ɲ] com 81,9 % de frequência de uso, enquanto a variante vocalizada [j] apresentou 18,1% de frequência de uso. Para a variável dependente lateral palatal /ʎ/, os dados gerais apontaram para o uso da variante lateral palatal [ʎ] com 46,0% de frequência de uso, contra a variante palatalizada [lʎ] com 54,0% de frequência de uso, o que indica que as duas variantes estão concorrendo, pois a diferença percentual entre elas foi pequena. Para a variável dependente nasal palatal /ɲ/, o resultado geral mostrou a variante apagamento [Ø] com 57,0% de frequência de uso, seguido da variante vocalizada [j] com 40,1% e da variante nasal palatal [ɲ] com 2,9 %.

Buscamos identificar os condicionadores linguísticos e extralinguísticos que influenciam a realização das variantes mais produtivas de cada variável dependente investigada.

Para a variável dependente /l/ diante de [i, j], controlamos: *faixa etária, localidade, contexto antecedente, tonicidade, número de sílabas, posição na palavra e grau da palavra*. Dessas, foram selecionadas como relevantes para a variante palatal [ʎ] por ordem de significância: *tonicidade, faixa etária e contexto antecedente*. Dos grupos de fatores linguísticos, a *tonicidade* apresentou o fator ‘postônico’ como favorecedor da variante [ʎ], com peso relativo de 0,95, seguido do fator ‘pretônico’ com 0,51; já o fator ‘tônica’, apesar de obter 90,7% de frequência de uso, apresentou desfavorecimento, com 0,28 de peso relativo. Para o *contexto antecedente*, a ‘vogal baixa [a]’ foi o primeiro ambiente favorecedor para a

aplicação da regra (0,72), seguido da ‘vogal [o]’(0,71), ‘vogal alta [u]’(0,57) e da ‘vogal média-alta [e]’(0,57); os demais fatores ficaram próximos do ponto neutro ou apresentaram desfavorecimento, sendo que a ‘vogal alta [i]’ obteve o peso relativo de 0,49, a ‘vogal média-baixa [ɛ]’ 0,39 e a ‘vogal média-baixa [ɔ]’ 0,07. O grupo de fatores extralinguístico *faixa etária* apresentou a 2ª faixa etária como favorecedora para o uso da variante [ʎ] (0,56) enquanto a 3ª faixa etária foi desfavorecedora (0,43).

Para a variável dependente /n/ diante de [i, j], foram controlados os grupos de fatores: *faixa etária, sexo, localidade, contexto antecedente, contexto seguinte, tonicidade, número de sílabas, posição na palavra e grau da palavra*. Nesta pesquisa, os grupos de fatores que favoreceram a variante [ɲ] foram todos linguísticos: *contexto seguinte, contexto antecedente, tonicidade e grau da palavra*. O *contexto seguinte* apresentou a ‘vogal alta [i]’ como favorecedora da variante nasal palatal [ɲ] (0,73) e a ‘semivogal [j]’ como desfavorecedora (0,02). No *contexto antecedente*, a ‘vogal baixa [a]’ favoreceu a variante [ɲ] (0,71), seguida da ‘vogal alta [i]’ (0,50), enquanto as vogais média-alta [e, o] (0,29) e a vogal alta [u] (0,04) desfavorecem a aplicação da regra. Quanto à *tonicidade*, as sílabas tônicas favoreceram a variante nasal palatal (0,80), enquanto as sílabas átonas a desfavoreceram (0,07). No grupo de fatores *grau da palavra*, o fator ‘normal’ foi o ambiente favorecedor da variante nasal palatal (0,97), enquanto o fator ‘diminutivo’ apresentou desfavorecimento (0,34). Desta forma, a variante que caracteriza as comunidades investigadas em relação ao fonema /n/ diante de [i, j] é a nasal palatal [ɲ].

Para a variável dependente /ʎ/, foram controladas as variáveis independentes: *faixa etária, sexo, localidade, contexto antecedente, contexto seguinte, tonicidade, número de sílabas, posição na palavra e classe morfológica*. Foram selecionados, nesta pesquisa, seis grupos de fatores, sendo cinco linguísticos e um extralinguístico para a aplicação da regra, a variante palatalizada [ʎʲ], sendo eles: *contexto antecedente, tonicidade, contexto seguinte, número de sílabas, posição na palavra e localidade*, nessa ordem. No *contexto antecedente*, a ‘vogal baixa [a]’ favoreceu a variante palatalizada [ʎʲ] (0,83), enquanto os demais contextos desfavoreceram [ʎʲ]: ‘vogal alta [u]’ (0,42), ‘vogal alta [i]’ (0,40), ‘vogal média-alta e média baixa [e, ɛ]’ (0,31) e ‘vogal média-alta e vogal média-baixa [o, ɔ]’ (0,04). Quanto à *tonicidade*, as sílabas átonas favoreceram a variante palatalizada [ʎʲ] (0,68), enquanto as sílabas tônicas desfavoreceram a aplicação da regra (0,18). No *contexto seguinte*, o fator ‘vogal alta [u]’(0,56) foi o primeiro que favoreceu a regra, seguido do fator ‘vogal baixa [a]’(0,54), enquanto o fator ‘vogal média-alta e média baixa [e, ɛ]’ (0,14) e ‘vogal média-alta e vogal média-baixa [o, ɔ]’ (0,10) foram desfavorecedores. Quanto ao *número de sílabas*, os

vocábulos tri/polissílabos apresentaram favorecimento para a aplicação da regra (0,58), enquanto os dissílabos desfavoreceram a regra (0,30). Para o grupo de fatores *posição na palavra*, a posição final do vocábulo, nesta pesquisa, apresentou favorecimento para variante palatalizada (0,55), enquanto a posição medial apresentou desfavorecimento (0,34). A *localidade* também se mostrou relevante para esta pesquisa em que cidade de Anamã foi mais favorável para o uso da variante [ɲ] (0,55), enquanto a cidade de Beruri apresentou desfavorecimento (0,44), apesar de em termos de frequência de uso, os resultados terem sido semelhantes nas duas localidades investigadas.

Para a variável dependente /ɲ/, após ajustes com exclusão de grupo de fatores, foram controladas as variáveis independentes: *faixa etária*, *sexo*, *localidade*, *contexto seguinte*, *tonicidade*, *número de sílabas*, *posição na palavra* e *classe morfológica*. Como essa variável apresentou três variantes, a variante vocalizada [ɲ], a variante apagamento [Ø] e a variante nasal palatal [ɲ̃], fizemos duas rodadas binominais: vocalização *versus* nasal palatal e apagamento *versus* nasal palatal.

Na rodada binominal ‘vocalização *versus* nasal palatal’, a aplicação da regra foi a variante [ɲ] e o programa selecionou, nesta ordem os grupos de fatores: *localidade*, *faixa etária*, *sexo* e *posição na palavra*. Para o único condicionador linguístico relevante, a *posição na palavra*, o fator ‘medial’ favoreceu a variante vocalizada [ɲ] (0,83), ao passo que o fator ‘final’ a desfavoreceu (0,39). Quanto à *localidade*, a cidade de Beruri favoreceu a variante [ɲ] (0,85), enquanto Anamã a desfavoreceu (0,17). Quanto à *faixa etária*, a 2ª faixa favoreceu a variante vocalizada (0,79) e a 3ª faixa a favoreceu (0,22). Quanto ao *sexo*, os homens favoreceram a aplicação da regra (0,85) ao passo que as mulheres a desfavoreceram (0,17). Nestes resultados, apenas um condicionador linguístico se mostrou relevante para a variação, ao passo que todos os condicionadores extralinguísticos se mostraram significativos para a variação de /ɲ/.

Na rodada binominal ‘apagamento *versus* nasal palatal’, a aplicação da regra foi a variante [Ø] e o programa selecionou, por ordem de significância, os grupos de fatores: *sexo*, *faixa etária*, *localidade*, *número de sílabas* e *classe morfológica*. Dos grupos de fatores linguísticos, o *número de sílabas* apresentou o fator ‘polissílabo’ como favorecedor da variante apagamento (0,70), enquanto os fatores ‘trissílabo’ (0,36) e ‘dissílabo’ (0,12) apresentaram desfavorecimento para a aplicação da regra. Na *classe morfológica*, o fator ‘substantivo’ foi o primeiro que favoreceu a variante apagamento (0,53), seguido do ‘adjetivo’ (0,50), enquanto o fator ‘verbo’ desfavoreceu a regra (0,09). Quanto aos grupos de

fatores extralinguísticos, o *sexo* apresentou os homens como favorecedores da variante apagamento (0,83), enquanto as mulheres apresentaram desfavorecimento (0,16). Quanto à *faixa etária*, a 2ª faixa favoreceu a variante [Ø] (0,79), enquanto a 3ª faixa a desfavoreceu (0,22). Quanto à *localidade*, a cidade de Beruri favoreceu a variante apagamento [Ø] (0,84), enquanto a cidade de Anamã desfavoreceu a regra (0,17).

Nesse sentido, acreditamos que cumprimos todos os objetivos propostos para esta pesquisa. Investigamos e registramos as variantes das alveolares /l/ e /n/ diante de [i, j] e das palatais /ʎ/ e /ɲ/ entre vogais, identificamos os condicionadores linguísticos e extralinguísticos que influenciam a realização das variantes dessas variáveis dependentes e comparamos nossos resultados com pesquisas feitas em outras localidades do Brasil, e especificamente com pesquisas realizadas no Amazonas.

Quanto às hipóteses gerais levantadas, acreditávamos que no contexto de [i], os fonemas /l/ e /n/ podiam ser palatalizados, pois de certa forma isso aconteceu, quando constatamos a variante lateral palatal [ʎ] com frequência de uso maior do que a variante lateral alveolar [l], da variável dependente /l/, e também, quando a variável dependente /n/ foi realizada com a forma palatal [ɲ]. Acreditávamos ainda que os grupos de fatores linguísticos seriam mais importantes no que concerne ao fonema /l/. No entanto, tivemos um grupo de fatores extralinguísticos como o segundo mais importante. Para o fonema /n/ diante de [i, j], todos os grupos de fatores relevantes foram de ordem estrutural.

Para as variáveis dependentes /ʎ/ e /ɲ/ entre vogais, também acreditávamos que os grupos de fatores linguísticos seriam mais significativos do que os extralinguísticos por se tratar de uma variável dependente no nível fonético-fonológico. Para a variável dependente /ʎ/, foram selecionados cinco grupos de fatores linguísticos e apenas um extralinguístico para a variante palatalizada [ʎ^j]. Já para a variável dependente /ɲ/, os grupos de fatores extralinguísticos se mostraram mais relevantes para tanto para a variante [j] quanto para [Ø], uma vez que todos foram selecionados.

Enfim, acreditamos que nossa pesquisa contribuirá com o estudo da variação de /l/ e /n/ diante de [i, j] e de /ʎ/ e /ɲ/ entre vogais, no português falado no Amazonas, especificamente nas localidades de Anamã e Beruri.

REFERÊNCIAS

- ANAMÃ. In: **WIKIPÉDIA**: A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Anamã>. Acesso em: 30 ago. 2020.
- BELINE, Ronaldo. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à sociolinguística**: I Objetos teóricos. 6. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.
- BELTRÃO, Otto Gilberto de Arruda. **Realidades da Amazônia brasileira**. 4. ed. Atual. Manaus: S.n, 2010.
- BERURI. In: **WIKIPÉDIA**: A enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Beruri>. Acesso em: 30 ago. 2020.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A geolinguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 2005.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **Um estudo variacionista sobre a lateral palatal**. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Letras de hoje. Porto Alegre, V. 42, N.3, p.89-99, setembro de 2007.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Elementos de Fonética do Português Brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007.
- CAGLIARI, Gladis Massini; CAGLIARI, Luiz Carlos. Fonética. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. **Introdução à Linguística 1**: domínios e fronteiras. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002 [1993].
- CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1997.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A Geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? **Revista do GELNE**, v. 4, n.2, p.1-16, mar. 2016.
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. **Sociolinguística**. 2. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.
- COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- CORREIA, Hydelvídia Cavalcante de Oliveira. **O Falar do caboco amazonense**: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves. 1980. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PUC, 1980.
- CRUZ, Maria Luiza de Carvalho. **Atlas Linguístico do Amazonas**. 2004. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de Linguística**. 1. ed. 10ª reimpressão. São Paulo: Cultrix, 2006.

EVANGELISTA, Camila dos Santos. **A palatalização das alveolares e velares no contexto de /i/ na fala manauara**. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes). Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2018.

FREIRE, Josenildo Barbosa. **Variação da Lateral Palatal na comunidade de Jacaraú (Paraíba)**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

GAMBA, Pedro Augusto. **As soantes palatais no português: uma caracterização fonético-fonológica**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

GOMES, Christina Abreu; SOUZA, Claudia Nívia Roncarante de. Variáveis Fonológicas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017a. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/Anamã/panorama>. Acesso em: 04 ago. 2020.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017b. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/Beruri/panorama>. Acesso em: 04 ago. 2020.

IPA. **International Phonetic Alphabet**. c2015. Disponível em: <https://www.internationalphoneticalphabet.org/wp-content/uploads/2016/08/IPA-Chart-Kiel-Font-2015.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2021.

ISQUERDO, Aparecida Negri; ROMANO, Valter Pereira. Discutindo a dimensão sociolinguística do Projeto ALIB: uma reflexão a partir do perfil dos informantes. **Alfa**. São Paulo, V.56, Nº 3, p. 881-906, 2012.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Carolina Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MAIA, Edson Galvão. **Atlas linguístico do sul amazonense – ALSAM**. 2018. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. 2. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. (org.). **Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006.

OLIVEIRA *et al.* Imagens preliminares da realização Variável de /l/ prevocálica no Estado do Pará. **Signum: Estudo da Linguagem**. n. 1 v.12, Jul. 2009. p. 257-278.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PEDROSA, Larissa Moraes. **O Status da nasal palatal [ɲ] em João Pessoa**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **GoldVarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SANTOS, Janaína Maciel dos Santos; CHAVES, Lindinalva Messias do Nascimento. A realização da lateral palatal /ʎ/ no Atlas Lingüístico do Acre (ALIAC). **Revista PHILOGUS**, Ano 18, nº 54- Suplementos Anais VII JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2012. p. 142-157.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

SOARES, Eliana Pereira Machado. **As palatais lateral e nasal nos falares paraenses: uma análise variacionista e fonológica**. Tese. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua portuguesa**. Tradução: Celso Cunha. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

TORRES, Francinery Gonçalves Lima. **A realização das variantes palatais /ʎ/ e /ɲ/ nos municípios de Itapiranga e Silves (parte do Médio Amazonas)**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2009.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WEISS, Helga Elisabeth. **Fonética articulatória: guia e exercícios**. 2. ed. Série: Curso de Metodologia Linguística. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1980.

APÊNDICE A - TCLE



**Poder Executivo
Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
Faculdade de Letras
Mestrado em Letras**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O senhor(a) está sendo convidado(a) a participar como colaborador da minha pesquisa. Ela está sendo realizada pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e pretende investigar a realização da lateral alveolar /l/ e /n/ diante de /i/ e de /ɛ/ e /ɐ/ entre vogais, na fala do português anamaense/beruriense. Eu me chamo Francisca Alves da Silva Miranda, sou estudante e pesquisadora responsável pelo trabalho, ora citado, assim peço sua autorização para entrevistá-lo e gravar nossa entrevista. O senhor(a) foi escolhido porque mora na cidade e se encaixa nos critérios pré-estabelecido no projeto.

Se autorizar esta entrevista, ela será utilizada apenas para análise do fenômeno investigado. Se desejar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra minha, da pesquisadora responsável pelo trabalho. Se depois que autorizar a entrevista, o senhor (a) não quiser que a gravação seja usada, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da entrevista, independente do motivo e sem prejuízo. O senhor(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhum benefício por estar colaborando. Mas a sua participação é importante para conhecermos melhor o falar do português beruriense.

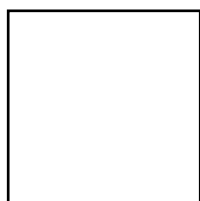
Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas a sua identidade não será divulgada, sendo guardada em segredo. Para qualquer outra informação, você poderá entrar em contato comigo pelo telefone (92) 9XXXX-XXX0 ou por e-mail.

Consentimento Pós-Informação:

Eu _____ fui informado (a) sobre os objetivos da pesquisadora e sobre a importância da colaboração do meu filho (a). Assim sendo, concordo que ele (a) em participe da pesquisa, sabendo que não vou receber nada por isso e que posso retirá-lo (a) a qualquer momento, sem prejuízo algum. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada, que vou guardar.

Assinatura do responsável pelo colaborador

Assinatura do pesquisador responsável



Impressão do dedo polegar,
caso não saiba assinar

Data ____/____/____

APÊNDICE B - FICHA DA LOCALIDADE

Nome do lugar:

Número no mapa:

Microrregião:

Coordenadas Geográficas:

Área (Km²):

Distância em relação à Manaus:

Cidades Próximas:

Vias de Comunicação:

Data de Fundação:

Nomes Anteriores:

Número de Habitantes:

Gentílico:

Padroeiro(a):

Dia do Padroeiro(a):

Atividades Econômicas:

Atividades Esportivas:

Observações:

APÊNDICE C - FICHA DO INFORMANTE

Código:

Nome:

Sexo: Faixa Etária: Idade:

Local de Nascimento:

Estado Civil:

Escolaridade:

Morou sempre no local? () Sim () Não Onde?

Quanto tempo?

Outros domicílios:

Profissão:

Outras Atividades:

Aparelho Fonador: () Bom () Com problemas Qual?

Características Psicológicas: () Nervoso () Tranquilo () Espontâneo

Naturalidade da Mãe:

Naturalidade do Pai:

Naturalidade do Cônjuge:

Dispensado do serviço militar? () Sim () Não Onde serviu?

Viagens: () No Amazonas () Outros estados

Que municípios do Amazonas conhece?

Que outros estados conhece?

APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO

1. LIMÃO. Para lavar o peixe antes de cozinhar, usamos o _____. (Mostrar imagem).
2. GETÚLIO VARGAS. Qual o nome do presidente da república que foi um ditador? (Mostrar imagem).
3. QUALIDADE. A educação desta escola atualmente tem evoluído, em relação a anos anteriores. Ela está de boa _____.
4. LIVRO. Um bom aluno gosta de ler revistas, jornais e _____. (Mostrar imagem).
5. LINHA. Qual o nome deste fio que a costureira usa na agulha para costurar? (Mostrar imagem).
6. DELÍCIA. O nome desta margarina é _____. (Mostrar imagem).
7. ALIANÇA. O casal namora, noiva e quando vão casar, os noivos usam _____. (Mostrar imagem).
8. LIXA. O nome deste objeto usado para lixar os pés é _____. (Mostrar imagem).
9. OLIMPÍADAS. Este símbolo representa os jogos das _____. (Mostrar imagem).
10. ALICATE. Este objeto usado pelas manicures para retirar a cutícula é _____. (Mostrar imagem).
11. PALITO. Este objeto feito de madeira para palitar os dentes chama-se _____. (Mostrar imagem).
12. VALIOSO. Um objeto muito caro como o diamante dizemos que é _____.
13. LIXO. O que o (a) senhor (a) ver na imagem _____. (Mostrar imagem).
14. POLIDO. O chão da quadra está _____. (Mostrar imagem).
15. HELICÓPTERO. Existem vários meios de transporte, entre eles canoa, barco e _____. (Mostrar imagem).
16. SOLITÁRIO. O homem casou, depois separou e ficou _____. (Mostrar a imagem).
17. CATÓLICOS/EVANGÉLICOS. A cidade de Anamã/Beruri é muito religiosa, portanto temos muitos _____/_____. (Mostrar a imagem).
18. LÍQUIDO. Esta água está no estado, sólido ou líquido? (Mostrar imagem).
19. LÍNGUA. Esta imagem é de uma _____. (Mostrar imagem).
20. LIXEIRA. O nome desse objeto para colocar o lixo é _____. (Mostrar imagem).
21. POLÍCIA/MILITAR. Para fazer a segurança da população beruriense, nós temos a _____ civil e a _____. (Mostrar imagem).

22. CÁLICE. Na igreja católica tem um ritual que é chamado de comunhão, nesse momento o vinho é colocado em um _____. (Mostrar imagem).
23. HÁLITO. A pessoa que não escova os dentes ou tem problema de estômago pode ter mal _____. (Mostrar imagem).
24. CÍLIOS. Esta imagem é de um _____. (Mostrar imagem).
25. LITRO/ÓLEO/LIZA. Esta imagem é de um _____ de _____, _____. (Nessa questão, o informante vai dizer a medida, o produto e a marca).
26. SIMBÓLICO. A cruz é um objeto _____ do catolicismo. (Mostrar imagem).
27. HABILIDADE. Quem toca instrumento tem _____ musical.
28. CÓLICA. Algumas mulheres, no período menstrual, sentem dor de _____.
29. ALÍVIO. Quando você está com dor de cabeça, toma um remédio e a dor passa, sente um _____.
30. RELÍQUIA. Um objeto antigo que você guarda, você costuma chamar de _____.
31. VELINHA. O diminutivo de vela é _____.
32. PELÍCULA. O que você coloca para proteger a tela do seu celular? _____.
33. PALIDEZ. Um dos sintomas da anemia é a _____.
34. LÍRIO. Esta flor recebe o nome de _____. (Mostrar imagem).
35. FAMÍLIA. Pai, mãe, filhos, sobrinhos, avós reunidos chamamos de _____?
36. FILINHA (FILA). O que o(a) senhor(a) vê na imagem? O diminutivo de FILA é _____.
37. FILHINHA (FILHA). O que o(a) senhor(a) vê na imagem? O diminutivo de FILHA é _____.
38. VELINHA (VELA). O que o(a) senhor(a) vê na imagem? O diminutivo de VELA é _____.
39. VELHINHA (VELHA). O que o(a) senhor(a) vê na imagem? O diminutivo de VELHA é _____.
40. GALINHO (GALO). O que o(a) senhor(a) vê na imagem? O diminutivo de GALO é _____.
41. GALHINHO (GALHO). O que o(a) senhor(a) vê na imagem? O diminutivo de GALHO é _____.
42. CAPELINHA (CAPELA). O que o(a) senhor(a) vê na imagem? O diminutivo de CAPAELA é _____.
43. CANELINHA (CANELA). O que o(a) senhor(a) vê na imagem? O diminutivo de CANELA é _____.

44. TABELINHA (TABELA). O que o(a) senhor(a) vê na imagem? O diminutivo de TABELA é_____.
45. CASTELINHO (CASTELO). O que o(a) senhor(a) vê na imagem? O diminutivo de CASTELO é_____.
46. AMARELINHO (AMARELO). O que o(a) senhor(a) vê na imagem? O diminutivo de AMARELO é_____.
47. FARELINHO (FARELO). O que o(a) senhor(a) vê na imagem? O diminutivo de FARELO é_____.
48. CABELINHO (CABELO). O que o(a) senhor(a) vê na imagem? O diminutivo de CABELO é_____.
49. FLANELINHA (FLANELA). O que o(a) senhor(a) vê na imagem? O diminutivo de FLANELA é_____.
50. GOELINHA (GOELA). O que o(a) senhor(a) vê na imagem? O diminutivo de GOELA é_____.
51. JANELINHA (JANELA). O que o(a) senhor(a) vê na imagem? O diminutivo de JANELA é_____.
52. COTOVELINHO (COTOVELO). O que o(a) senhor(a) vê na imagem? O diminutivo de COTOVELO é_____.
53. VERGONHA. Aquela pessoa quando vê muita gente, se esconde têm _____.
54. ACANHADAS. E são _____.
55. AFOBADINHO. Quando fazemos algo com pressa (rápido), é porque estamos afobados. Qual o diminutivo da palavra afobado? (Fazer gesto com a mão).
56. CARINHO. Passar as mãos nos cabelos, no rosto de alguém é o mesmo que fazer _____.
57. CASTANHA. Culturalmente, a cidade de Beruri é conhecida como a terra da _____. Aquele fruto que tem dentro de um ouriço que descascamos?
58. ACOMPANHANTE. Crianças e pessoas idosas precisam de alguém para estar sempre ao lado delas. Por isso, precisam de um (a) _____.
59. ARRANHAR. O gato usa as garras para _____. (Fazer gesto).
60. ARRANHÃO. A onça é um animal da floresta, talvez, por isso, selvagem. Com as patas dela é dá _____. (Fazer gesto de arrANHAR).
61. ACOMPANHAR. Quando não queremos ir a algum lugar sozinho, chamamos alguém para nos _____.

62. ADIVINHAR. Naquela brincadeira de criança em que, sem ver, precisamos acertar o que temos nas mãos. Nós fechamos os olhos e precisamos _____.
63. ABOBRINHA. Qual o diminutivo da palavra abóbora? _____. Uma abóbora pequena é uma_____.
64. REBANHO. O guardador de gado cuida do _____.
65. DEDINHO. Um dedo grande é um dedão. Um dedo pequeno é um _____.
66. ALMOFADINHA. Uma almofada grande chamamos de almofadão e uma almofada pequena chamamos de _____ ?
67. AMANHÃ. Um serviço não deu para acabar hoje, eu deixo para acabar _____.
68. AMANHECE. Quando termina o dia, anoitece. Quando começa o dia, _____.
69. BOQUINHA. O diminutivo de boca é _____. Uma boca pequena é uma_____.
70. BAINHA. Pegar a beira da calça, dobrar e costurar é o mesmo que fazer a _____.
71. BANDEIRINHA. Diminutivo de bandeira? (Fazer gesto com a mão).
72. BANHA. Quando você abre o tambaqui o que você encontra grudado na costela?
73. BANHAR. Quando você vai ao rio ou igarapé, você vai para se _____. (Fazer gesto com a mão).
74. FARINHA. Quando você come peixe, não pode faltar a _____.
75. VIZINHO. Como você chama a pessoa que mora perto sua casa?
76. BANHEIRO. Quando você quer fazer xixi, você vai ao _____.
77. ANJINHOS. Fale o diminutivo de anjos.
78. BARQUINHO. Diminutivo de barco? Um barco pequeno é um _____.
79. CABOCLINHO. O filho do caboclo é o _____. O diminutivo de caboclo é _____.
80. CAFEZINHO. Diminutivo de café é _____. Um café pequeno é um _____.
81. ARRAIA. Qual é o nome daquele peixe que é redondo e tem um esporão no rabo?
82. ARRAIAL. Qual o nome que a gente dá para os festejos em homenagem aos santos?
83. CALCINHA. O homem usa cueca, a mulher usa _____.
84. CALÚNIA. Quando uma pessoa inventa algo sobre uma outra para desmoralizá-la, ela está levantando ou fazendo uma _____.
85. CUIA. Como se chama aquele objeto no qual se coloca o tacacá e, ainda, serve para tirar a água da canoa?

86. CAMINHÃO. Como se chama aquele carro grande que carrega areia, banana, tijolo etc.?
87. CEBOLINHA. Qual o nome daquela folhinha comprida e verde que colocamos para temperar a comida e juntamos a alfavaca e chicória?
88. LENHA. Qual o nome que damos aquele monte de madeira cortadas para fazer fogo?
89. CAMISINHA. Uma camisa grande é camisona e uma camisa pequena é uma _____.
90. CRÂNIO. Qual o nome desse casco que recobre a nossa cabeça?
91. DESMAIO. Se eu tenho um susto ou tenho uma emoção muito forte e perco o sentido, eu _____.
92. ENGATINHAR. Antes de a criança andar, ela primeiro aprende a _____.
(Se necessário, fazer gesto).
93. ESTRELINHA. Qual o diminutivo de estrela? Uma estrela pequena é uma _____.
94. FOCINHO. Qual o nome que você dá para isso (fazer gesto) do porco? Qual o nome daquela parte do porco onde se coloca o arame para ele não fuçar a terra?
95. FOLINHA. A folha pequena é uma _____.
96. FOLIA. Qual o nome que você dá para aquele momento em que está se divertindo, brincando e dançando muito?
97. FRONHA. Qual o nome daquela capa que usamos para cobrir o travesseiro?
98. GALINHA. Qual é o nome da fêmea do galo?
99. GALINHEIRO. Onde elas dormem?
100. GANHAR. O contrário de perder é _____.
101. JOIA. Ao conjunto de brincos, pulseiras, cordões e anéis damos o nome de _____.
102. JULHO. Qual o mês que vem depois do mês em que acontece a festa de Santo Antônio (Santo casamenteiro)?
103. JUNHO. Qual o nome do mês do Santo casamenteiro?
104. JUNINHO. O diminutivo de Júnior é _____.
105. LINHA. Qual é o nome daquele fio que colocamos na agulha para costurar as roupas?
106. MANDIOQUINHA. Como se chama a mandioca pequena?
107. MANHOSA. Uma pessoa dengosa é uma pessoa _____.
108. MANINHO/MANINHA. Qual a maneira carinhosa que costumamos chamar o irmão mais novo? Qual o diminutivo de mano (a)?
109. MEDONHO. Quando você vê um animal muito feio, que desperta muito medo, você o chama de _____.

110. MESQUINHA. Como você chama aquela pessoa sovina?
111. MINHOCA. Qual o nome daquele bichinho que se tira da terra e se usa como isca na pesca?
112. NINHADA. Qual o nome que se dá quando a galinha tem os pintos?
113. NINHO. Qual o nome que se dá para aquele lugar que os pássaros preparam na árvore para colocar os ovos?
114. PANELINHA. O contrário de panelão é _____. Uma panela pequena é uma _____.
115. REDEMOINHO. Qual o nome daquele vento forte que toma forma de círculo e leva tudo por onde passa?
116. RAINHA. Qual o feminino de rei? Quem é a mulher do rei?
117. SEM-VERGONHA. Uma pessoa que faz um mal-feito e, mesmo quando você briga (ralha) com ela, continua a fazer, é uma pessoa sem _____.
118. SENHOR. Se não é um rapaz é um _____.
119. SENHORA. Uma mulher casada é uma _____.
120. SAPATINHO. Um sapato pequeno é um _____.
121. SONHO. Quando a gente dorme costumamos ter _____.
122. VELINHA (VELA). Uma vela pequena é uma _____.
123. VINHO. Qual o nome daquela bebida escura que tomamos na época de natal?
124. AGORINHA. Qual o diminutivo de agora?
125. PEIXINHO. Se o peixe for pequeno, dizemos que é um _____.
126. ESPINHA. Como se chama aquela coisa fina que todo peixe tem dentro dele e que é perigoso se engolirmos? Aquilo que se deve catar com muito cuidado antes de comer o peixe?
127. BOTINHO. O diminutivo de boto é _____.
128. CONHEÇO. Se tu conheces Fulano, eu também _____.
129. CANOINHA. Quando a canoa é pequena, ela é uma _____.
130. PAMONHA. Qual o nome da comida que se faz com milho verde, que se tira a palha e rala num ralo ou moinho, que se põe açúcar, sal, castanha ou coco e erva doce, põe para cozinhar e depois come com café?
131. SANTO ANTÔNIO. Como se chama aquele santo casamenteiro que se festeja no dia 13 de junho?
132. MENININHA/MENININHO. Qual o diminutivo de menininho (a)?
133. PANINHO. Qual o diminutivo de pano?

134. CANINHA. Uma cana pequena é uma _____.
135. CANINHO. O diminutivo de cano é _____.
136. MADRINHA/PADRINHO. Quando você é convidado para batizar uma criança, você passa a ser o quê dessa criança?
137. AFILHADO(A). E a criança, passa a ser o quê pra você?
138. ASSOALHO. Toda casa de madeira tem teto, paredes e _____.
139. MULHER. O contrário de homem é _____.
140. FILHO (A). O que você é de sua mãe?
141. PIOLHO. Qual o nome daquele bichinho que dá na cabeça das crianças e que coça muito?
142. CANALHA. Em todo lugar existem pessoas que se aproveitam da bondade dos outros para enganá-las. Como você chama esse tipo de pessoa?
143. ABELHA. O mel é algo muito doce e bom para curar a tosse, a gripe e o resfriado. O mel é produzido pela _____? (Se necessário, mostrar gravura).
144. AGASALHO. Na época do frio, ao sair de casa você usa o que para se proteger do frio?
145. ABELHUDA. Aquela pessoa curiosa que gosta muito de xeretar a vida alheia é uma pessoa _____.
146. ABOBALHADO (A)/ABESTALHADO (A). Uma pessoa palerma é apalermada. O pateta é apatetado. O bobo é _____. E a que é besta é um _____.
147. PALHETA. Aquele objeto que roda dentro do ventilador e que produz vento é a _____. (Mostrar, caso tenha algum perto).
148. OLHOS. Naquela brincadeira em que, sem ver, precisamos acertar o que temos nas mãos,nós fechamos os _____. (Mostrar os olhos).
149. BATALHAR/GUERRILHAR. Quando um país entra em guerra com outro país, eles irão travar uma _____. Portanto, eles irão _____.
150. AJOELHAR. Quando vamos à igreja, vamos para orar. Na hora de cantar temos que ficar em pé e na hora de rezar temos que _____. (Se necessário fazer o gesto).
151. OVELHA. Aquele animal que tem pelos brancos utilizados para fazer lã se chama _____. Qual o nome da fêmea do carneiro?
152. BILHETE. Antigamente não tínhamos telefone para nos comunicarmos. Então, a comunicação era feita através de carta e _____.
153. ATALHO. Se você tem que ir pra um lugar distante de sua casa e, de repente, você lembra que tem um caminho mais curto para chegar nesse lugar. Você chama esse caminho mais curto de _____.

154. BISBILHOTEIRA. Qual o nome que você dá a uma pessoa curiosa, que sempre está querendo saber da vida alheia?
155. VERMELHO. Qual é a cor do sangue?
156. CARTILHA. Qual o nome daquele livro que a criança usa na escola para aprender a ler?
157. CHOCALHO. Qual é o outro nome que você dá ao maracá? Aquele brinquedo que a gente sacode em frente da criança para acalenta-la?
158. DESGALHAR. Arrancar os galhos de uma árvore é o mesmo que _____.
159. ENVELHECER. O contrário de rejuvenescer é _____.
160. ILHA. Como a gente chama aquele pedaço de terra que se forma no meio do rio?
161. FOLHAGEM. Quando você vir muitas folhas caídas em um determinado lugar, esse lugar está coberto por _____.
162. GRISALHO. Qual o nome que damos ao cabelo quando começa a aparecer fios brancos?
163. MALHADEIRA. Qual o nome daquele objeto que se estica no lago ou no rio para se pegar o peixe?
164. MIGALHA. Qual o nome que damos ao resto de algo que uma pessoa dá a outra?
165. MILHINHO. Um milho pequeno é um _____.
166. MILHÃO. Um milho grande é um _____.
167. MOLHO. Qual o nome que se dá aquele monte de temperos cortados em miúdos e misturados com caldo de limão que se usa para acompanhar o peixe?
168. ORVALHO. Qual o outro nome que damos ao sereno (da noite)?
169. PALHAÇO. Qual a coisa que não pode faltar no circo? O que não pode faltar no circo?
170. QUILHA. Qual o nome daquela tábua que fica dentro d'água embaixo da canoa?
171. TALHER. Ao conjunto de garfo, faca e colher damos o nome de _____.
172. TRABALHO. A pessoa que sai todos os dias para o emprego, vai para o seu _____.
173. VELHA. O contrário de nova é _____.
174. VELHICE. Depois da juventude vem a _____.
175. CONSELHO. Quando estamos com problemas, procuramos uma pessoa amiga para pedir-lhe um _____.
176. GALHO. Toda árvore tem tronco e pode ter fruto e flor. O que mais uma árvore pode ter?
177. FOLHA. O que toda árvore tem?
178. MILHO. Do que se faz a pipoca?

179. PALHA. O chapéu que o pescador e o agricultor usam geralmente é feito de _____?
180. BORBULHA. Quando a água ferve, o que a água faz?
181. JULHO. Qual é o mês que vem depois do mês que acontece a festa de Santo Antônio?
182. ACONSELHAR. As pessoas idosas (mais antigas) costumam chamar os mais novos para dizer-lhes o que devem e o que não devem fazer. Isso é uma maneira de _____.
183. UNHA. Como se chama isto? (Mostrar figura).
184. ARANHA. Qual é o nome disto? (Mostrar figura).
185. CALCANHAR. Como se chama isso? (Mostrar figura).
186. DINHEIRO. Qual o nome disto? (Mostrar figura).
187. PUNHO. Qual o nome disto? (Mostrar figura).
188. AGULHA. Como o(a) senhor(a) chama este objeto?
189. ALHO. Qual o nome que você dá a isto? (Mostrar uma figura de alho).
190. BARALHO. Como se chama aquele jogo na qual se utilizam cartas? (Mostrar figura).
191. CAMBALHOTA. Qual o nome desta brincadeira? Dizemos que a criança vai virar uma _____. (Mostrar imagem).
192. COALHO. Qual o nome deste queijo branco cheio de furinhos? (Mostrar imagem).
193. COALHADA. Qual é o nome que se dá aquele leite que guardado por três dias forma (cria) soro e nata? (Mostrar imagem).
194. COELHO. Qual o nome desse animal? (Mostrar imagem).
195. ESPELHO. O que é isto? (Mostrar imagem).
196. MEDALHA. Como se chama o cordão que se recebe quando, participando de um torneio, ganhamos? (Mostrar imagem).
197. ORELHA. O nome disso é? (Mostrar imagem).
198. ORELHÃO. Qual o nome disto? (Mostrar imagem).
199. PILHA. Qual o nome que você dá a isto? (Mostrar imagem).
200. TELHA. Qual o nome daquele objeto de barro que usamos para cobrir a casa?
201. TELHADO. Qual o outro nome que damos ao teto da casa? (Mostrar imagem).
202. TOALHA. Como chamamos aquele pano que usamos para nos enxugar ao sairmos do banho? (Mostrar imagem).
203. REPOLHO. Que nome o senhor (a) dá para este legume? (Mostrar imagem).
204. CAMPAINHA (amídala). Qual o nome que você dá a isso? (Mostrar).